Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 225
Agosto 83
Terça-feira

9

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

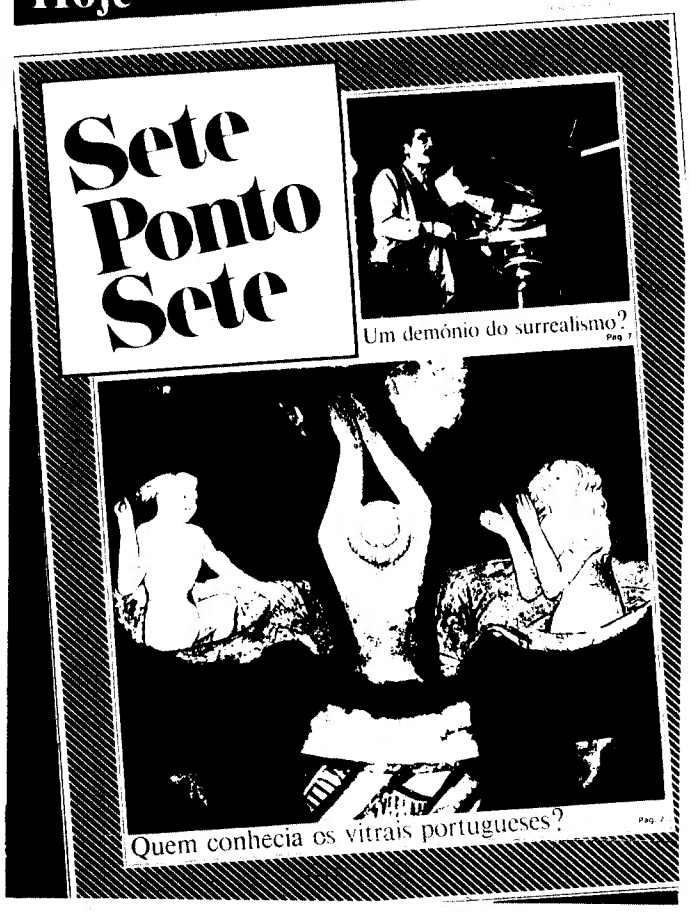
Adiada assinatura da carta de intenções

Soares forçou oposição a calar informações sobre acordo com o FMI

Foi por mero acidente que a Comunicação Social soube ontem, com quatro horas de antecedência, que o Governo ia receber os partidos da oposição para lhes dar conta das negociações com o FMI. Um telefonema do MDP para a nossa Redacção, telefonemas nossos para as agências e contactos destas com os partios, levaram – pelos vistos contra a vontade de Mário Soares – os jornalistas a noite passada a S. Bento. Vá lá que não ficaram à porta. Tiveram direito a uma salinha e a um café menos mau. Mas quanto a informação, Soares conseguiu o que queria, forçou os partidos a receber as novidades «sob reserva». Resultado: os jornalistas saíram da residência oficial do PM já depois da meia-noite e, no essencial, tinham apurado apenas que o Governo ainda não assinara o acordo com o FMI. Horas antes, Mário Soares recebera uma delegação do Sindicato dos Jornalistas para discutir imagine-se o «relacionamento» do Governo com os profissionais de Informação

Pág. 7

Hoje



Um demónio do surrealismo?
Pág. 7

Quem conhecia os vitrais portugueses?
Pág. 7

Lúcio Correia procurou estabelecer o diálogo entre os assaltantes e a PSP evitando assim o confronto que se adivinhava e que poderia ter resultado numa tragédia

Ontem à tarde no Largo de São Domingos

Dois espanhóis assaltaram ourivesaria e mantiveram catorze pessoas como reféns

Pág. 9

Ele comanda tudo

Um rapaz que conhecia o percurso de olhos fechados foi sensação na 1.ª etapa em estrada vivida nesta Volta a Portugal em Bicicleta. José Henriques, nascido há 22 anos em Santana da Carnota, desde miúdo a morar nos Negrais mas agora correndo pelo Centro Ciclista de Tavira, pedalou rijamente até conquistar (bem isolado da concorrência) o alto da serra de Montejunto. De uma assentada tornou-se comandante de todas as classificações: será que vai entrar no Algarve de amarelo?

Págs. 18 e 19

Golpe de Estado na Guatemala

Mejia Victores depõe Rios Montt

Págs. centrais

Era a receita da sala de jogos no fim-de-semana

Três mil contos roubados à porta do Casino Estoril

Pág. 24

HOJE: CUPÃO N.º 2

VERÃO DL 83

s 2 páginas do Álbum
re Fixe
ado a Carlos Botelho

Ainda pode concorrer
(página 2)

A solução total da sua vida:
Uma carrinha URVAN de 9 lugares
da Datsun – Nissan

Volta a Portugal

O «DL» presente com o patrocínio de

BEDFORD GM

Um produto General Motors

Hiroshima e Nagasaki –o porquê de um genocídio

Vítor Garrido *

No dia 6 de Agosto de 1945 a maior parte dos operários estava já a trabalhar, embora àquela hora ainda um bom número se encontrasse a caminho. Quase todas as crianças das escolas e um certo número de empregados trabalhavam ao ar livre no programa de demolição de edifícios para construir abrigos. O ataque ocorreu três quartos de hora após ter cessado o fim de um alerta. Assim, o desmoronamento de numerosos edifícios e o incêndio provocaram um número de vítimas até então nunca verificado como consequência de uma só acção: perto de 80 000 mortos e igual número de feridos e estropiados.

Três dias depois, em Nagasáqui, a cidade estava um pouco mais preparada que Hiroxima mas isso de nada serviu: nos abrigos, que podiam acolher cerca de 30% da população, apenas se encontravam cerca de 400 pessoas.

Tanto em Hiroxima como em Nagasáqui a escala de desastre foi tal que a vida urbana e industrial parou. Os ataques «clássicos» mais destruidores como por exemplo o ataque incendiário a Hamburgo em 1943 e a Tóquio em 1945 não tinham produzido um efeito comparável.

De facto para obter algo de semelhante aos efeitos da bomba de Hiroxima que, segundo parece, pesava cerca de 7 toneladas, teria sido necessário largar perto de 2100 toneladas de bombas, sendo 400 toneladas de tipo explosivo, 1200 de tipo bomba incendiária e 500 de bombas antipessoal de fragmentação. A quantidade de aviões necessários para igualar a triste proeza do não menos tristemente famoso Enola Gay seria de 210 bombardeiros do mesmo tipo, isto é «B-29».

Mas porque foi tomada a decisão de lançar bombas atómicas sobre as duas cidades japonesas?

A versão justificativa de Truman é a de que as bombas foram utilizadas «para encurtar a agonia da guerra e para poupar a vida a milhares de jovens americanos que de outro modo teriam morrido em combate na invasão do arquipélago nipónico». No entanto, quer os factos, quer os depoimentos de alguns estrategos norte-americanos desmentem esta teoria elaborada pelo presidente dos Estados Unidos, ou, se não quisermos fulanizar a História por uma nação para se justificar perante o mundo ou quiçá perante si própria.

Com efeito, no Verão de 1945 o Japão estava vencido: 75% da sua frota comercial jazia no fundo dos mares, incluindo 800 000 toneladas de arqueação bruta de petroleiros. As instalações industriais que tinham sofrido bombardeamentos estavam a laborar a 25% e metade das que os não tinham sofrido não funcionavam por falta de reabastecimento.

O general Arnold escreveu: «Sem querer diminuir os resultados espantosos da bomba atómica (...) o facto é que os japoneses não poderiam aguentar-se muito tempo pois tinham perdido o domínio do ar. Por isso não podiam opor resistência nem aos bombardeamentos nem ao bloqueio da navegação.»

Também Nitze escreveu: «Supomos que o Japão se teria rendido de qualquer maneira até Novembro, a bomba atómica apenas fez antecipar a data da capitulação».

Os receios infundados (ou mesmo inventados) de Truman relativamente à perda de vidas que a ocupação do Japão poderia acarretar não encontram razão de existir, pois o Japão, ou se rendia ou morria de fome...

Porquê então? Voltamos a perguntar, 2 bombas atómicas naquelas precisas datas, quando o projecto Manhatan (projecto de desenvolvimento e construção de um engenho nuclear) ainda se encontrava tão atrasado que o dr. Philip Morrisson, um dos «pais» da bomba implicado no projecto, ficou espantado ao receber directivas no sentido de que uma data próxima de 10 de Agosto seria o limite último e misterioso que deveria ser respeitado «a todo o custo de risco, de dinheiro, ou de lógica de aperfeiçoamento...?»

É que a União Soviética comprometera-se em Yalta e em Teerão a declarar guerra ao Japão. A data da Conferência de Potsdam aproximava-se e a promessa soviética apontava para o desencadear dessa intervenção 3 meses depois do fim da Guerra. Ora o conflito mundial na Europa terminou em 8 de Maio, pelo que a ofensiva contra o Japão se desencadearia numa data próxima de 8 de Agosto.

A justaposição das datas dispensa mais comentários. Tudo se começa a articular de uma forma absolutamente clara...

O presidente americano não teve quaisquer pruridos em sacrificar 150 000 vidas e estropiar outras tantas para ganhar uma posição na partilha de zonas de influência. Para ele, o terror unilateral ainda era a forma mais adequada de pôr fim à guerra, como se pode constatar através deste extracto das suas «Memórias»:

«(...) Nenhuma demonstração técnica, como por exemplo a explosão numa ilha deserta, era susceptível de pôr fim à guerra; era indispensável lançar uma bomba contra um objectivo real».

A recente teoria da guerra nuclear limitada vem , pois, na sequência deste tipo de preferência do efeito real sobre o efeito de demonstração...

Por isso a única forma segura de evitar a guerra nuclear consiste em evitar que existam bombas. A Leste e a Oeste.

É a reivindicação da opinião pública mundial. Também a Leste e a Oeste. Na Europa e na América.

A bomba atómica nem sequer serviu para ganhar uma guerra, serviu para ganhar posições.

É preciso que desta vez a HISTÓRIA se não repita...

*** Advogado: membro da Comissão Executiva do Movimento de Opinião Pública «Não às Armas Nucleares em Portugal».**

O 25 de Novembro e a RTP

Para quando a lei das interdições profissionais

Mário Vieira de Carvalho

QUANDO os trabalhadores suspensos do 25 de Novembro se apresentaram ao serviço após a tomada de posse do dr. Proença de Carvalho como presidente do Conselho de Administração da RTP, disse-lhes este que não os podia reintegrar por existir no tribunal do trabalho um processo pendente contra a empresa, mas que acataria a decisão judicial, mal ela fosse conhecida, prescindindo do direito de recurso.

A formação jurídica do dr. Proença de Carvalho permitia-lhe decerto reconhecer que a questão dos trabalhadores afastados no 25 de Novembro era uma causa perdida para a RTP. Portanto, não havia que agravá-la inutilmente com iniciativas dilatórias para além da decisão da primeira instância.

Na verdade, como é sabido, o processo disciplinar contra os 23 funcionários da RTP, na sequência das suspensões decididas pela Administração da empresa após o 25 de Novembro, nasceu logo torto. Primeiro, achou-se que os referidos trabalhadores deviam ser incriminados como suspeitos de cumplicidade numa conspiração político-militar. Como esses processos-crimes não tiveram — nem podiam ter — seguimento, transformou-se então apressadamente, e já fora do prazo legal, a matéria-crime em matéria disciplinar, recorrendo-se ao expediente de inculpar os trabalhadores por «desobediência hierárquica», o que configuraria «justa causa de despedimento».

O processo-crime não tinha base, mas era lógico: se houve conspiração e conspiradores, civis e militares, pois que estes sejam identificados, graduados nas suas respectivas responsabilidades e lançados nas masmorras da justiça democrática.

O processo disciplinar nem tinha base nem era lógico. Foi um pretexto de «Chico esperto» em que a administração embarcou: ser jurista e ser administrador da RTP não envolve qualquer relação de causa e efeito...

Vejamos, num breve resumo, o «filme» dos acontecimentos:

1. Às 6 da madrugada do dia 25 de Novembro uma unidade da EPAM ocupa militarmente as instalações da RTP no Lumiar.

2. A administração continua em funções. Não emite qualquer ordem de serviço nem dá quaisquer ordens aos trabalhadores relacionadas com a ocupação militar ou com as suas possíveis consequências.

3. Os administradores presentes nos estúdios são presos pelos militares ocupantes cerca das 17 horas. Os militares afirmam estar integrados na cadeia hierárquica do Presidente da República e mandam alterar a emissão normal programada. É necessário o concurso de cerca de uma centena de trabalhadores para que essa emissão militar seja posta no ar.

Foi sobre 23 destes trabalhadores (porquê então só 23, alguns dos quais nada tiveram com a emissão?) que viria a recair a acusação de **desobedecerem** à administração, porque... **obedeceram** aos militares. Simplesmente, só existe desobediência hierárquica, quando existe cadeia hierárquica. A partir do momento em que os militares prenderam a administração, a cadeia normal que ligava os trabalhadores à administração foi quebrada. Gerara-se um «estado de necessidade» na empresa.

Nesta nova situação só estava em causa **obedecer** ou **desobedecer** aos militares, que, para mais, invocavam ordens do Presidente da República. Não podia estar em causa obedecer ou desobedecer à administração, porque esta estava impedida de exercer as suas funções, porque o vínculo disciplinar decorrente da cadeia hierárquica da empresa fora anulado por um acto de força. De resto, para que tal problema se pusesse, era necessário que a Administração tivesse tido oportunidade para procurar fazer-se obedecer, emitindo ordens em relação com os acontecimentos, o que não aconteceu.

Havia trabalhadores da RTP mancomunados numa conspiração político-militar? É uma ques-

Continua na pág. 6

● **Estamos praticamente a meio** do nosso Concurso, com cerca de 60 (das 120) páginas do Álbum Sempre Fixe publicadas e a terminar a publicação da 1.ª Série dos cupões. Como o nosso leitor já sabe, deverá recortá-los (são 30 cupões numerados de 1 a 30) e, juntamente com o boletim de identificação, obtém uma colecção completa.

● Entretanto, **vamos começar a publicação dos cupões da 2.ª Série,** durante a qual ofereceremos, também diariamente, duas páginas do Álbum Sempre Fixe. Os 30 cupões da 2.ª Série serão igualmente numerados de 1 a 30 e com eles pode fazer uma nova colecção ou completar a que já tem, no caso de lhe faltar algum número. Com efeito, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries.

● **Poderá assim completar duas colecções e** ficar com o dobro das possibilidades no sorteio final, sabendo de antemão que pelo menos um prémio lhe caberá sempre: um magnífico Álbum, com capa a quatro cores, sobre Carlos Botelho e 120 páginas e desenhos do grande artista.

● O leitor tem tempo (um mês e meio, pelo menos) mas, **se quiser, pode ir enviando as suas colecções.** Recorde-se: **as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e obrigatoriamente pelo correio. O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, nas duas faces** (boletim de identificação e talão-recibo) **com o nome tal como figura no bilhete de identidade.** Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual.

Ainda pode concorrer

O leitor pode concorrer em qualquer altura pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção e, sobretudo, o seu «Álbum Sempre Fixe», este ano dedicado ao grande artista Carlos Botelho), ao preço normal dos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 15 a 17, 1200 Lisboa:

Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (20 escudos, acrescidos de mais 11 escudos de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

Remeta, em sobrescrito fechado, para:
DIÁRIO DE LISBOA-/CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

1983 concurso DL **N.º**

Boletim de identificação do concorrente

(Preencher com letra bem legível, indicar o nome como figura no seu bilhete de identidade)

NOME _____

MORADA _____

TELEF. _____ CÓDIGO POSTAL _____ _____

Vendedor ou estabelecimento onde adquiriu os jornais

NOME _____

MORADA _____

Preencha as duas partes do boletim (não corte, nem separe)
juntar os cupões n.ºs 1 a 30 e enviar para **DIÁRIO DE LISBOA – CONCURSO**
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

1983 concurso DL **N.º**

Talão recibo (deve ser igualmente preenchido)

Selo de 16$00 para devolução

Prenda só por uma ponta sem inutilizar

NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____ _____

Este talão serve apenas para informação do concorrente no que respeita ao número que lhe foi atribuído, não constituindo prova de que a colecção de cupões enviada esteja nas condições previstas no regulamento, o que só será apurado na altura do sorteio.

Concurso DL

3.º Álbum SEMPRE FIXE

ECOS DA SEMANA

CHEGOU A PRIMA VERA - NÃO SE SABE AINDA QUE TAL É O ROSTO. PARABENS Á PRIMA...

ENTROU NO PORTO DE LISBOA UM NAVIO FLATULENTO - PELO NOME SE VE SER MUITO BOM PARA .. QUANDO FAZ TROVOES

BARBARA

O MUNDO ESGRIMISTA VAI FICAR ENTRE A ESPADA E O PAREDES - SASSETI E SILVEIRA -

MONACO E NICE VÃO FICAR AS ESCURAS —

S. PEDRO TEM SIDO DUMA GRANDE ACTIVIDADE NO CALCETAMENTO DAS NUVENS POR CAUSA DOS TURISTAS PARA SEVILHA - TEM SIDO ESSE O MOTIVO DAS TROVOADAS -

SÓ ASSIM OS NOSSOS HOMENS DO CHUTO PODERÃO CUMPRIR A RISCA O PROGRAMA INTERNACIONAL —

OS BOMBEIROS DE PORTUGAL VÃO SER MILITARISADOS — EIS O ASPECTO DE UM APRESENTANDO A MANGUEIRA EM CONTINENCIA -

PADEIROS! CHEGOU A HORA DA REDENÇÃO - 5 HORAS - NUNCA MAIS VOS "LEVANTAREIS - DES" Á MEIA NOITE - PARABENS E PÃO FRESCO

AH!

A APLICAÇÃO DO FLATULISMO AOS AVIÕES (ISTO APESAR DOS CASOS VULGARES FLATULÊNTICOS A BORDO) - PATENTE DE INVENÇÃO -

FORAM MUNICIPALISADOS OS ENTERROS - V.EXA PODERÁ VER EM BAIXO QUAL A POMPA QUE MAIS LHE AGRADA - (LAGARTO, LAGARTO)

1ª CLASSE

2ª CLASSE

3ª CLASSE

R.I.P

BOTELHO

2¢

63

RECORTE POR AQUI

PHILIPS - Mais de 40 anos de experiência em televisão a cores

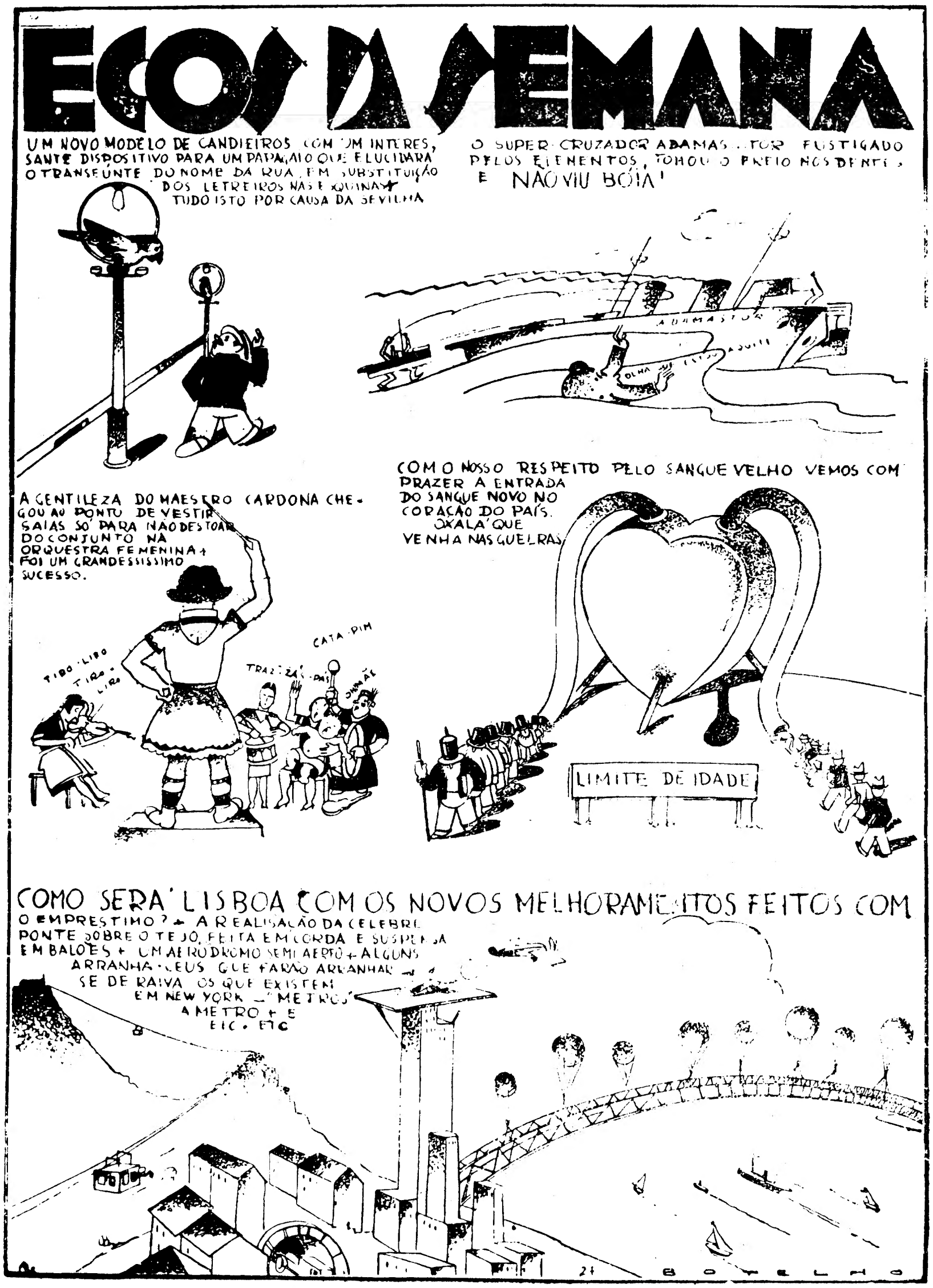
PHILIPS

Cores Naturais

Philips TVcor

3.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL



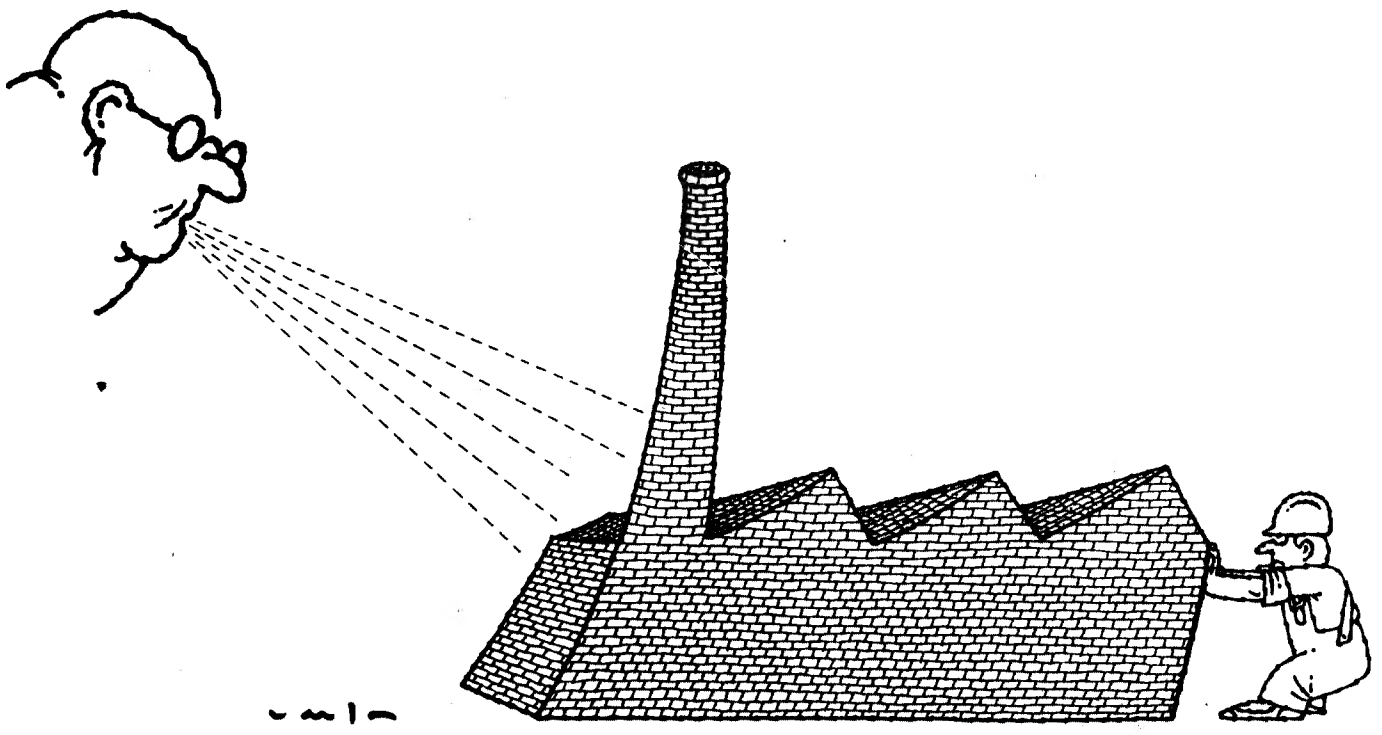
64

ENTREPOSTO
Praça José Queirós, n.º 1
1899 LISBOA CODEX
TEL. 31 40 61

NISSAN DATSUN URVAN
AINDA ... O SEU MELHOR INVESTIMENTO

NISSAN NISSAN
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

RECORTE POR AQUI



O regresso do Fundo Monetário Internacional: o caminho para agravar a crise

Silva Falcão

Eles aí estão, os homens do Fundo Monetário Internacional. Trata-se de um facto já esperado, se considerarmos os antecedentes, a médio e a curto prazo. Os antecedentes a médio prazo reportam-se às negociações efectivadas há três anos por uma delegação portuguesa em Washington chefiada por Cavaco Silva. Existe aqui uma clara continuidade, a manutenção de uma teimosa política económica de direita, a qual reflecte a sujeição aos interesses de classe dos mais elementares interesses do povo português, que se situam fundamentalmente na defesa do poder de compra das populações e, ao mesmo tempo, na salvaguarda da defesa da independência nacional. Os antecedentes a curto prazo localizam-se nos sinais inequívocos de qual foi a opção decidida pelo Governo PS/PSD. Uma opção de conduzir o País pelos mesmos trilhos que transportaram Portugal para a situação de crise que hoje vive.

O País já foi sujeito a uma experiência do Fundo Monetário. Essa experiência saldou-se por um fracasso, tal como todas, mas todas, as experiências do Fundo (a quem alguns chamam fabricante de moeda-falsa internacional) nos mais variados países redundaram em verdadeiros fracassos, por vezes com aspectos desastrosos. Como a nossa lição não aproveitou, como as lições alheias não tiveram a menor receptividade por parte dos nossos governantes, admitindo ainda que existiu ainda uma decisão própria de um Estado independente, volta à superfície o tema relativo ao significado de uma aceitação das condições FMI, sobretudo por não se acreditar que seja dito aos portugueses qual o teor das medidas impostas pelo Fundo.

A quando do primeiro acordo com o Fundo, no 1.° Governo Constitucional, com o Partido Socialista sozinho, as medidas do primeiro pacote foram conhecidas nos Estados Unidos antes de serem conhecidas em Portugal, anunciadas na Televisão pelo sr. Carlucci.

Embora variando no pormenor, há um conjunto de princípios essenciais que caracterizam os programas impostos pelo Fundo Monetário. Esses princípios são os seguintes: 1) abolição ou liberalização dos controlos ao comércio externo e às importações; 2) desvalorização da taxa de câmbio; 3) Programas anti-inflacionários, incluindo: a) controlo do crédito bancário; taxas de lucro mais altas e possivelmente maiores exigências quanto às reservas; b) controlo do défice governamental e restrições aos gastos; aumentos das taxas e dos preços a cargo das empresas públicas; abolição dos subsídios ao consumidor; c) controlo dos aumentos salariais; d) desmantelamento dos controlos dos preços; 4) maior receptividade aos investimentos estrangeiros.

Se repararmos bem, encontramos nos programas FMI todas as medidas intentadas por regimes de direita, as medidas intentadas pelas políticas que nos têm (des)governado desde 1975. Se tais medidas não foram conseguidas em pleno no nosso País, o facto é devido à acção das forças progressistas, que, através de uma luta de massas, vem impedindo que se concretizem os desígnios da classe dominante. Lá está, na estratégia dos homens do Fundo, a orientação de libertar os preços e limitar os aumentos salariais, com vista a incrementar a taxa de lucro, aliás expressa por forma explícita. Lá está também a maior receptividade aos investimentos estrangeiros, em relação à qual se procura revisão das leis laborais, satisfazendo as pretensões do exterior, com exigência de maior docilidade por parte da classe trabalhadora. Lá está igualmente o controlo do crédito bancário, que dificultará a vida das pequenas e médias empresas, facilitando a acumulação do capital que está na génese do capitalismo, e, paralelamente, a elevação das taxas de juro, um verdadeiro ataque aos investimentos produtivos. E, quando se fala em controlo anti-inflacionista, pratica-se um logro, mais um. Eles conhecem bem os efeitos das suas medidas, que não controlam a inflação, e não podem controlar por uma razão simples. Porque os preços não se formam hoje por concorrência perfeita de mercado, mas em mercado imperfeito, forjado em bases oligopolistas. Estas bases baixam arbitrariamente os preços.

Pode estranhar-se, à primeira vista, que perante resultados tão castatróficos na aplicação de uma política económica, se insista em procedimentos que nem o tecnocrata mais sofisticado consegue explicar. Já tentámos indagar junto de economistas, alguns bem insignes, qual será o futuro de todos nós a ser prosseguida a via actual, caracterizada pelo desastre. Como resposta, deparamos com a crença no sistema, um sistema que passou por dificuldades, mas encontra sempre soluções.

Para aqueles adeptos condicionais do sistema capitalista, todos os que, surdos aos argumentos mais irrefutáveis, preferem afundar-se com o sistema que produziu os seus frutos mas está hoje em queda livre, a única via possível na actualidade é o recurso ao FMI. Como que movidos por incontrolável fatalismo, os cultores de deslocado espírito metafísico ignoram o que foi a experiência do FMI nos vários quadrantes mundiais. Indonésia, Indochina e Filipinas constituem marcos expressivos do que representa na prática o receituário do Fundo. Mas há mais, muito mais. India, Ghana e Coreia do Norte. Mas os casos mais expressivos são talvez os do Chile e do Brasil. Se a situação chilena se revela desesperada, não obstante a mão do curandeiro Friedman, ou porventura por causa disso, é sintomático que o próprio actual governo brasileiro tenha rompido com o Fundo Monetário Internacional.

A celebração de acordos com o Fundo não deriva de razões técnicas, procede antes de razões de ordem política, com a sujeição dos interesses nacionais aos interesses da política externa dos Estados Unidos. É a via do desenvolvimento da dependência, com a economia estadunidense a valer-se das economias dos países economicamente colonizados pelos Estados Unidos, tendo a este respeito lugar relevante a expansão das multinacionais. O filme recentemente exibido no País, «O Poder do Dinheiro», constitui um documento impressivo, prejudicado embora pelo desfecho desajustado à realidade. O mundo em que se vive, em grandes extensões do globo terrestre, é um mundo próximo das antevisões do «1984» de George Orwell ou do «Admirável Mundo Novo» de Aldous Huxley, onde o grande poder económico tudo consegue submergir. Inclusive a força de trabalho, no contexto de uma «paz social» como a que existe hoje na América Latina, progressivamente contestada. Uma «paz social» que pode assumir disfarces variados. Não esqueceu ainda a pretensa solução corporativa. Um contrato social institucionalizado.

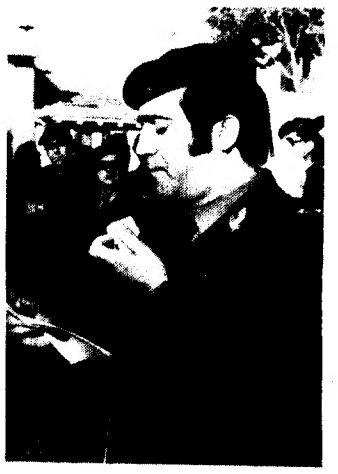
Na verdade, a actividade do Fundo Monetário Internacional obedece a um plano de base política. Não há lugar para o improviso. Não se pode olvidar a nova realidade do mundo capitalista que é a Trilateral, considerada justamente a «nova face do capitalismo». Ora, as instituições que servem o funcionamento da Trilateral são precisamente o Fundo Monetário Internacional, a par do Banco Internacional de Desenvolvimento, do Banco Mundial, das multinacionais e dos empresários privados. Os objectivos da Trilateral são perfeitamente determinados. Pretende-se orientar as economias do Terceiro Mundo e países equiparados para uma industrialização minimamente competitiva nos mercados internacionais e estimular novos mercados orientados para a aquisição de bens de capital e de consumo, produzidos na esfera trilateral, formada pelos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão. É a defesa intransigente dos interesses das três zonas que compete ao «trilateralismo». Não importa, antes pelo contrário, resolver os problemas dos países dominados economicamente, importa, sim, mantê-los na rota da dependência.

Se considerarmos que o actual Governo inclui na sua composição um representante em Portugal da Trilateral, muita coisa ficará explicada. Inclusive a própria designação. É assim a modos de enigmática a escolha, se a houve, de um electricista para a condução dos assuntos sociais. Carência de conhecimentos especializados e de fundo de cultura geral pelo menos.

Há quem argumente que o recurso ao Fundo Monetário Internacional é a única saída possível para a crise em que o País se debate. É falso. A crise não é resolvida mas agravada porquanto se insiste na manutenção das bases que conduziram o País a esta situação. E existem medidas que permitirão a saída da crise, ainda por cima retomando a preocupação, que reputamos de importantíssima, de conservar a independência. Ao contrário da via actual, uma via reprovada por todos quantos, e muitos são, querem um Portugal livre, que é aliás o regime constitucional. Há quem se recuse a aceitar a colonização do País.

É incontroversa a existência de uma alternativa, esta capacíssima de superar a crise. Torna-se imperiosa para o efeito uma profunda alteração das bases da política económica, bases coerentes com a prática de um partido socialista. Essa alteração é da ordem dos cento e oitenta graus. Voltaremos ao assunto.

ponto a ponto



O major **Vasco Lourenço** convidou, em nome da «Associação 25 de Abril», o presidente da Assembleia da República, Tito de Morais, a assistir à sessão solene comemorativa do décimo aniversário daquela efeméride. O convite, segundo Vasco Lourenço, foi aceite em princípio por Tito de Morais, que assim deverá estar presente à cerimónia que no dia 9 de Setembro próximo terá lugar na sede da Associação, no forte do Bom Sucesso. A sessão solene será presidida pelo general Ramalho Eanes e a ela assistirá também o Primeiro-Ministro, Mário Soares, que já aceitou, também em princípio, o convite que lhe foi dirigido.

Um primeiro **navio** construído em Portugal para a República Popular de Angola, é hoje lançado à água nos estaleiros navais do Mondego, na **Figueira da Foz.** Trata-se de um navio de cabotagem para carga geral, encomendado pela empresa angolana Cabotang. Uma outra unidade idêntica está em construção nos mesmos estaleiros, ao abrigo de um contrato, abrangente dos dois navios, no valor de 3,1 milhões de dólares.

Os Governos Central e Regional vão apresentar à NATO um estudo sobre a ampliação das estruturas portuárias e aeroportuárias da ilha do **Porto Santo** – soube a ANOP de fonte oficial. O assunto – adiantou a fonte – foi discutido «na última semana, em Lisboa, entre o ministro da Defesa, Mota Pinto, e o presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim». Acrescentou que «Portugal quer saber o que a NATO pretende para o Porto Santo, nomeadamente sobre a possível ampliação das estruturas portuárias e aeroportuárias»? «Esta definição – sublinhou – é importante para que comece a ser aplicado o plano, já aprovado, de urbanização da ilha, um dos objectivos prioritários do Governo para o Porto Santo». A mesma fonte revelou que «com o intuito de apresentar um plano à NATO sobre o assunto, o ministro da Defesa, o chefe do Governo Regional, o ministro da República para a Madeira e Comandos militares deverão deslocar-se até ao final do ano à sede da NATO em Bruxelas».

O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante **Sousa Leitão,** recebeu ontem no seu gabinete, em visita de cumprimentos, o novo embaixador do Japão em Lisboa, Fumiya Okada. Recorde-se que o navio-escola «Sagres» visitará o Japão em Outubro do corrente ano, onde participará no «Osaka World Sail-83».

O embaixador do Brasil em Lisboa foi, por sua vez, recebido em visita de cumprimentos, ao fim da manhã de hoje, pelo presidente da Câmara Municipal.

A secretária de Estado da Administração Regional e Local, **Helena Torres Marques,** anunciou ontem em Guimarães que vai propor ao Parlamento, até 15 de Outubro, a revisão da Lei das Finanças Locais. Helena Torres Marques anunciou também, no decorrer de uma reunião que manteve na Câmara Municipal de Guimarães com autarcas do concelho, que vai propor, dentro daquele prazo, a revisão da lei dos investimentos que, disse, «aumentarão a descentralização».

Afirmou que pretende propor à Assembleia da República uma lei quadro dos Municípios e diversas autorizações legislativas.

Manuel Ferreira, presidente do Município vimaranense, queixou-se das dificuldades que a autarquia que dirige está a atravessar (pela não consolidação dos últimos resultados eleitorais) que, em seu entender, impedem também o lançamento das políticas sectoriais do Município».

O presidente do Conselho Executivo da CEE, **Gaston Thorn,** disse ontem esperar que Portugal e Espanha entrem na comunidade no fim da próxima Primavera. Thorn, de férias em Vall-Llobrega, disse que a CEE tratará da questão do orçamento na próxima reunião. «Pedimos novos recursos económicos e proporemos a revisão da política económica», disse Thorn. Sobre o compasso de espera de Portugal e Espanha para a integração no Mercado Comum, Thorn comentou que «há muito trabalho por fazer dos dois lados, dado que há interesses que se opõem de um lado e de outro».

O ministro da Qualidade de Vida, **António Capucho** disse em Bragança que brevemente será publicado o regulamento do Parque Natural de Montezinho, na região de Bragança. António Capucho, acompanhado do secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, visitou aquele parque natural, reunindo-se depois com as autoridades distritais e concelhias e técnicos do parque. O incremento de relações com outros departamentos governamentais, nomeadamente o turismo e os serviços florestais, são apontados como essenciais para para o desenvolvimento do parque, sendo ainda estudado um esquema de pontos de apoio ao campismo e ao aproveitamento de casas abandonadas para a prática de turismo e de habitação.

Gentes e Paisagens

Só com o meu gato

Dias de Melo

Acabara de chegar do aeroporto. Ela seguira, de maca, como fora daqui no avião, para o Instituto Português de Oncologia, na ambulância que a aguardava, com a enfrmeira que a acompanhara.

Tomara o táxi por sinal com um condutor atencioso, viera pela Avenida do Brasil, pela Avenida de Roma, passara, na Praça de Avalade, pelo triste do Santo António, a dormir em pé, na poalha friorenta daquela madrugada húmida, agarrado ao castigo daquela cruz que lhe meteram nos braços, passara pela Praça de Londres, a sangrar das lágrimas e dos protestos de tantos e tantos trabalhadores sem salário ou salários em atraso de muitos meses, com o Guerra Junqueiro a abrir um olho ensonado e sarcástico para a igreja ao lado, de S. João de Deus, atarracada, imóvel, indiferente com os painéis do Domingos Rebelo lá dentro a apodrecer, pela Rovisco Pais, pelo alto da Alameda, em frente aos murais revolucionários do 25 de Abril do Instituto Superior Técnico (nem sei como os deixam ainda lá estar), voltara logo adiante à direita, descera a Elias Garcia, entrara na Duque d'Ávila (no seu tempo, o polícia-mor do reino, festejam-no na sua terra natal o Faial, porque, há cento e cinquenta anos, conseguiu que o rei elevasse a cidade a antiga vila ribeirinha da Horta – qualquer polícia-mor do reino pode empenhar-se e conseguir que de uma vila se faça uma cidade, desde que com a garantia de que os costumes obscurantistas e retrógrados da antiga vila transitem intactos para a nova cidade: não pode é sancionar a expansão de ideias novas e renovadoras que venham a alterar o statuquo tradicional – e por isso mandou, pela força, fechar as Conferências Democráticas do Casino de Lisboa, como se, com tamanha e tão violenta arbitrariedade, lograsse apagar de vez e para sempre o clarão imenso e fascinante, que ficaria a iluminar os caminhos do Futuro, ainda os caminhos de hoje, do Pensamento de Antero e de quantos o acompanhavam), e aí pelas três horas, mais coisa menos coisa, parava em baixo, do outro lado da estação da Carris do Arco do Cego, no prédio pardacento da esquina com a Defensores de Chaves.

A campainha. O taxista que me tira a mala do táxi. Subo os três lanços de escadas. A mala numa das mãos, a máquina de escrever na outra. Um carreto que, não sendo grande, mais, cada vez mais, degrau a degrau, patamar a patamar, me custa arrastar. Há que tempos se me foram os meus vinte anos! O carreto da mala, o carreto da máquina de escrever (nunca me fica atrás, para onde quer que vá, nem que só por dois ou três dias) – e o carreto, o incomensurável carreto da angústia que levo dentro de mim.

No estado em que ela estava, e está, valeria a pena mais esta corrida desesperada para Lisboa? Na Ilha, um médico amigo, competentíssimo, garantiu-me que não. Mas o médico que a tratava e trata por imposição do Instituto Português de Oncologia... E ela. Acima de tudo – ela. Queria ir. Queria vir. Ainda com esperança.

Assim fui subindo, assim cheguei ao terceiro/direito do prédio pardacento da esquina com a Defensores de Chaves. Tu – lá estavas. Pequenina, franzina, calçada nos teus chinelos, encolhidinha no teu roupão, a meio da porta escancarada. Telefonara-te, Passaras a noite à minha espera. E lá estavas com a tua presença que jamais se me negou. Com os teus braços abertos que me abraçavam, com os teus lábios suaves que me beijavam. O teu abraço e o teu beijo comovidos de quem, tendo sofrido muito, sabe quanto vale um abraço e um beijo fraternais de solidariedade e compreensão para aquele a quem agora o sofrimento toca. E a tua pergunta ansiosa:

– Ela?

– Ela...

Que te dizer, Fernanda? As palavras do médico amigo... A vontade do médico que a trata... E o querer, e a esperança dela...

– Não tinhas senão que cumprir o querer dela.

– Sei. Custe o que custar. Tanto quanto puder – e mais do que puder.

– E tu?

–Eu... Olha, Fernanda, não falemos de mim.

Curvavas-te. Ias-me aliviar da carga que trazia.

– Deixa...

– Pelo menos a máquina de escrever.

– Não, deixa... Deixa.

Entrámos. O corredor comprido. Há quantos anos ali entrei pela primeira vez? Há trinta e sete? Há trinta e oito? Não consigo precisar. A tua filha era bebé de meses: hoje, é mulher e é mãe. O teu filho estava longe de nascer: hoje, é homem e é pai. Eu, soldado: hoje... isto: avô já de três netos. Vinha da Escola de Instrução de Tavira. Transitoriamente, prestava serviço em Metralhadoras 1. Ainda me não haviam promovido a cabo miliciano. O teu marido, o Amadeu, – oficial da Armada. Que posto? Quanto, há três anos, te deixou viúva, alcançara o de Capitão-de--Mar-e-Guerra. Bisonho, perfilhei-me numa continência desajeitada e tímida. E ele, com aquele seu ar comunicativo, simples, informal, um tudo nada brincalhão:

– Deixa-te disso, rapaz. Aqui, és meu primo. Meu igual. – E leal, amigo, numa confidência prudentemente murmurada: – Cuidado com o que dizes. No quartel, na rua, no café seja onde for. Mesmo aqui em casa. Por toda a parte andam, aos milhares, muitos milhares, esbirros da PIDE. Nem na criada que temos ao nosso serviço podemos confiar. Sabe-se lá quem é! Diante dela, bico calado.

Lá estive, muito mais tarde, com ele já doente, imobilizado numa cadeira de rodas. Conversas demoradas. A missão que, jovem, cumpriu no Faial, durante a guerra, comandando o chaveco de um caça-minas cedido pelos ingleses. No Faial, onde te conheceu e onde vocês se casaram. E quando, assinada a paz, o foi levar a Casa Branca, numa viagem repleta de peripécias mais ou menos mirabolantes, – mau tempo, mantimentos a escassearem, comunicações a falharem... Outras viagens, outros navios que comandou. A «Sagres», a volta ao Mundo. Temporais. Calmarias. Portos distantes. Nunca me canso de ouvir um homem do mar contar histórias do mar – seja ele oficial da Armada, baleeiro, um simples pescador. Nem há mesmo nenhumas outras histórias que mais goste de ouvir e que mais me fascinem. De baleeiros, também eu tenho algumas para contar. Parece que nos entendamos, que no sentamos bem junto um do outro.

Depois, lá estive, pela última vez, há dois anos. Cerca de um mês. Tu – viúva já.

E, naquela casa, tudo como dantes. Apenas as marcas do tempo que passou. Do tempo e da morte. Da morte da tua Mãe. Da morte dele. E da ausência dos teus irmãos, há trinta e tantos anos, estudantes, a viverem com vocês, hoje derramados por aí, o Fernando, catedrático, a dar as suas aulas na faculdade de Medicina, o Ângelo, veterinário, a cuidar de bois e de vacas, nos serviços pecuários da Horta, o Raul, na Holanda, a tratar dos seus negócios. Mas, naquele corredor, as mesmas portas dando para os mesmos quartos, mais ou menos a meio, à direita, a mesma mesinha com o telefone, com a lista do telefone, com papéis anotados e metodicamente arrumados. Ao fundo, a cozinha, igual à de há trinta e tantos anos. Diferente, só, ao lado, a sala-de-estar, com comunicação interior para a sala-de-jantar, e para lá das portas exteriores da sala-de-estar, e para lá da porta exterior da cozinha, a marquise, um pouco mais velha, um pouco mais gasta.

Parámos àquela porta, um pouco antes da mesinha do telefone:

– O teu quarto – disseste

Chão alcatifado. A cama confortável. À esquerda, o suporte para os sapatos, o guarda-chuva, a gabardina, as calças, a camisa, o casaco de trazer todos os dias, e o guarda-fatos para o vestuário a arrumar. Ao fundo, a janela. Cortinados corridos. No canto, à direita da janela, cerca de oitenta centímetros afastada dos pés da cama, uma estante. E junto à cabeceira da cama, aministra(1). Com o candeeiro. Papel em branco, esferográfica, o cinzeiro. O papel e a esferográfica para os apontamentos que, se acordo a meio da noite, costumo, dorminhoco, rabiscar à pressa em arabescos que, depois, mal consigo decifrar. O cinzeiro para o meu vício mau de fumador inveterado de cachimbo.

– Deixa aí a mala, a máquina de escrever, e vem comer.

– Não, Fernanda. Não quero comer.

– Ao menos, uma chávena de chá, um copo de leite...

– Não. Agora, não.

– A sério.

– A sério.

Continuámos a falar. Dela. Sempre dela. Tu — sentada, muito direita, numa cadeira, defronte de mim. Eu na beira da cama, curvada, cotovelos fincados nos joelhos, faces apoiadas nas mãos. O zumbido dos motores do avião a chiarem-me ainda nos ouvidos. E ela, no avião junto de mim, estendida na maca. E a enfermeira a cirandar, por aqui, por ali, a dar a sua lauda a este e àquele.

— Bom... São horas...

Levantaste-te. Levantei-me. E ficámos de pé, à porta, a falar, a falar, sempre a falar. Dela... Dela. E nem te chegaste a deitar.

— É verdade — caíram-te os olhos sobre a máquina de escrever que eu atirara contra um canto qualquer —, não tenho secretária.

— Nem importa.

— Olha, como há dois anos, escreves na mesa da sala-de-jantar. E, antes que me esqueça, tens aqui as chaves. A porta de casa, a porta da rua. Sais e entras quando quiseres.

Acabei de arranjar uma mesinha articulada, daquelas em que os vendedores ambulantes armam suas tendas no Rossio, e pelos passeios, e pelas esquinas. Emprestou-me a Regina. Trouxe-a, no comboio, quando passei o primeiro serão com ela, nas Mercês. «Tens aqui as chaves, sais e entras quando quiseres» — cheguei e entrei de madrugada. Deixei-a, ao calha, encostada nem sei onde. Tu — colaste-a, ajeitaste-a, no lugar certo. Com a cadeira, com o candeeiro (pensava comnprá-lo) indispensáveis. Tu — sempre tu. Ou a Maria do Céu, quando é com a sua bondade, com a sua amizade, com a sua dedicação, te vinha ajudar. Nos vinha ajudar.

Levantava-me de madrugada. Três, quatro horas. Deixavas, na cozinha, tudo preparado: o pão, a manteiga, o leite, o açúcar, a loiça, os talheres, a água na cafeteira já no fogão... Só tinha que acender o gás e fazer o café. E logo, no meu quarto, me sentava, no meu cantinho, a escrever. Naquele silêncio, naquela paz. Nem que estivesse no Pico, na minha casa do Alto da Rocha do Canto da Baía. Apenas me faltava a branda soada do mar nos calhaus da costa perto. Em se aproximando o clarear do dia, naquele silêncio, naquela paz, — o melro que me vinha cantar do lado de fora da janela. Naquele silêncio, naquela paz, aquele canto de amor no coração de Lisboa. Depois, eram os eléctricos, os autocarros, os automóveis, ao longe — a vinda, que se entrechoca, agride, acordando, começando a viver, a inundar a grande cidade.

De ti, dentro de casa, nem te ouvia os passos a passarem, no corredor, à porta do meu quarto, pelas sete e meia, para preparares o pequeno-almoço à tua neta, a Suzi, que saía às oito a caminho do colégio. Nem tão-pouco te ouvia a movimentares-te nas lides caseiras em que prosseguias. Apenas, às vezes, em surdina, se a Suzi, dorminhoca, se dispoara por ali fora numa corrida, como um tufão:

— Não faças barulho que o primo está a escrever.

Nunca tive, nunca mais terei quem guardasse tanto respeito pelo meu trabalho inútil. Nunca encontrei, nunca mais encontrarei quem me tratasse com tanto carinho.

Ver-te, via-te aí pelas nove horas. Era quando suspendia o meu trabalho e saía do quarto para me lavar, barbear, vestir, e ir ao «San Remo», ou ao cafezinho à esquerda, na Praia da Vitória, quase no Saldanha, tomar uma bica, agora uma bica de máquina. E passar uns momentos sentado a um banco do café. A ver, a ouvir, sentir a presença das pessoas sentadas nas bancas à minha volta. Digam o que disserem, não há bica que chegue à que é feita na máquina de café. E tomada à banca de um café cheio de gente. Então, dava contigo na cozinha, a trabalhar. E recebia dos teus lábios o calor afectuoso do beijo que me davas, que me tocava e ainda me toca no mais fundo do coração.

Ela — eras tu que me lembravas o que tinha de comprar (se não ias comprar por tua conta e risco), que preparavas o que tinha de ser preparado para levar para hospital. Que recebias o mimo das lembranças que a vizinha de cima — como se chama? não consigo recordar-me — trazia para ela. Pastéis de bacalhau, doces...

E nunca faltavas, comigo, no hospital do Instituto Português de Oncologia , por trás do muro amarelo, na hora da visita. Nem tudo, nem a Lúcia. E quase sempre o teu filho, a tua nora. Todos os sábados, a boa da Maria do Céu, que vinha de muito longe. Às vezes, a tua filha, a tua neta.

Entretanto, íamos vivendo. Na tua casa. Dois, como se fôssemos um só. E a tua neta, também a tua neta, a Suzi. De tarde, à noite, se eu não saía. De tarde, na intimidade da cozinha. À noite, sempre na tua sala-de-estar, no grande sofá em frente do écran da televisão, os grandes maples ao lado, rodeados dos móveis caros ao longo das paredes. E sobre os móveis caros, objectos de estimação, retratos de pessoas queridas para ti. O teu Pai, antigo Governador da Horta. O teu marido, o Amadeu, — e instrumentos náuticos que lhe pertenceram. Um dente de baleia, hoje vale centenas de contos, que te veio do teu Avô materno, que foi baleeiro a bordo dos navios baleeiros americanos.

Falávamos. Deles. Dos teus mortos. Dos nossos mortos: primos bastante chegados, muitos dos teus mortos são meus mortos também. Da tua Terra. Da nossa Terra. Da vida que se vivia nas nossas Terras — e que se foi para sempre. Da viagem que por lá fizeste, há dois anos, a matar saudades.

Ouvir-te-ia a tua neta? Creio que não. Ouvia e via o que se passava na televisão. Coisas que se situam na plenitude dos seus interesses. Não é uma acusação. Nem sequer uma censura. É a constatação de uma realidade. Gerações tão diferentes e tão distantes que entre as dela e a nossa se ecoloca a dos nossos filhos, que interesse por ela encontrar naquilo que, para nós, significa o melhor das nossas próprias vidas?

Às vezes, vinha-me o sono. Começava a trabalhar demasiado cedo, e ia-me deitar. Tu — ficavas. Tudo, na televisão, te podia passar em claro: não podias era perder a «Cabocla», o último de todos os programas.

Dias havia em que me apareciam o teu filho e a tua nora. Para mim, dias diferentes. Sem me contradizer no que acabo de afirmar no tocante às descrepâncias das gerações, — há, entre eles e mim, tantas afinidades...

Afinidades que, mesmo fora de casa, topava nos amigos que, por essa Lisboa, nunca me deixavam só. Afinidades, camaradagem, compreensão, solidariedade.

Só — estou hoje e sempre aqui. Só — com ela que, do hospital, ma mandaram para ficar naquele quarto, imobilizada naquela cama...

Terá valido a pena aquela corrida desesperada para Lisboa? O médico amigo competentíssimo... O médico que a trata...

Só, hoje e sempre só, nesta terra nesta casa. Com ela — e com o meu gato, apenas o meu gato.

Mais ninguém.

(1) **Ministra** - Mesinha de cabeceira.

Para quando a lei das interdições profissionais

Continuação da pág. 2

tão de responsabilidade criminal. As instâncias da justiça militar excluíram-na à partida.

Havia trabalhadores que, pelas suas ideias ou inclinações partidárias, se teriam regozijado com o êxito das forças militares ocupantes da RTP? Ninguém pode ser incriminado ou responsabilizado disciplinarmente pela ideologia que professa.

E aqui chegamos ao ponto fundamental: tanto o critério das suspensões como a transformação do processo-crime em processo disciplinar, como até a própria análise dos depoimentos acusatórios dos trabalhadores, mais tarde demitidos pelo capitão Rosa, revelam às claras a razão de ser do processo disciplinar: inventar um pretexto para afastar da RTP trabalhadores com quem não se simpatizava politicamente.

Mas então haveria que assumir coerente e corajosamente esta orientação de discriminação ideológica, em vez de tentar descarregar hipocritamente nos tribunais o odioso de, a tal ou tal pretexto, a levar à prática. Na Alemanha Federal fez-se uma lei de interdições profissionais: comunistas e outros contestadores do sistema passaram a ser impedidos de exercer certas funções. O processo dos suspensos da RTP constitui tão só uma tentativa de conseguir o mesmo objectivo **sem quadro legal adequado**. Os partidos no poder, inclusive no poder da RTP, não querem talvez manchar a sua imagem democrática com uma tal lei, que, aliás, por inconstitucional, só poderiam fazer aprovar **in extremis** por maioria de dois terços e que, mesmo entando em vigor, não se eximiria à **inconstitucionalidade material,** invocável caso a caso nos tribunais.

Mas os tribunais não servem para dar cobertura à incapacidade política dos políticos. Os tribunais têm de aplicar a lei. E se não existe em Portugal uma lei de interdições profissionais não podem inventá-la.

O procedimento actual da RTP, ao protelar mais uma vez com o recurso a decisão final, não pode visar outro objectivo senão o de prolongar por mais alguns meses a **interdição profissional de facto,** que atinge os 23 trabalhadores há já oito anos! Convenhamos, porém, tratar-se de um procedimento que, para além de injusto e de tremendas consequências, em alguns casos dramáticas e irremediáveis, na vida pessoal de cada um dos atingidos, é caprichoso e caro para a RTP (que paga indemnizações sem receber trabalho produtivo), para o contribuinte (no qual se repercute a má administração das empresas públicas) e para os próprios tribunais (aos quais sobra trabalho para fazer aplicar leis **que já existem).**

Isto para não falar no ridículo (digno de uma opereta de Offenbach) que seria castigar agora com uma interdição profissional definitiva os referidos trabalhadores da RTP, quando nenhum dos militares responsáveis pelas operações deixou, por isso, de continuar vinculado às Forças Armadas e de receber pontualmente os seus vencimentos.

Esperemos que a justiça e a sensatez acabem por prevalecer.

Berlim, Agosto de 1983

a palavra com...

Beja Santos

Apelo urgente

Exm.° Senhor Ministro da Cultura

Exm.° Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Recorro a V.as Ex.as, políticos nascidos depois da Belle Époque. Será porventura, do conhecimento de V.as Ex.as que os imóveis n.os 87, 89 e 89-A da Avenida da República foram classificados como de interesse público, conforme consta do Decreto n.° 129/77, de 29 de Setembro.

Durante seis anos, não houve dia útil de servidor do Estado, que sou, trabalhando ali a cem metros dos ditos, em que não afagasse essas portas gradeadas, demorando um olhar nas entradas, varandas, florões , persianas apodrecidas. São espécimes da Belle Époque, religiosamente defendidos em cidades como Barcelona, Viena, Praga, Paris, Bruxelas ou Budapeste.

Não têm V.as Ex.as rigorosamente nada a ver com as minhas predilecções estéticas, e estou consciente de que há gótico, manuelino barroco e pombalino em fase de pré-demolição muito muito mais acentuado que estes valores artísticos sobre os quais o peticionário vem instar-vos a uma actuação imediata. Nem são V.as Ex.as implicados, pressionados ou apelados por causa de uma expedição ideológica e artística que goza entre nós do nome de Arte Nova, e que tem parentelas internacionais com o génio de Gaudi, o Jugenstil, o modern style, o Art Nouveau, expedição onde avultam Guimard, Victor Horta, Lalique, Gallé, Tiffany, Klimt, entre outros.

Muito menos, ainda, quando V.as Ex.as se afligem e debatem com as consequências da política restritivista, os efeitos da austeridade nos vossos orçamentos, me sinto no direito de invocar aqui que se tornou imprescindível resguardar os últimos vestígios que o produtivismo poupou. Pode muito bem acontecer que V.as Ex.as mantenham olímpica indiferença pessoal quando se fala em Arte Nova, no dealbar do século XXI, uma manifestação artística que compreendeu a arquitectura, o mobiliário, as artes decorativas e o mais que se sabe, um compósito cujas raízes são detectáveis nos pré-rafaelitas, no simbolismo, no neo-rococó, no japonesismo, no revivalismo gótico, no Movimento Art and Crafts, por exemplo. Um ímpeto turbilhonante, no raiar deste século onde V.as Ex.as exercitam política.

Gerem V.as Ex.as um País e uma cidade em fase de pilhagem, onde ainda há milagres como a 17.ª Exposição e o Animatògrafo do Rossio. E sabem V.as Ex.as que se transacciona Arte Nova na Feira da Ladra e nos antiquários, e que Calouste Gulbenkian nos doou peças inolvidáveis cujo nome corre pelo mundo.

Também a Avenida da República perdeu o carácter, e creio que tal facto não é uma questão do Estado nem da edilidade lisboeta, deploravelmente. Só que os imóveis n.°s 87, 89 e 89-A são bastiões da resistência à barbárie que assolou a nossa memória colectiva.

Pasmem V.as Ex.as com esta fotografia. O imóvel n.° 89 está esventrado, aguarda-se subtilmente a chegada do «catterpillar». Uma canícula e um Inverno rigoroso em cima, e temos empreitada do género da Casa dos Bicos ressalve-se as distâncias. Neste prédio vivem inquilinos e algumas famílias de retornados. A sua belíssima entrada degrada-se, dia após dia. As inquilinas já questionaram as entidades competentes. Em vão. Houve até quem afirmasse que estes imóveis foram intempestivamente classificados. Este terreno é uma mina. E não posso apelar à Alta Individualidade contra a corrupção, até porque, em rigor, nem sei quem corrompe quem.

Têm V.as Ex.as problemas mais prementes que o 89 da Avenida da República; sei evidentemente, que esta cidade se saqueia mansuetude. Depois, estamos no pino do Verão, há a ingente questão dos termodomésticos no Algarve, o pedido de exoneração do general Garcia dos Santos, o desemprego maciço, a calamidade alentejana, o cerco às empresas públicas, o FMI, os arménios, a Lisnave, etc, e, decididamente, a Arte Nova não é prato forte para a «saison».

Suplico o quê, Excelências? Se o Monumental tem direito a dar lugar a um «shopping-center», se o Museu dos Cristos em Estremoz corre o risco de se pulverizar, tornem V.as Ex.as público que nada há a fazer, independentemente do desfastio ou apreço que o Governo e a edilidade nutram pelos raros espécimes da Belle Époque. Mas que ao menos permitam V.as Ex.as que uma Liga de Amigos da Arte Nova chame a si o restauro e a preservação destes imóveis, designadamente do comatoso n.° 89.

Peço-vos, Excelências, a amabiliadde de uma respota. Salvador Dali classificou a Arte Nova como o mais extraordinário fenómeno da história da arte. Mesmo admitindo que se trata de um excesso do génio espanhol, ainda por cima cometido antes da política de austeridade, e conhecendo V.as Ex.as Bruxelas, Paris, Praga, Viena, Budapeste e Barcelona, estou em supor que dentro de dias V.as Ex.as responderão se o Governo e a edilidade se dispõem a sarar esta chaga ou se permitem que a Liga dos Amigos da Arte Nova, face ao vosso capitulacionismo, pode agir e agir depressa. No terramoto da lei da oferta e da procura, Lisboa transfigura-se. Diz o Eugénio de Andrade: «A morte não existe: tudo é canto ou chama».

Se V.as Ex.as forem impotentes para cantar as glórias vivas da Belle Époque, chamem-nos para arredar o espectro da morte.

Mas chamem-nos já, por favor.

Respeitosamente, pede deferimento

Uma hora com Mário Soares

Agências noticiosas levam jornalistas a S. Bento

O Sindicato dos Jornalistas sugeriu ontem ao primeiro-ministro, Mário Soares, que a solução do problema das agências noticiosas «seja levada a cabo no quadro da reestruturação do sector público da Comunicação Social».

À saída de uma audiência com o Chefe do Governo, membros da direcção do SJ consideram ter sido «positiva» a iniciativa do primeiro-ministro ao convidar o sindicato para este encontro.

A questão do novo estilo de relações entre o Governo e a Comunicação Social foi o primeiro ponto da agenda do encontro, no qual, segundo a direcção do Sindicato dos Jornalistas, «Mário Soares manifestou uma grande abertura».

O Primeiro-Ministro afirmou ser necessário «desenferrujar os canais de Informação e fornecer aos jornalistas um caudal de matéria informativa» através da melhoria dos gabinetes de Imprensa dos vários departamentos governamentais.

O Sindicato alertou o Primeiro--Ministro para os casos dramáticos que começam a surgir na agência ANOP com o atraso no pagamento dos salários, face ao que Mário Soares prometeu ir rever urgentemente a situação.

Os dirigentes sindicais salientaram ainda junto do chefe do executivo «que é positiva a disposição dos trabalhadores da ANOP ao afirmarem-se dispostos a negociar».

Soares visitou XVII Exposição

O Primeiro-Ministro deslocou-se ontem em visita de informação, aos núcleos do mosteiro da Madre de Deus e da Casa dos Bicos da XVII Exposição de Ciência, Arte e Cultura do Conselho da Europa.

No templo de Xabregas, Mário Soares assistiu a um diaporama sobre os antecedentes medievais dos descobrimentos portugueses, tema do núcleo, a ilustrar «a época em que o medo de desconhecido não foi ainda exorcisado e o mar permanece ainda um mistério», segundo os textos de apoio.

Quadros, esculturas, tapeçarias, cartas, bestiários e outras peças ilustram o que foram, nesse período inaugural da expansão, os testemunhos desse «espaço além-fronteiras (que) se torna o lugar do sonho, o fascínio do universo, do maravilhoso».

Rafael Calado, responsável pelo núcleo da Madre de Deus e também Director do Museu do Azulejo, instalado naquele mosteiro, dirigiu a visita de Mário Soares, que se fez acompanhar do Comissário-Geral da XVII Esposição, Pedro Canavarro.

A Casa dos Bicos, monumento quinhentista restaurado e reconstruído pela organização da exposição para restituir o historial da Casa de Avis, foi depois visitado pelo chefe do Governo, assistido pelo responsável do núcleo, Vitor Pavão dos Santos.

As obras de restauro trouxeram há luz testemunhos arqueológicos locais de outras épocas, dos períodos romano e visigótico aos séculos XVII e XVIII.

Pavão dos Santos e Manuel Vicente, este o arquitecto responsável pela reconstrução da que foi a residência de Brás de Albuquerque, filho bastardo do vice-rei das Índias, esclareceram Mário Soares sobre as muralhas e cetárias (salgadeiras) romanas que o edifício, na forma actual, preserva.

Quadros, incunábulos, moedas, mobiliário e outras peças, muitas cedidas por arquivos e pinacotecas estrangeiros, falam ao visitante da política nacional, diplomática e cultural da dinastia iniciada por João I e prosseguida pela «ínclita geração».

Encerrada, em 2 de Outubro próximo, a exposição do Conselho da Europa, para a Casa dos Bicos, assim renovada e ultilizável, nenhum destino definitivo está traçado ao edifico, até pouco antes das referidas obras, funcionou como armazém privado de bacalhau – disse à ANOP Vítor Pavão dos Santos.

Governo queria receber oposição sem conhecimento dos jornalistas

Acordo com o FMI ainda não foi assinado

Voltamos ao tempo em que Salazar proibia os ministros de prestarem declarações, os jornalistas não podiam estar às entradas ou saídas dos Conselhos de ministros e o Governo informava «oficiosamente» por «notas»? Pode isto parecer ironia, mas não é, não!

No mesmo dia em que tinha prevista uma audiência com a direcção do Sindicato dos Jornalistas, a fim de discutir o «relacionamento» do Executivo com os profissionais de Informação, acontecia esta linda brincadeira: o Governo convocava o PCP, o CDS e o MDP para informações sobre o «negócio» com o FMI e ninguém na RDP, na RTP, nas agências e nos jornais sabia das audiências. Mário Soares, que recebeu as delegações partidárias, acompanhado de Mota Pinto e Ernani Lopes, queria a conversa discreta, sem jornalistas... E estes tiveram de descobrir as horas e local dos encontros junto dos partidos, eles também — registe-se — espantados por não ter havido Informação em S. Bento.

«Sob reserva»

Mas se não conseguiu correr com os jornalistas, o dr. Mário Soares teve, todavia, artes de convencer as delegações, que a noite passada (depois do jantar) foram à sua residência oficial, de que as informações a prestar eram-no «sob reserva» e, portanto, os repórteres tinha direito a pouco ou a coisa nenhuma...

Da sua audiência de uma hora e um quarto, a delegaçãoo do PCP — Octávio Pato e Domingos Abrantes — declarou que as indicações dadas pelos governantes sobre o acordo com o FMI «apontam para uma situação preocupante». Octávio Pato referiu que o acordo ainda está a ser negociado, que «não leva a qualquer solução dos problemas da economia nacional» e que «uma coisa é recorrer ao crédito externo, outra é colocar o País de joelhos perante os interesses do imperialismo», conduzindo ao aumento do desemprego e do custo de vida.

«Juízos ligeiros»

Do CDS — que informou a ANOP e a NP das referidas audiências também não houve informação substancial. Gomes de Pinho, que esteve acompanhado por Nogueira de Brito, leu, já depois da meia-noite, uma curta declaração. Disse que «Portugal esta à viver momentos difíceis mas não se justifica que entre em pânico» para acrescentar tratar-se de «matéria suficientemente grave para que o CDS emita sobre ela juízos ligeiros».

O antigo secretário de Estado da Cultura adiantou que o seu partido tomará posição definitiva dentro de dias sobre o acordo com o FMI e lamentou que o Governo não tivesse convocado o CDS há três semanas, como sugeriu «dado estar convencido que o seu contributo poderia ter sido útil no desenrolar das negociações». Acrescentou, entretanto, que o acordo ainda não foi assinado e que o CDS «não esté a ser ouvido sobre o um facto consumado».

Ao fim da manhã de hoje esteve também em S. Bento uma delegação do MDP/CDE, chefiada por Helena Cidade Moura.

E.A.

Há pontes e pontes

Rosado Correia aberto aos jornalistas

Rosado Correia, ministro do Equipamento Social, a quem o vespertino «A Tarde» já ontem prenunciava (e desejava) a demissão – a pretexto da questão dos maquinistas – esteve no fim-de-semana com Eanes na inauguração da ponte sobre o Zêzere – cuja construção custou tanto como vai custar a reparação da «beliscadura» na ponte da Figueira da Foz.

Alguns jornalistas lembraram, a propósito, a Rosado Correia as infelizes afirmações – infelizes e irresponsáveis – do seu secretário de Estado, Eugénio Nobre, quanto ao «caso Figueira da Foz».

O ministro que revelou uma notável capacidade de relacionamento com os jornalistas, não se desmanchou. Sorriu apenas e, diplomático, nada mais disse...a não ser que o seu ministério está «totalmente aberto à Informação.»

«Quero que tudo seja transparente no sector que chefio. Toda a documentação será facultada aos jornalistas, que lá se dirijam e todas as explicações serão dadas. A administração pública deve ser o mais transparente possível.»

Entre os jornalistas havia quem afirmasse que, neste momento, há quem esteja aflito com estas declarações de Rosado Correia – se forem levadas à prática, evidentemente.

É que se não há razões para duvidar das palavras e das intenções do ministro, a verdade é que Eugénio Nobre veio já do anterior Governo, os rumores e fumos são mais que muitos, e as divergências existentes naquele ministério entre os responsáveis já não podem ser disfarçadas. O que, valha a verdade, Rosado Correia, nem sequer tentou.

R. C.

de ontem para hoje

Pequenos comerciantes contra tranferência dos vendedores do Martim Moniz

O Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais (MPMCI) criticou ontem a transferência dos vendedores do Martim Moniz para Palhavã. Em comunicado, a direcção do MPMCI apoia a Comissão daqueles vendedores contra a Câmara Municipal de Lisboa, afirmando que esta pretende deslocar os comerciantes do Martim Moniz para terrenos próximos do Instituto de Oncologia que não oferecem condições para a sua actividade. Condenando a «guerra aberta» que Krus Abecasis tem, em sua opinião vindo a mover àqueles vendedores, o MPMCI aponta como «inadequado, tanto para o comércio como para o hospital e doentes» a fixação dos comerciantes na Palhavã. Na foto dois agentes da Polícia Municipal «incomodados» com a objectiva fotográfica, quando procediam à notificação dos vendedores.

Pároco «sequestrado» na Asseiceira

O pároco da Aceisseira, no concelho de Tomar, esteve sequestrado na sua casa durante cerca de catorze horas por populares que, desta forma, conseguiram impedir a saída para Santarém da imagem da padroeira da vila voltando a repô-la no altar-mor da igreja local. Só a presença da GNR de Tomar conseguiu levar à libertação do padre António Santos que é pároco da Asseiceira há cerca de vinte anos. «Há seiscentos anos que a nossa padroeira está no altar-mor e lá deve continuar», afirmou um dos promotores da manifestação. A decisão de mandar retirar a imagem de Nossa Senhora da Purificação do trono do altar-mor foi tomada pelo bispo de Santarém, nos termos de um parecer da Comissão de Arte Sacra, que estudou o problema da reconstrução da velha igreja da Asseiceira.

Campistas estrangeiros assaltados

Três casais de campistas – um francês e dois alemães – foram assaltados, num local situado entre a Costa Nova e a praia do Areão por quatro jovens indivíduos mascarados que lhes levaram todos os objectos de ouro e outros artigos de valor, tendo furado antes da retirada os pneus dos automóveis das suas vítimas. Os assaltantes ameaçaram ainda de morte e agrediram os três «cabeças» de casal, Patrick Nimier, Klaus Edgar Lothar e Hans Rudolf Lehmann, que tiveram de receber tratamento no Hospital de Aveiro.

Corpos de arménios não foram reclamados

Os corpos dos quatro arménios, autores do atentado à Embaixada da Turquia em Lisboa, ainda não foram reclamados pelas famílias – soube ontem a ANOP no Instituto de Medicina Legal. No Instituto continua ainda o cadáver da mulher do encarregado de negócios da Embaixada turca, vítima do atentado ocorrido no dia 27 de Julho. A Embaixada da Turquia informou que o corpo da mulher do diplomata só será transportado para Ancara quando o filho do encarregado de negócios, ferido no assalto, abandonar o hospital onde se encontra e puder regressar à Turquia.

Pescador desaparecido em Espinho

Um jovem pescador, José António da Silva, de 18 anos, caiu ao mar quando se encontrava na faina ao largo de Espinho, a bordo da motora «Raimundo Vaz», da Praça de Matosinhos. A Capitania do Porto do Douro, ao ser alertada, enviou para o local o salva-vidas de Leixões e mergulhadores do Batalhão de Sapadores Bombeiros, os quais, devido ao denso nevoeiro, tiveram de desistir das buscas.

Disparou sobre a mulher e o amante

Um marido enganado desfechou ontem seis tiros de pistola contra a mulher e um rival quando, ao princípio da tarde, os surpreendeu juntos no lugar do Senhor dos Aflitos, próximo de Oliveira do Bairro (Aveiro). Depois de ferir a mulher, Maria Helena dos Santos Martins, de 26 anos, residente em Oliveira do Bairro, e Raul da Cruz Correia, de 31, morador em Paredes, Águeda, José Cid Cardoso, entregou-se à prisão no posto da GNR de Avelãs de Caminho. As duas vítimas do tiroteio foram socorridas no Hospital de Oliveira do Bairro e internadas, depois, no Hospital de Aveiro.

Fogo destrói fábrica em Cortegaça

Eleva-se a milhares de contos o montante dos prejuízos causados por um incêndio que destruiu, esta madrugada, um armazém de cordas, alcatifas e outros produtos da firma J. Violas e Filhos, situada na freguesia de Cortegaça, no concelho de Ovar. A falta de energia eléctrica e a avaria dos telefones impediu a rápida intervenção dos Bombeiros Voluntários de Esmoriz que, apesar disso, lograram salvar duas das secções do armazém e os prédios anexos.

Apenas um dos quatro suspeitos no banco dos réus

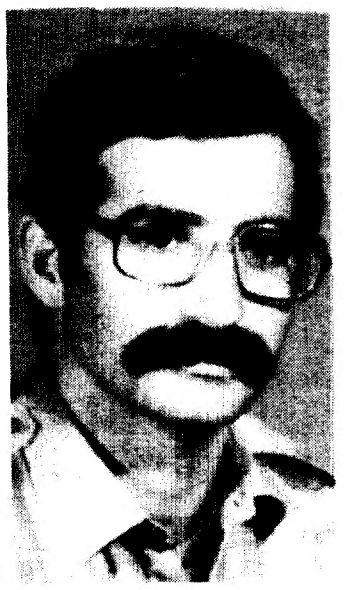
Decapitação da estátua de Salazar vai ser julgada no Tribunal de Sintra

O processo relacionado com a decapitação da estátua de António de Oliveira Salazar; em Santa Comba Dão (Fevereiro de 1978), irá ser julgado em 27 de Outubro próximo no Tribunal da Comarca de Sintra, com a particularidade de nessa data, e no banco destinado aos réus, ir estar sentado apenas um único cidadão, Carlos Alberto Pereira Tavares Ferreira, a cumprir presentemente na Penitenciária de Lisboa uma pena de prisão por alegado envolvimento no assalto a um banco, após condenação no Tribunal de Vila da Feira.

«Neste momento – escreve Carlos Ferreira em carta que nos endereçou – sou o único preso dos processos do «Caso PRP» que irá ser julgado em Sintra no próximo dia 27 de Outubro, na condição de ex-PRP. Os outros co-réus são Honório Gonçalves (evadido da cadeia de Pinheiro da Cruz), Daniel Tavares e Luís Filipe que serão julgados à revelia. E ainda Amílcar Romano (do grupo de Isabel do Carmo e Carlos Antunes) libertado após uma longa greve de fome.»

Mas para além do caso relacionado com a decapitação do ditador de Santa Comba, Carlos Ferreira relata outras acusações constantes no mesmo processo (PRP) e referentes a acções levadas a cabo antes do aparecimento das denominadas «FP-25»: assaltos a banco de Pevidém (Guimarães), Finanças de Sintra, banco de Campolide, banco da Azambuja (recentemente absolvidos dois co-réus), processo de Coruche e processo da sua captura em Almada, em que foram feridos a tiro três civis e ele próprio, por disparos efectuados pela PSP da Cova da Piedade.

Habitantes de Santa Comba Dão e forças da GNR junto à estátua de Salazar, após o atentado à bomba que decapitou a cabeça do ditador



Carlos Ferreira, detido na Penitenciária, será o único réu presente em tribunal

Segundo Carlos Ferreira, em todos estes processos a acusação foi sempre feita com base em declarações à Polícia Judiciária «de delatores, como o já tristemente célebre Dinis Lucas, Franklim e um tal Palcano, igualmente detido na Penitenciária e que, ainda há dias, afirmou às autoridades prisionais que (veja-se só) os «cérebros» do atentado contra a Embaixada da Turquia, em Lisboa, tinham sido reclusos da Penitenciária, com Carlos Ferreira à cabeça.» E porque não diremos, Juan Fernandez Khron ou o capitão Roby? Já agora!...

Juízes recrutados na área do CDS?

Na carta de Carlos Ferreira pode ainda ler-se que no julgamento dos processos de decapapitação da estátua de Salazar e das explosões na zona da Reforma Agrária (Coruche) os juízes (ou os acusadores públicos) irão ser recrutados, tudo o indica, na área do CDS (antigos seguidores, de Salazar ou homens-de-mão de agrários).

Por outro lado, Carlos Ferreira (até agora defendido pelo dr. Rui Afonso e que na ausência deste em Macau deverá ter como advogado o dr. Loff Barreto) afirma já ter dirigido exposições sobre o seu caso ao Tribunal de Execução de Penas e ao Provedor de Justiça, nas quais refere que já deveria ter sido posto em liberdade, dado já ter cumprido mais de metade da pena e de (ainda mais) os delitos por que está acusado já terem sido reconhecidos, conforme acórdãos em julgado, como de «cariz exclusivamente político», e, desde logo, abrangidos pela Lei da Amnistia.

Pela nossa parte, e com base apenas no «foro» jornalístico, uma opinião apenas, ainda que na interrogativa: não será que alguém está a pedir a «cabeça» a alguém que, por suposto, terá ousado cortar a cabeça de Salazar?...

Manuel Geraldo

CONCURSO DE QUALIDADE DO MELÃO

PROVAS DE MELÃO GRATUITAS

FOLCLORE - CORRIDA DE TOUROS

PROVA NÁUTICA NO TEJO

difusão

Câmara Municipal de

VILA FRANCA DE XIRA

uma terra de tradições-um centro de expansão económica

PRECISAM-SE

Profissionais altamente qualificados
(Chefias intermédias e quadros técnicos)
para desempenhar acções de formação nas áreas seguintes:

— reparação de viaturas ligeiras e pesadas;
— manutenção industrial (mecânica e eléctrica);
— construção civil (habitação e obras públicas);
— serralharia e caldeiraria.

REQUERE-SE:

— experiência e formação profissional comprovada;
— disponibilidade a curto prazo de deslocação para o estrangeiro;
— conhecimento de francês

OFERECE-SE ENTRE OUTRAS REGALIAS

— interessante esquema salarial em divisas;
— habitação completa (incluindo familiares);
— completo e apreciável esquema de seguros;
— férias anuais em Portugal

Resposta urgente a **este jornal, ao n.º 9806,** indicando número de telefone.

EVITE
locais pouco frequentados

Entidades oficiais fecharam a bolsa

Encontro de oleiros em Nisa arranca com "grandes dificuldades"

O Terceiro Encontro de Olaria Alentejana realiza-se em Nisa durante uma semana a partir de sábado e «não sem grandes dificuldades», anunciou ontem a comissão organizadora. À excepção de Nisa e do Crato, sete outras Câmaras não responderam ao vonvite de colaboração e a única que o fez, Mora, informou não poder participar. Das entidades oficiais, a Secretaria de Estado do Turismo informou «não ter verba» e da Cultura não chegou a enviar resposta. Das entidades convidadas, anunciaram já a sua presença o romancista Antunes da Silva e a investigadora Helena Cidade Moura. Vitorino, Maria de Lurdes Pintasilgo, Túlio Espanca e Manuel da Fonseca (este recentemente operado) são presenças duvidosas. O Centro Cultural Bento de Jesus Caraça distribuiu, a propósito, um comunicado em que afirma «assistir impotente ao caminhar vagaroso e improvisado dos preparativos».

João Manuel Basso, presidente da Câmara de Nisa declarou, porém, que o encontro «não será» o que foi perspectivado, mas afirmou-se crente de que serão atingidos «os objectivos essenciais». O encontro absorverá 1340 contos, dos quais a Câmara será garante. Os dois primeiros encontros resultaram em saldos negativos ainda não totalmente cobertos.

O encontro de oleiros será praticamente circunscrito ao Alto-Alentejo, já que no Sul da província apenas Beringel mantém aquela actividade. De qualquer maneira, mesmo no Alto-Alentejo a actividade decresceu notoriamente. No Redondo, de 70 oleiros restam 15, Nisa baixou de 17 para dois, Viana do Alentejo mantém apenas sete oficinas.

Velhos oleiros afirmam «ser impossível aprender» o ofício nos nossos dias, pois os aprendizes «só ao fim de três anos é que dão rendimento» e há que contar com todas as alcavalas legais (ordenados, Previdência, empedimento de despedimentos, etc.). De qualquer maneira, após rápido retrocesso, a olaria alentejana parece ter estabilizado na última década.

O encontro será caracterizado pela apresentação de ranchos folclóricos, bandas e grupos corais, por um debate interoleiros, a realizar no domingo e por visitas guiadas a olarias de Nisa, Cacheiro e Flor da Rosa.

Em representação de nove países

Três mil escuteiros acampados em Sesimbra

Em Calhariz, próximo de Sesimbra, mais de três mil escuteiros do continente, Madeira, Açores e oito países estrangeiros substituíram, domingo, igual número de colegas do décimo sexto acampamento nacional do Corpo Nacional de Escutas, informou, ontem, um responsável da organização. Os escuteiros estrangeiros, num total aproximado de 150, são provenientes de Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Suécia, Finlândia, Tunísia e Estados Unidos. O informador, José Machado, precisou que uma delegação de escuteiros líbios, cuja chegada estava prevista para domingo, deverá chegar ainda hoje ao acampamento, uma vez desbloqueado o problema surgido com a concessão de visto em Madrid.

José Santos, um luso-americano com o cargo de comissário internacional do Boy Scout of América, que agrega um total de 4,5 milhões de escuteiros, está, entretanto, reunido com a Junta Central do Corpo Nacional de Escutas — Escuteiros Católicos Portugueses para assinatura de um protocolo de cooperação entre os dois agrupamentos, acrescentou.

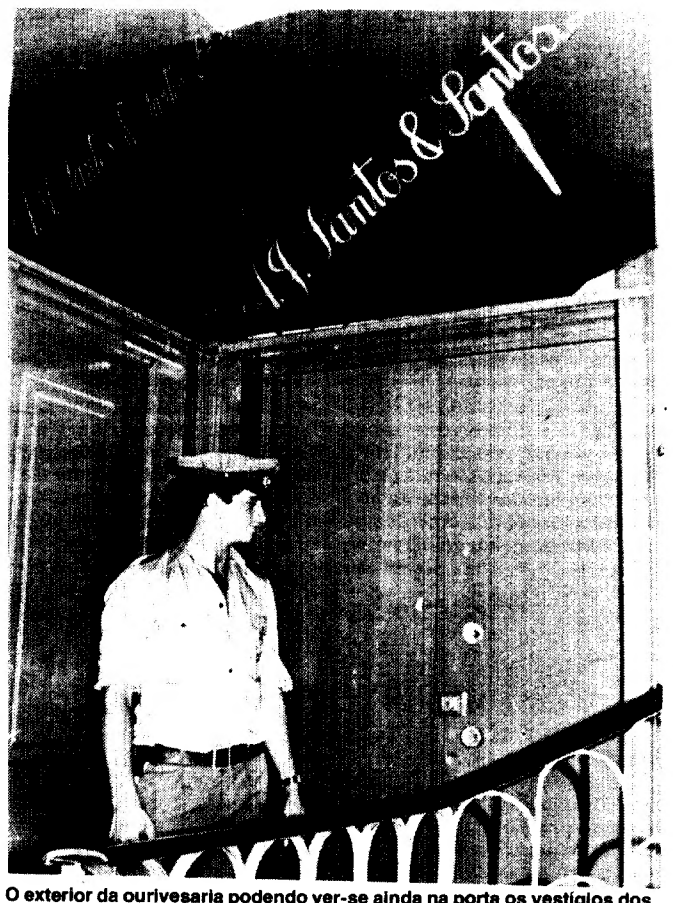
José Machado revelou ter sido realizada, domingo, no acampamento uma «celebração ecuménica», que reuniu escuteirós católicos, protestantes e maometanos.

«Este acto de culto, aproveitando elementos comuns a todas as religiões, terá, certamente, surpreendido muitos escuteiros por o não julgarem possível», assinalou.

Resistiram meia hora ao cerco da PSP

Dois espanhóis detidos após assalto a ourivesaria

As autoridades policiais procuram localizar o terceiro homem envolvido no assalto, levado a cabo, cerca das 13 horas de ontem à ourivesaria A.J.Santos (Travessa de S. Domingos, 9, 2.º Drt.º), nas proximidades da Praça da Figueira, o qual foi frustrado pela intervenção da PSP que conseguiu deter os dois assaltantes que se encontravam no interior do estabelecimento com catorze reféns, entre os quais duas crianças, tendo já «ensacadas» jóias e dinheiro no valor de vinte mil contos. Os dois detidos, que se renderam ao fim de cerca de 25 minutos de negociações com a PSP, são espanhóis Mariano Escolar Munoz e Ramon Cerveira que estavam armados até «aos dentes», mas que não chegaram a responder aos disparos das forças policiais.Em seu poder tinham duas pistolas, uma caçadeira de canos serrados e uma granada defensiva. Quanto ao terceiro elemento envolvido na «operação» (português e de cabelo loiro) não entrou na ourivesaria. No entanto, as autoridades passaram a pente fino o edifício, onde funcionam as pensões «Beira Alta» e «Glória». Os dois espanhóis tinham-se transportado até ao largo de S. Domingos numa «moto» ainda nova (matrícula SS-85-42), de S. Sebastian, cidade do País Basco espanhol. O veículo foi apreendido.



O exterior da ourivesaria podendo ver-se ainda na porta os vestígios dos disparos efectuados pela PSP

Para que o assalto não tivesse redondado numa tragédia, muito contribuiu o sangue-frio demonstrado por um dos sócios da ourivesaria, Licínio Marques Correia e Sousa, que conseguiu alertar os agentes para que não disparassem pois encontravam-se ali retidos mulheres e dois garotos (filhos de uma funcionária e de uma cliente).

Um dos assaltantes chegou a agredir à coronhada o filho da cliente.

SIEGFRIED SCHNABL
o Homem e a Mulher na intimidade
QUESTÕES DA VIDA SEXUAL
Uma obra organizada para responder às interrogações do homem e da mulher comuns, no que se refere às relações sexuais do casal
Baseada na sólida preparação científica e vasta experiência clínica do autor
UM GRANDE ÊXITO INTERNACIONAL

editorial CAMINHO

CÂMARA MUNICIPAL DE ALCÁCER DO SAL

MOÇÃO

Alfabetização — Acções no Concelho

Considerando a indefinição e concomitante irresponsabilidade do Governo em não dar continuidade às acções de alfabetização no concelho, pois que não assegura o pagamento a bolseiros e associações referente aos meses de Junho e Julho/83;

Considerando que a inexistência do concurso para bolseiros faz agravar a insegurança e incerteza quanto ao futuro do trabalho já encetado e desenvolvido em benefício das populações, com os esforços de todos os seus componentes, autarquias, inclusive;

A Câmara Municipal de Alcácer do Sal, perante as gravosas consequências desta atitude, protesta contra as medidas que o Governo se prepara para lançar sobre a alfabetização e repudia todas as intenções conducentes à liquidação destas acções em prol da cultura das populações.

Julho de 1983.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

Arlindo da Conceição de Passos

Em Setembro

Montiagri vai ter mais de uma centena de pavilhões

Realiza-se no Montijo, de 3 a 11 de Setembro, a terceira edição da feira Agropecuária – Montiagri-83 –, uma iniciativa patrocinada pelo Município local e que, segundo os dados comparativos com os certames anteriores, deverá ser visitada por mais de cinquenta mil pessoas.

Nesta altura, praticamente a um mês da inauguração da Montiagri, estão a decorrer em bom ritmo, no cumprimento do programa preparado, os trabalhos de montagem dos «standes», em número superior a uma centena, acertando-se pormenores para a optimização dos 35 mil metros quadrados do recinto, mais de cinco mil dos quais são de área coberta.

A Montiagri, única mostra do género existente no Sul do país, visa essencialmente promover a divulgação das grandes capacidades económicas da região, nomeadamente nos sectores da agricultura, pecuária, vitinicultura e suas vertentes comercial e industrial.

Paralelamente ao certame vão também realizar-se Jornadas Técnicas relacionadas com as mais importantes indústrias da região, numa iniciativa que conta com a colaboração da Caixa Geral de Depósitos. Assim, os temas da exportação, o frio, a vinha o vinho e a qualidade, terão um lugar especial na Montiagri-83, cujos colóquios vão decorrer por aquela ordem, entre os dias 6 e 9 de Setembro.

A mesma entidade bancária patrocina, ainda, um concurso de vinhos regionais, outro sector económico de grande importância no concelho do Montijo.

A CIP pretende anular impostos

A Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) afirmou ontem que se impõe a anulação dos impostos extraordinários e que não seja criada a taxa municipal de transportes.

Em comunicado, a confederação patronal da indústria considera que existe uma «situação de ruptura da capacidade tributária dos portugueses» e critica a política fiscal orientada quase exclusivamente para a cobertura das necessidades orçamentais.

A CIP defende «a limitação das discricionaridade e do arbítrio da administração fiscal e a necessidade de adaptar o sistema fiscal à inadiável necessidade de reestruturar e modernizar a economia portuguesa, condicão prévia para a saída da crise».

Acrescenta que para dar conta da distorção do sistema fiscal basta atentar nos níveis de fiscalidade indirecta, nomeadamente do imposto de transacções e «no carácter manifestamente desincentivador do nosso sistema face às progressividade de impostos reais parcelares, que prejudicam o desenvolvimento económico».

Orçamento antecipado para despesas em divisas

As propostas de orçamento em cambiais, anualmente apresentadas pelas diversas entidades englobadas no OGE, foi antecipada do prazo habitual (5 de Novembro) para 31 de Agosto, segundo exigência contida numa Portaria da Secretaria de Estado do Tesouro, hoje publicada em suplemento ao «Diário da República».

Trata-se, segundo a Portaria 822-A, de 4 de Agosto de 1983, de obedecer à imposição de «rigorosas restrições à fixação de verbas para despesas designadamente as pagáveis em divisas».

O Ministério das Finanças, através da Secretaria do Tesouro pretende, assim, dispor da proposta de orçamento cambial do sector público em data bastante antecipada à elaboração definitiva do OGE para poder programar a contracção de empréstimos externos ou outras formas de procura de cambiais e sua distribuição.

Financiamentos da CEE na Região Centro

O presidente da Comissão Portuguesa para a Integração Europeia e o presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro (CCRC), Manuel Porto, fizeram, ontem, em Coimbra, uma abordagem de assuntos ligados a financiamentos da CEE.

A colaboração da CCRC na preparação dos programas integrados para financiamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, que reserva a Portugal cerca de 20 mil milhões de escudos, foi um tema da agenda do encontro.

No final da reunião foi revelado à Anop que quase metade dos 90 processos apresentados à comparticipação da CEE têm já convenção assinada.

Na área da formação profissional vão ser apoiados, com 1500 milhões de escudos, dez centros de formação, um deles em Aveiro e outro em Castelo Branco.

À beneficiação de dez escolas, seis das quais na Região Centro, está consignada a verba de 500 milhões de escudos.

Para a abertura da auto-estrada Aveiro-Vilar Formoso, a CEE contribui com 27 mil milhões de escudos, sendo de 450 milhões a sua ajuda para dez loteamentos industriais.

Três desses loteamentos — Coimbra-Condeixa, Guarda e Viseu — situam-se na Região Centro e vão absorver metade da verba concedida pela CEE.

Despachantes passam a ter cartão de identificação

Os negociantes que despacham por conta própria, os despachantes oficiais, os despachantes privativos, os ajudantes de despachante e outros agentes aduaneiros passam a ser identificados por um cartão próprio criado pela Portaria 830/83 que substitui as cédulas individuais até aqui utilizadas nas operações alfandegárias.

A criação deste cartão de identidade de despachante deve-se ao facto de «por diversas vezes terem sido detectados casos de exercício de funções por indivíduos não habilitados à sua prática», nos termos do preâmbulo da Portaria hoje publicada no «Diário da República».

Partida confirmada para hoje

Delegação do FMI deixa o Governo em apertos

Foi oficialmente confirmada para hoje a partida da delegação do Fundo Monetário Internacional (FMI), que desde há três semanas vem negociando em Lisboa a assinatura de uma «carta de intenções» com o Governo português que permita o desbloqueamento de importantes volumes de crédito internacionais.

Significa isto que as grandes questões em litígio, nomeadamente exigências que vão provocar em Portugal uma generalizada queda do nível de vida, e um aumento violento do desemprego, estão ultrapassadas, restando agora ao Governo do dr. Mário Soares preparar a artilharia legislativa interna até à assinatura, previsivelmente em Setembro, do documento negociado.

Fontes oficiais citadas pela ANOP garantiram que ontem apenas faltavam ultrapassar pequenos pormenores. As negociações concluíram-se ontem, também em sessões de trabalho que entraram pela noite dentro. Durante todo o fim-de-semana os técnicos do Banco de Portugal e do Ministério das Finanças, com o próprio ministro Ernâni Lopes à cabeça, ultimaram a redacção do documento final que vai servir de base à carta de intenções a assinar oportunamente. Esse documento não oficial deve ser assinado por Teresa Ter Minesean, chefe da equipa de técnicos do FMI, que apresentou a factura para a concessão dos empréstimos urgentes para saldar compromissos externos, em divisas, do Banco de Portugal.

Na edição de ontem o «DL» já forneceu aos seus leitores detalhada informação sobre o conteúdo das negociações, nomeadamente a que, pelo corte de financiamento ao sector público, vai implicar despedimentos massivos no sector. Hoje resta-nos informar que esse conteúdo do projecto de carta de intenções está determinado desde a sexta-feira passada, decorrendo desde então, paralelamente à redacção do documento, sessões de informação do Governo aos partidos da oposição, dos quais estiveram ontem em S. Bento, para ouvir o Primeiro-Ministro e o ministro das Finanças, o PCP e o CDS. Hoje será a vez do MDP.

Aguarda-se agora a divulgação de um comunicado pelo gabinete do Primeiro-Ministro para se conhecerem as linhas gerais da receita do FMI e a data da assinatura da carta de intenções. Para já, e enquanto não chega a panóplia legislativa que um Governo em apertos vai ter de publicar, fica a nota das necessidades mais urgentes em divisas a que o FMI se compromete a cobrir: são dois empréstimos, um de 300 milhões de dólares concretizando um acordo «stand by» entre Portugal e o Fundo, e um outro de 100 milhões ao abrigo das «compensatory facilities» que compense a perda das exportações portuguesas por factores a que a economia portuguesa é alheia.

Restrições e controlos cada vez mais fortes

Já não há paraísos de desempregados

Já não há paraísos para desempregados, a acreditar na evolução dos diversos sistemas europeus de subsídios de desemprego.

Na Bélgica chega-se ao ponto de obrigar os desempregados a apresentarem-se todos os dias e a horas diferentes. Na RFA, os desempregados são obrigados a aceitar um emprego mesmo se têm de fazer duas horas e meia de trajecto para lá chegarem.

Segundo um estudo realizado pelo «UNEDIC», incidindo sobre oito países (Holanda, RFA, Bélgica, Reino unido, Canadá, Suécia, Estados Unidos e Dinamarca), a tendência geral é para o reforço dos controlos, para a diminuição dos subsídios e para o aumento das quotizações.

No conjunto dos regimes estudados, verifica-se também, que os desempregados são cada vez menos segurados (atribuição dum subsídio em troca das quotizações pagas) e cada vez mais assistidos (atribuição duma ajuda social em função do nível dos recursos).

Esta evolução explica-se, nomeadamente, pelas dificuldades de integração dos jovens no mercado do trabalho e pelo acréscimo do número de desempregados de longa duração. Os sistemas de seguro contributivo já não podem suportar financeiramente o custo dessas duas categorias que então fica a cargo do Estado.

Nos oito países estudados, o subsídio de desemprego sai dos quotizações do patronato e dos assalariados, excepto nos Estados Unidos onde é apenas financiado por contribuições do patronato.

Os subsídios dados aos que procuram emprego (que devem ser desempregados involuntários) variam em função do salário anterior, excepto na Grã-Bretanha onde se utiliza uma quantia fixa (cerca de 16 800 escudos mensais para um solteiro). As taxas de cobertura relativas ao salário anterior vão desde 40 por cento na Bélgica até 90 por cento na Dinamarca.

Em vários países existe um máximo de subsídio, esse máximo é de 83 contos no Canadá, 126 contos na Dinamarca, 160 na RFA e 250 contos na Holanda.

A duração máxima desta indemnização também varia de país para país. A situação mais desfavorável é a Holanda (182 dias). No Canadá pode-se receber subsídio durante um máximo de 224 dias, 312 dias na RFA e na Grã-Bretanha, 385 nos Estados Unidos, e 300 a 450 dias na Suécia, segundo as situações. Finalmente, na Dinamarca a duração é de dois anos e meio, ao passo que na Bélgica não há limite. No último caso, no entanto, os inspectores do trabalho podem «cortar» o subsídio aos desempregos que considerem de duração «anormal».

Quanto aos jovens, são «postos» à prova na maior parte dos países estudados. Na Bélgica, são obrigados a aguardar 75 dias se tiverem menos de 18 anos e 150 dias se tiverem mais, para começarem a receber o subsídio. Na Holanda devem estar à procura de trabalho há pelo menos seis meses. No entanto, se já efectuaram o serviço militar podem ficar a receber cerca de 32 contos por mês durante dois anos. Na Suécia, após três meses de «espera», ficam a receber cerca de 1 500 escudos por dia durante 150 dias. Na RFA não recebem qualquer subsídio excepto se puderem justificar 150 dias de actividade durante os 12 meses anteriores.

Finalmente, o documento do «UNEDIC» sublinha que os regulamentos estão a integrar cada vez mais a noção de «emprego conveniente». Na maior parte dos países está a desenhar-se a tendência para considerar como desempregado voluntário, sujeito a perder parcial ou totalmente os seus direitos, alguém que recuse «um emprego conveniente». Na RFA a legislação já é bastante rigorosa neste ponto, apesar de nem sempre ser aplicada: os desempregados são repartidos por cinco níveis de qualificação. A intervalos de 4 a 6 meses descem um nível no seu leque de procura de emprego e são obrigados a aceitar empregos cujo salário seja pelo menos igual ao subsídio de desemprego.

Brasil: o maior devedor do Banco Mundial

Sete empréstimos, num total de 1.457,5 milhões de dólares, foram concedidos ao Brasil pelo Banco Mundial no exercício findo em 30 de Junho passado, revelou o banco em Washington.

Esta verba contitui o maior compromisso contraído pelo Brasil junto do banco num só exercício e representa o dobro do montante concedido no exercício anterior, indica um comunicado do Banco Mundial.

Com sete empréstimos aprovados no exercício de 1983, os compromissos financeiros contraídos desde 1949 entre o Brasil e o Banco Mundial ascendem a 8.337,3 milhões de dólares, num total de 119 empréstimos.

De todos os países em desenvolvimento, o Brasil é o receptor de um maior volume de assistência do Banco Mundial, segundo o comunicado.

Os projectos financeiros pelo Banco incluem: crédito para industrias agrícolas (400 milhões dólares), extracção de minérios de ferro na serra de Carajas (304,5), abastecimento de água (302,3), Banco de Desenvolvimento (220), caminhos secundários e de acesso (154), desenvolvimento rural da Baía (67,8), investimentos em Fortaleza e Salvador (8,9).

Fuga de capitais da Argentina para o Uruguai

Nos últimos dois meses entraram no Uruguai capitais estrangeiros no montante aproximado de 15 milhões de dólares, provenientes da Argentina, indicaram altas fontes económicas governamentais, citadas pela IPS.

Segundo informaram extra-oficialmente, tratar-se-ia «duma fuga de capitais», perante a proximidade de eleições a relizar na Argentina, que poderia traduzir o receio dos capitalistas argentinos face a um triunfo eleitoral dos peronistas e medidas de controlo financeiro.

Tanto o Partido Justicialista, largamente maioritário na Agentina, como a União Cívica Radical (UCR), segunda força política, anunciaram a intenção de aplicar um controlo de câmbios e, provavelmente, a nacionalização dos depósitos.

As eleições na Argentina estão previstas para 30 de Outubro próximo e o novo Governo civil que delas sair vencedor instalar-se-á na «Casa Rosada» a 30 de Janeiro de 1984.

Taxa de juro já começou a subir

O City Bank, seguido de uma dezena de bancos norte-americanos, incluindo o Chase Manhattan, aumentou ontem a taxa preferencial de juro em meio ponto percentual, para 11 por cento.

Esta subida da taxa de juro acontece depois de a Reserva Federal dos Estados Unidos (Banco Central) ter adoptado uma série de medidas restritivas ao crédito, para desacelerar «o notável e persistente aumento da circulação monetária nas últimas semanas».

Atendendo às grandes necessidades de financiamento do departamento do Tesouro norte-americano, para cobrir o défice orçamental, verificou-se um aumento dos rendimentos das notas e dos títulos e as taxas de juro a curto prazo também apresentam uma tendência para a alta.

Paralisação na Siderurgia marcada para 5.ª-feira

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional (Seixal e Maia), ontem reunidos em plenário geral, decidiram efectuar uma greve de 24 horas na quinta-feira, dia 11. Realizarão na mesma data, com início às 8 e 30, um plenário, seguido de concentração junto à sede da empresa e distribuição de comunicados à população esclarecendo as razões da sua luta.

Na assembleia de ontem, os trabalhadores da S. N. deliberaram igualmente não fazer horas de trabalho extraordinárias, «enquanto se mantiver a intransigência do conselho de gerência» e denunciar «a situação ilegal que se vive na empresa».

Os trabalhadores consideram que o conselho de gerência e o Governo continuam a exercer discriminação na empresa, em função da filiação sindical, tentando impôr um aumento salarial de 17 por cento à «esmagadora maioria» do pessoal, através de uma tabela «negociada ou combinada com as suas marionetas».

Foi também decidido no plenário fazer uma exposição à OIT, através da FSMMP, «em relação à discriminação salarial de que estão a ser vítimas cerca de 5.000 trabalhadores, provocada pelo CG, em transgressão à convenção internacional, ratificada pelo nosso país».

Os trabalhadores deram o seu aval às ORT's, «para poderem actuar da forma mais conveniente» e em função das respostas do CG e do Governo, estando já prevista a realização de novo plenário no final da próxima semana.

De referir que, neste conflito, estão em jogo, apenas dois por cento de aumentos, já que a proposta da comissão negociadora sindical, reivindica um acréscimo de 19 por cento na tabela salarial.

Greve na RDP

Só funcionam dois emissores automáticos em FM

A Antena Um, a Rádio Comercial e a Rádio-Porto, em onda média e onda curta, silenciaram às seis horas de hoje, devido à greve de 24 horas que os trabalhadores da Radiodifusão Portuguesa (RDP-EP) cumprem, em luta contra a imposição de aumentos salariais de apenas 17 por cento.

Segundo um porta-voz sindical, também pararam os três emissores do Ribatejo e Miramar.

A mesma fonte adiantou que estão a funcionar a Rádio Comercial e a Antena Um, em FM, apenas com quatro elementos (três dos quais colaboradores) por estes emissores serem automáticos.

Na Madeira só estão duas pessoas a assegurar a emissão.

Os trabalhadores da RDP haviam paralisado no dia 20 de Julho passado, pelos mesmos motivos, e nessa altura a estação praticamene não emitiu.

Um dirigente do Sindicato das Telecomunicações afirmou que se até ao fim da greve a administração da Radiodifusão Portuguesa não der uma resposta positiva aos trabalhadores, os sindicatos deverão marcar mais um dia de greve, a concretizar na próxima semana.

A RDP é uma empresa pública de radiodifusão que emprega cerca de 2300 trabalhadores.

Torralta vai paralisar este fim-de-semana

Os trabalhadores da Torralta, a maior empresa turística do País, vão paralisar nos próximos dias 13 e 14, em face do impasse registado nas negociações do seu acordo colectivo de trabalho.

A decisão foi tomada em plenário, convocado na sequência da posição da administração, que obstinadamente pretende impor aos trabalhadores o tecto salarial, «mesmo depois de este já ter sido revogado».

Um comunicado emitido pela Federação dos Sindicatos da Indústria Hoteleira e Turismo de Portugal afirma que «nem sequer os mínimos salariais negociados ano a ano para o sector privado os trabalhadores têm visto ser aplicados, «apesar das lutas tenazes desenvolvidas». E acrescenta que, este no

«dado as características próprias da empresa e as experiências anteriores, em que vários meses de retroactivos foram perdidos, devido à demora na saída das portarias de extensão, os sindicatos decidiram propor à empresa a negociação de um contrato colectivo».

Plenário vai analisar os problemas da metalurgia e da indústria naval

Vai realizar-se no próximo dia 18, às 10 horas, no Sindicato do Comércio de Lisboa, um plenário nacional dos represenantes das ORT's dos sectores da metalurgia, metalomecânica e da indústria naval. Da ordem de trabalhos constam, designadamente, a análise da situação social e económica das empresas dos sectores, propostas por trabalhadores para a resolução dos problemas e acções a desenvolver. A Federação da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal e a Comissão Coordenadora das CT's da Indústria Naval, promotoras da iniciativa, afirmam em comunicado que «as empresas vêm sofrendo violentos ataques com vista à recuperação do capital monopolista, através de uma política levada a cabo pelos sucessivos Governos e pelo patronato».

Pessoal da CIFA luta por salários em atraso

Representantes dos trabalhadores da Companhia Industrial de Fibras Artificiais de Valongo (CIFA) reuniram-se ontem no Porto com o chefe do distrito, a quem entregaram uma moção aprovada na sexta-feira e na qual exigem o pagamento dos salários em atraso.

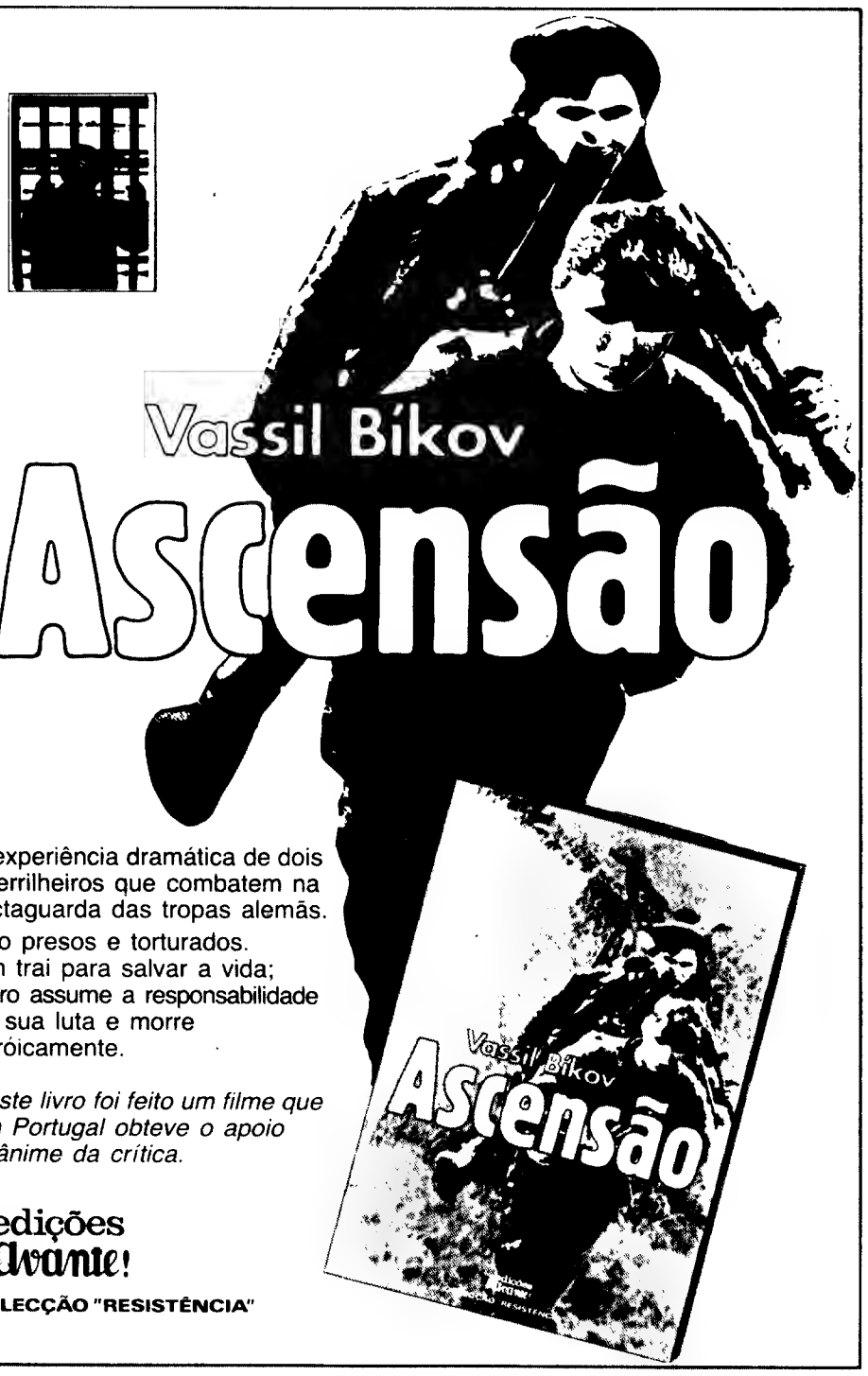
O texto, que exprime as principais preocupações dos trabalhadores desta empresa, que se encontram sem salários desde Dezembro, exige a «manutenção dos postos de trabalho e a intervenção do Estado na empresa como principal credora».

O documento acrescenta que, «no entender do Governo, conforme nos foi dito pelo governador civil, o relançamento da empresa passa unicamente pelo perdão das dívidas da banca e da Previdência, alienando assim o Estado cerca de dois milhões de contos dos dinheiros públicos, bem como a concessão dos novos subsídios».

«Quanto ao problema dos salários e manutenção dos postos de trabalho – sublinha o texto – fomos informados de que não existe nenhuma proposta, pois o assunto nem sequer tinha sido falado».

Os trabalhadores da CIFA entendem que esta «não é a solução para o futuro da empresa» considerando que a verdadeira «solução está na intervenção activa do Estado na empresa como principal credor, única forma de garantir a aplicação correcta dos subsídios concedidos».

Os trabalhadores reafirmam a sua disposição de continuar a luta por uma «solução rápida e justa» garantindo-se «antecipadamente a forma de pagamentos dos salários em atraso», acrescenta.



A experiência dramática de dois guerrilheiros que combatem na rectaguarda das tropas alemãs.
São presos e torturados.
Um trai para salvar a vida; outro assume a responsabilidade da sua luta e morre heróicamente.

Deste livro foi feito um filme que em Portugal obteve o apoio unânime da crítica.

edições Avante!

COLECÇÃO "RESISTÊNCIA"

JOAQUIM CAMPINO
Campismo Férias e Turismo

O problema das férias, repouso e lazer através do Campismo numa obra que trata de quase tudo sobre esta importante actividade dos tempos modernos.

COLECÇÃO DESPORTO E TEMPOS LIVRES
editorial CAMINHO

24 horas

Atentados na Córsega

Duas explosões destruíram ontem parcialmente uma agência imobiliária e os correios da localidade de Salgone, cerca de 40 quilómetros ao norte de Ajaccio. Simultaneamente quatro cargas explosivas de cerca de 200 gramas cada foram desactivadas a tempo por especialistas da Polícia.

Dirigentes mortos na Colômbia

Quatro dirigentes do Movimento Operário Independente e Revolucionário (MOIR) da Colômbia foram mortos a tiro e um quinto ficou gravemente ferido em Remédios, no norte do país – anunciou hoje o Governo colombiano. Os mortos – Jesus Restrepo, Efrain Higuita, Emílio Zea, e Julio Velez – sofreram múltiplos impactos de balas e o ferido, Esmar Agudelo, deu entrada num hospital de Segóvia.

F-14 despenha-se no mar

Um caça americano F-14 despenhou-se ontem no Mediterrâneo, a sudeste da Sicília, durante um voo de treino, anunciou ontem à noite, um porta-voz da marinha americana, em Norfolk (Virgínia). Os dois ocupantes do aparelho salvaram-se. O piloto, o comandante Joseph Luthman e o co-piloto Randy Dewar, foram salvos por um helicóptero depois de se terem ejectado do aparelho.

Apreensão de cocaína

A Polícia da República Dominicana anunciou ontem a apreensão de cerca de 12,2 quilos de cocaína pura, avaliada em 3,375 milhões de contos, dentro de uma avionete procedente da Colômbia. O departamento de narcóticos, da Polícia dominicana acrescentou que a apreensão ocorreu nos últimos dias e considerou que a cocaína deveria destinar-se aos Estados Unidos. Uma falha mecânica na avionete, que obrigou à sua aterragem na província de Hihuey, no norte da República Dominicana, esteve na origem da apreensão – referiu a mesma fonte.

Budista galardoado

O presidente honorário da Organização Budista, Soka Gakkai, o japonês Daisaku Ikeda, foi galardoado com o prémio da Paz das Nações Unidas, pela sua contribuição na actividade desta organização. A ONU salientou o papel de Ikeda, sexto japonês a receber o prémio da Paz, na recolha de dez milhões de assinaturas contra as armas nucleares, pelos membros da Soka Gakkai, em 1975, e as iniciativas de paz que desenvolveu durante a segunda Assembleia Especial das Nações Unidas sobre o desarmamento, em 1982.

Protesto australiano

O Governo australiano fez oficialmente na segunda-feira vigoroso protesto junto do Governo francês contra outra experiência nuclear efectuada, segundo Camberra, no atol de Mururoa, no sul do Pacífico. Num comunicado, o Ministério australiano, dos Negócios Estrangeiros, indicou que este ensaio, detectado sexta-feira, por uma estação sismográfica neozelandesa teve a potência de oito quilotoneladas.

Exigências dos raptores de Emanuela

Um novo comunicado assinado pelo grupo intitulado «Frente de Libertação Turca Anticristã/Turkesh» respeitante à jovem cidadã do Vaticano, Emanuela Orlandi, desaparecida em 22 de Junho, chegou na segunda-feira ao escritório em Milão da agência italiana ANSA. Os autores do comunicado, redigido numa mistura de italiano, latim e inglês e particularmente pouco claro, pedem que o Papa pronuncie «no domingo, 7 de Agosto», as palavras: «Ali Agca é um ser humano como Emanuela Orlandi e deve ser tratado como tal».

Atentado no País Basco francês

Um gendarme morreu e outro ficou ferido, domingo à noite perto de Dax, no departamento de Landas, no Norte do País Basco francês, por homens que dispararam de um automóvel em andamento. Os gendarmes faziam uma patrulha de rotina à saída de um «camping» da zona e os ocupantes do automóvel – aparentemente, quatro – dispararam à queima-roupa sobre os homens, membros da Polícia rural. Segundo fontes policiais, um dos ocupantes do veículo e autor dos disparos poderá ser Jean-Louis Jarre, de 21 anos, conhecido pela sua simpatia para com grupos separatistas bascos.

Assalto frustrado na Argentina

As autoridades argentinas anunciaram segunda-feira, à noite, que foi repelida uma tentativa de assalto e ocupação de um regimento de infantaria em Formosa, no norte do país. O chefe do regimento, coronel António Ricciardi, informou que a tentativa de assalto se registou pelas 5 h (9 h de Lisboa), envolvendo «Grupos de duas e quatro pessoas». «Ao ser-lhes dada ordem de paragem, abriram fogo, que foi respondido pelos nossos efectivos», disse.

Contestação na Nigéria

Dois dias depois das eleições presidenciais e enquanto a Nigéria aguarda os resultados do escrutínio, pelo menos dois dos seis candidatos em presença decidiram contestar a validade do voto, pondo em questão a democracia nigeriana.

O dr. Nnamdi Azikiwe, candidato pelo «Nigéria Peoples Party» (NPP), declarou em conferência de Imprensa hoje em Enugu que pelo menos um milhão de eleitores não pôde votar no estado de Anambra. Segundo esse político, o partido do presidente cessante o «National Party of Nigéria» (NPN), que apoia o presidente Shagari, teria «teleguiado» a comissão federal eleitoral encarregada de organizar e escrutinar as eleições.

Segundo a espionagem dos EUA

Gastos militares da URSS aumentam a menor ritmo

O aumento das despesas militares soviéticas é inferior ao de alguns anos atrás, mas ainda superior ao índice de crescimento da economia, disse ontem a Agência de Espionagem de Defesa (DIA) dos EUA.

Segundo os cálculos de custos em rublos (dando valores diversos dos estudos referentes a dólares), o orçamento militar da União Soviética cresceu numa média de 6,5 por cento entre 1970 e 1981.

As despesas militares da URSS, segundo a DIA, passaram de 50 mil milhões de rublos em 1970 para cem mil milhões de rublos em 1981.

Os cálculos das despesas militares soviéticas são considerados de muita importância nos Estados Unidos, tanto por permitirem a análise do presente poder militar soviético como por, seu intermédio, se poder calcular o que a URSS produzirá no futuro no campo militar.

Por outro lado, essa análise é ainda importante para o debate interno nos Estados Unidos sobre o próprio orçamento de defesa norte-americano que, em 1984, ultrapassará os 200 mil milhões de dólares, segundo a lei aprovada na semana passada no Congresso.

Para o Pentágono e Administração, segundo os argumentos invocados na defesa do programa de modernização e rearmamento, o aumento das despesas militares soviéticas justifica os seus próprios planos.

No Inverno passado, a DIA considerava que o orçamento militar soviético crescera em 4 por cento ao ano desde a década passada, considerando os custos em dólares. Por seu lado, a CIA (a Agência Central de Espionagem) dizia que o aumento das despesas militares soviéticas não tinha superado os 2 por cento, aproximadamente, considerando também as despesas em dólares.

A DIA e a CIA entram em contradição, por outro lado, sobre os índices de produção de petróleo, gás natural e carvão soviéticos. A DIA considera que esses sectores são dos mais bem sucedidos na economia actual e futura soviética, ao passo que a CIA manifesta maiores cautelas na sua análise e previsões.

Segundo a espionagem militar, a URSS deverá tornar-se, nos próximos anos, no maior produtor mundial de gás natural, tendo em conta o seu crescimento anual em 8 por cento no sector.

Quanto ao petróleo, a DIA diz que a produção aumentou somente em 1 por cento anual e que se crê que estancará entre 1985 e 1990 e que, a partir dessa altura, voltará a subir.

Tendo em conta as despesas militares soviéticas, a DIA considera que o Kremlin continua a dar prioridade máxima a este sector quanto a recursos e que o crescimento da base industrial militar – a maior do mundo – é feito à custa da produção de bens de consumo e de investimentos em indústrias civis.

Novas armas da RFA

O Exército alemão-federal está já a estudar a compra de novos armamentos para a década de 90, foi ontem anunciado em Bona.

A maior parte do orçamento para os próximos anos (13 mil milhões de dólares) – será gasto na compra de material militar fabricado no país, tal como os caças «Tornado», os tanques «Leopard 2» e as fragatas F-122.

Além dessas armas, contudo, o Exército alemão poderá comprar armamento nos Estados Unidos (aviões F15, F16, e F18) ou na França aviões Mirage.

Entretanto, a Alemanha Federal iniciou a cooperação com a Noruega com vista à construção e desenvolvimento de um novo submarino, estando actualmente em curso o fabrico de 12 unidades, seis para a Marinha de cada um dos dois países.

Em colaboração com os Estados Unidos, a Alemanha Federal fabricará e desenvolverá sistemas de mísseis de artilharia de médio alcance, que segundo os técnicos, podem neutralizar as unidades blindadas de rectaguarda de um suposto inimigo.

Anunciado pela Casa Branca

EUA discutiram situação no Chade com a URSS

Os Estados Unidos entraram em contacto com a URSS a propósito da «intervenção líbia» no Chade, indicou ontem um porta-voz da Casa Branca.

Segundo Larry Speakes, que não indicou as eventuais consequências dos contactos empreendidos com as autoridades soviéticas, não há actualmente indicações de que a União Soviética esteja a fazer outra coisa a não ser fornecer a sua ajuda militar habitual á Líbia. Moscovo não reagiu ainda à informação veiculada por Washington, limitando-se os soviéticos a reafirmarem a escalada de ingerência dos EUA nos acontecimentos chadianos. Um seviço da agência TASS publicado ontem em Moscovo, denuncia que «Washington só vê o Chade através do prisma dos seus interesses imperialistas e neocolonialistas do acréscimo da sua presença militar na região» querendo «arrastar Paris» para o conflito.

Líbia considera-se ameaçada

O chefe da Revolução Líbia, coronel Muammar Kadhafi, pediu, numa carta enviada na noite do passado sábado ao Conselho de Segurança da ONU que esta estrutura das Nações Unidas «tome todas as medidas de acordo com as suas responsabilidades para salvaguardar a segurança internacional da região, comprometida pelo desembarque de forças americanas, de todos os tipos nos territórios egípcios, sudanês, somali e omanês».

Segundo a missiva de Kadhafi, enviada ao Presidente em exercício do Conselho de Segurança, Luc de la Barre Nanteuil, «dois destes países situam-se nas fronteiras da Líbia cuja segurança é posta directamente em causa pelo desembarque de forças americanas por mar e por ar». O texto sublinha que a Líbia está disposta a defender-se desta ameaça e que consideraria o Conselho de Segurança responsável por uma eventual degradação da situação.

Fontes da ONU, em Nova Iorque, sublinham, no entanto, que a delegação da Líbia, não pediu, até agora, a convocação oficial da reunião do Conselho.

Por outro lado, o Egipto, país onde desembarcaram ontem efectivos americanos que participarão nas manobras, desmentiu a existência de qualquer relação entre a situação no Chade e os exercícios militares «Bright Star» Interrogado pelos jornalistas sobre a eventualidade de uma intervenção egípcia no Chade, o presidente Hosni Mubarak, foi peremptório «não interviremos, damos conselhos, mas nunca faremos guerra aos nossos vizinhos».

R

Golpista su na presidên

Numa proclamação lida ao microfone da Rádio Nacional da Guatemala, oficiais guatemaltecos anunciaram ontem terem destituído das suas funções o presidente Efrain Rios Montt, designando para o substituir o ministro da Defesa, general Oscar Humberto Mejia. Estes oficiais, comandantes de várias bases militares, acusaram o general Rios Montt de ter consentido que a seita religiosa a que pertence interferisse nos assuntos da nação.

O general Oscar Mejia qualificou o derrube do seu antecessor de «mudança normal» no interior da administração e acrescentou que muitos funcionários vão continuar a desempenhar as suas funções sob o «novo» regime. Quanto a Rios Montt – disse – ele voltou a ser um cidadão comum. Benevolente, Mejia garantiu que «ninguém foi ou será preso».

Interrogado pelos jornalistas, o general agora de serviço à presidência afirmou que as relações com os Estados Unidos vão melhorar, mas não explicou de que maneira.

É opinião generalizada que o Pentágono não está inocente nesta «mudança normal». De facto, o general Mejia conferenciara no passado sábado, na capital das Honduras, com o general Fred Woerne, comandante adjunto das forças americanas com base no Panamá. O chefe das Forças Armadas hondurenhas e o ministro da Defesa de El Salvador assistiram igualmente a esta reunião. O jornal «La Prensa» inseriu ontem uma fotografia destes militares à volta do presidente das Honduras, Roberto Suazo, hospitalizado na sequência de duas graves crises cardíacas.

Guillermo Toriello, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros da Guatemala (ao tempo do governo progressista de Jacob Arbenz), foi peremptório: «O golpe que depôs Rios Montt e colocou no seu lugar o general Mejia foi obra do Pentágono e do Departamento de Estado norte-americano.» Toriello acrescentou que o fanático ditador deposto é responsável pela morte de mais de 14 mil camponeses da Guatemala.

No entanto, as indicações que há sobre a personalidade do general Mejia não são de molde a criar a esperança numa Guatemala pacificada e democrática. Católico, é considerado um conservador duro, «cínico» e violentamente anticomunista.

A queda de Rios Montt poderá estar ligada a algumas, ainda que incipientes, posi-

Man

Sessenta f frente à base

O aniversário da deflagração da primeira bomba atómica, há 38 anos em Hiroshima (Japão), foi pretexto para várias manifestações pacifistas, que, em certos países da Europa, revestiram a forma de protestos maciços contra a instalação de euromísseis. Incidentes grave ocorreram na Sicília, mais propriamente frente à base de Comiso, onde serão instalados mísseis de Cruzeiro e na base de Ramstein (RFA).

A manifestação de Comiso organizada pela União Internacional contra os mísseis de Cruzeiro, teve a participação de um milhar de pessoas, e os incidentes registaram-se na altura em que o cordão de polícias, que rodeava os

F

Constituído um

Foi formado na provincia da Zambézia um novo comando militar para levar a cabo a ofensiva contra a denominada «Resistência Nacional Moçambicana».

Oito oficiais do novo comando estacionado na cidade de Macuba, foram ontem apresentados num comício público em Quelimane pelo presidente Samora Machel.

O presidente Samora Machel efectuou durante seis dias uma visita de trabalho à província da Zambésia, tendo como preocupação principal, a situação político-militar na província, que considerou «a mais atingida pelos bandidos armados».

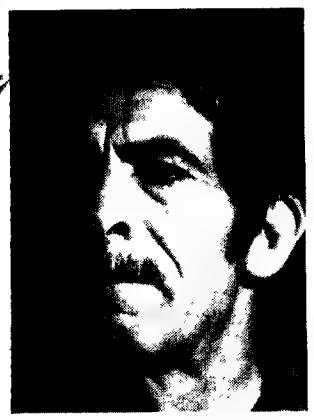
Os oito comandantes ontem apresentados são todos eles veteranos da luta armada de libertação nacional. O novo comandante provincial, o Brigadeiro José Ajape, dirigiu o contingente de internacionalistas moçambicanos que ao lado da ZANU combateram no interior do Zimbabwe o regime de Ian Smith. Ajape substitui na Zambézia o major-general, Bonifácio Gruveta.

Outro dos oficiais nomeadas, o coronel António Chicusse comandou o contingente de artilharia que conjuntamente com as tropas tanzanianas ajudou a derrubar o ditador Idi Amin do Uganda.

Durante o comício Samora Machel disse que se encontram na provincia novas unidades mili-

Rios Montt apeado

substitui golpista ncia da Guatemala



Rios Montt apeado

ções de independência relativamente aos EUA, que chegou a acusar de potência «imperialista». Internamente, o seu nome enfileira na lista trágica de ditadores ferozmente anticomunistas e responsáveis pelas acções de forças paramilitares mais ou menos clandestinas e do próprio (poderoso) Exército; assassínios de dirigentes da esquerda e massacres de camponeses, sobretudo índios.

Certo é que na Embaixada americana na capital guatemalteca se vinha afirmando que Rios Montt não estava a fazer «o que se eserava dele».

Certo é, também, que o ditador derrubado tinha recentemente hostilizado a oligarquia tradicional e a burguesia com duas «reformas» muito contestadas: um projecto de «remodelação» agrária e a instauração do imposto sobre valor acrescentado (IVA).

A «remodelação» agrária, se bem que não tocando as grandes propriedades privadas — 98 por cento das boas terras cultiváveis pertencem a dois por cento das população — e limitando-se à distribuição de terras de qualidade medíocre, tinha causado, ainda assim, um vento de pânico entre os grandes terramotos.

Por outro lado, o IVA, instaurado a partir do dia um do mês corrente, desviou a burguesia do general Rios Montt, apesar de ela ter em bom apreço o anticomunismo do ex-presidente e o seu governo de «ordem e moral» (leia-se de repressão e genocídio).

Finalmente, a Igreja Católica, afrontada com a execução de seis militantes de esquerda em vésperas da visita do Papa, no ano passado, começara a abandonar a sua conservadora passividade, acossada pelo crescimento de seitas importantes da Califórnia (Estados Unidos). Ultimamente, os hierarcas católicos reclamavam maior justiça social e respeito pelos índios, ao mesmo tempo que reclamavam contra o «crescimento» da intolerância e do fanatismo, que poderia conduzir a uma guerra de religiões.

Parece ter sido este conjunto de factores a causa próxima da queda de Rios Montt, que por golpe subiu ao poder e por outro golpe foi apeado.

O golpe, propriamente dito, tem pouco que contar: aviões sobrevoaram a capital, blindados cercaram o palácio presidencial onde já estava instalado o novo presidente. O presidente deposto foi lá, mas saiu pouco depois. Admite-sse que se tenha retirado para um templo da Igreja do Verbo, a seita a que pertence. Um único e estranho incidente: um helicóptero disparou contra o Palácio Nacional, após um pouco convincente tiroteio entre os golpistas a uns cem guardas do palácio. Sem confirmação, teria havido cinco mortes.

A Igreja do Verbo

A Igreja do Verbo, a que pertence o apeado Rios Montt, é uma das 210 seitas protestantes recenseadas na Guatemala.

Seita fundamentalista americana com base em Eureka (Califórnia), a Igreja do Verbo introduziu-se na Guatemala ao participar nos trabalhos de reconstrução que se seguiram ao tremor de terra de 4 de Fevereiro de 1976, que causou cerca de 25 mil vítimas. Hoje, reivindica 500 membros activos e milhares de aderentes. A central californiana envia regularmente fundos para a sua filial guatemalteca a fim de «assegurar o seu desenvolvimento».

Os missionários da Igreja do Verbo pretendem ser apolíticos, mas pregam o respeitoda «ordem e da lei».

A instância dirigente da Igreja do Verbo é «o conselho dos anciãos», que não se limitam a dar conselhos espirituais, mas procurava também definir a política no país.

Desde a sua chegada ao poder, a 23 de Março de 1982, o general Rios Montt, convertido desde 1979, tinha-se rodeado de conselheiros que pertenciam a esta seita e que se tornaram os homens mais poderosos da Guatemala, depois dos militares.

Depois dos cortes orçamentais

Reagan quer saber agora o porquê da fome nos EUA

Depis de ter efectuado importantes cortes orçamentais nos programas de auxílio alimentar, o presidente Ronald Reagan inquieta-se agora com o avanço da fome nos Estados Unidos... e com as suas consequências eleitorais.

Calcula-se que seja de quarenta milhões – um americano em cada seis – o número de pessoas que não têm, nos EUA, meios para matar a fome. A sua situação tornou-se o assunto de um vasto debate nacional de ecos claramente eleitoralistas.

A verdade é que basta atravessar a rua fronteira à Casa Branca para tirar a prova: a fome existe no «celeiro do mundo». Muitas vezes ao anoitecer, a cerca de cem metros dos gradeamentos da Presidência, os desempregados reunem-se na praça e esperam pela camioneta dos serviços municipais donde se procede à distribuição de uma tijela de sopa e um prato de massa. Desde o começo da recessão, há três anos, as «sopas populares» multiplicaram-se por todo o país. Nos bairros negros de Washington, são as igrejas que chamam a si a tarefa de alimentar os pobres.

Reagan encarregou uma comissão de técnicos, estranha à administração, de estudar a amplitude do problema e de lhe apresentar um relatório antes do próximo Inverno.

«Se os programas alimentares do Governo são mal geridos quero sabê-lo. S e certos aspectos desses programas requerem maior financiamento, também o quero saber» – escreveu Reagan nas instruções que transmitiu à comissão.

Éa primeira vez que o presidente reconhece que o problema da fome poderá ter-se agravado desde o início do seu mandato.

«Pergunto-me por onde é que ele tem andado durante todo este tempo», comentou Tip O'Neil, presidente democrata da Câmara dos Representantes, ao saber da formação da comissão de inquérito.

Ao designá-la, Reagan parece querer antecipar-se à conferência dos presidentes de municípios americanos, que, reunida em Washington, propôs um plano de sete pontos para travar o avanço da fome. A febre eleitoral já atingiu as altas esferas e o presidente pretenderá evitar, a todo o custo, votações como a que foi recentemete realizada na Câmara dos Representantes: por 407 votos contra 16, a Câmara opôs-se a qualquer novo corte orçamental nos programas alimentares.

Os cortes – sublinhe-se– foram da responsabilidade de Reagan, mais preocupado em ampliar as verbas destinadas à sua política armamentista.

Foi o inventor da câmara de gás móvel

Pedida na Grã-Bretanha a extradição do nazi Walter Rauff

Walter Rauff, criminoso de guerra nazi refugiado no Chile depois da Guerra, foi ontem objecto de um programa de televisão britânica, durante o qual um deputado exortou o governo a exigir a sua extradição.

Rauff foi o inventor da câmara de gás móvel e, como coronel da SS, é acusado de ser o responsável pela morte de mais de 200 mil pessoas.

Rauff escapou depois de ser interrogado pelos serviços de informação dos aliados e em 1962 o governo da Alemanha Federal pediu a sua extradição sem o conseguir.

O deputado trabalhista David Winnick pediu ao governo que pressione o Chile para que Rauff possa ser julgado pelos seus crimes argumentando que o caso de Rauff é mais escandaloso que o de Klaus Barbie, o chamado «carniceiro de Lyon», deportado recentemente da Bolívia para a França.

Rauff inventou a câmara de gás móvel, quando os pelotões de fuzilamento de Hitler se viam já incapacitados psicologicamente de proceder às execuções maciças de judeus que lhes eram pedidas.

De acordo com a documentação existente Rauff provou o seu invento, com 40 prisioneiros russos, perante oficias das SS.

Os prisioneiros levaram dez minutos a morrer com os fumos do motor do veículo onde estavam encerrados, dirigidos directamente a pequena cabina onde se encontram.

Calcula-se que cerca de 200 mil pessoas tenham morrido por este método.

Em 1945 foi preso em Itália pelas tropas dos Estados Unidos às quais escapou tendo desde então viajado livremente por toda a América do Sul.

Rauff que foi também entrevistado pelo programa da TV britânica limitou-se a reconhecer que é um homem de sorte, por poder viver no Chile.

O governo britânico, embora se tenha manifestado preocupado com a questão, afirmou nada poder fazer por se tratar de um caso da responsabilidade da Alemanha Federal.

O deputado trabalhista pediu aos governos da Grã-Bretanha, Alemanha Federal e Estados Unidos para pressionarem o Chile no sentido da extradição do criminoso de guerra.

anifestações antimísseis

feridos e 20 presos e italiana de Comiso

manifestantes, foi rendido.

Também em Atenas, em redor da Acrópole, uma cadeia humana de 10 mil pessoas fez um círculo protestando contra as armas nucleares, sob o lema «Não mais Hiroshimas, não mais armas nucleares».

Enquanto isto, na Bélgica prepara-se para o dia 23 de Outubro próximo, uma manifestação nacional contra a instalação dos euromísseis. Por ocasião do aniversário de Hiroshima, um grupo de padres católicos exortou os seus concidadãos a participar nessa manifestação e lembrou que «urge adoptar medidas para manter a paz e garantir o desarmamento».

No Brasil, em Angra dos Reis, a 160 quilómetros dso Rio de Janeiro, intelectuais, parlamentares oposicionistas e ecologistas reuniram-se, durante dois dias, numa manifestação sob o lema «Pela vida e pela paz, Hiroshima nunca mais».

Em Moçambique

n novo comando militar

tares transportadas de avião a partir de Maputo, equipamento militar sofisticado, incluindo novos helicoptéros de combate.

Uma província estratégica

A província da Zambézia assegura um terço dos rendimentos em moeda externa a Moçambique, produzindo chá, copra e açucar, sobretudo. A actividade do «MNR» tem afectado os circuitos de comercialização e a circulação de meios de transporte entre os vários distritos

Samora Machel afirmou que a actividade inimiga afectuou também o maior projecto indústrial em curso na província, uma fábrica têxtil em Mocuba que empregará 3 mil operários. O complexo fabril, construído com o apoio da RDA, está sensivelmente atrasado em relação aos prasos prrevistos para sua finalização.

O presidente moçambicano acusou, uma vez mais, a África do Sul de estar por detrás da actividade inimiga – «são eles que escolhem os alvos» – disse. Samora afirmou ainda que o objectivo da «RAS» é transformar Moçambique numa «sua colónia económica».

Falando sobre a situação constatada durante a sua visita ao comando militar em Mocuba, Samora disse que encontrou vários oficiais enviados para a Zambésia em Outubro do ano passado para fazerem operações militares que «nunca tinham participado num combate».

Samora disse que esses oficias foram despromovidos e entregues ao Governo provincial «para produzirem o seu salário».

Criticando a atitude de apatia e o espírito de acomodação, ao presidente disse que soldados e polícias têm de abandonar os prédios que ocupam na cidade e irem viver nos quartéis

Foi fixado o prazo de 30 de Setembro para a reparação das instlações militares e a desocupação das casas

Fernando Lima (AIM)

Fornecedor de droga à Mafia detido em Roma

Um dos grandes fornecedores de heroína e morfina à Mafia, Ko Bak Kin, detido em meados de Julho em Banguecoque, na Tailândia, chegou hoje sob prisão a Roma, na sequência do pedido de extradição italiano.

Ko Bak Kin foi imediatamente transferido para uma prisão italiana, que a Polícia se escusou a identificar.

A polícia italiana considera a extradição de Ko Bak Kin um passo importante para o desmantelamento das redes internacionais que colaboram com a Mafia, cujas operações têm suscitado uma onda de violência que culminou na semana passada com o assassínio do juiz Rocco Chinici e de outras três pessoas.

Kin foi detido no seu quartel general, uma luxuosa vivenda (Villa Karina) de Banguecoque, onde residia sob falsa identificação, em 15 de Julho, por agentes da Interpol da polícia tailandesa e dos serviços secretos italianos.

A acusação formulada contra Ko Bak Kin pelo magistrado de Palermo, Sicília, Giovanni Falconi, descreve-o como um dos grandes fornecedores de heroína e morfina ao Ckan de Gaspare Mutolo, o qual se encontra aliado a Rosário Riccobono. sendo estes considerados os dois chefes vencedores da guerra interna na Mafia siciliana

Ko Bak Kin já estivera preso em 1976, ao ser surpreendido no aeroporto de Roma com uma carga de 20 quilos de heroína. Então fora condenado a seis anos de prisão, mas pouco depois obteve a liberdade condicional e figiu da Itália.

A detenção de Ko ban Kin segue-se a uma operação de combate ao tráfico de estupefacientes no início do ano, quando um navio grego, com destino à Sicília foi bloqueado à saída do canal do Suez, descobrindo-se que carregava 250 quilos de heroína e 25 de morfina.

Os investigadores italianos afirmaram então que o autor do envio do carregamento era Ko Bak Kin e acusaram o italiano Fioravanti Palestrini, actualmente detido no Egipto, de ser o encarregado do transporte dos estupefacientes.

A polícia italiana na sequência desta pista prendeu Giovanni Muttolo, irmão do chefe do clan, e outros colaboradores do grupo em Roma e na cidade Teramo.

A investigação deste caso começou após a detenção pela polícia italiana de dois italianos, um inglês e três norte-americanos, acusados de serem «correios» da rede, que continuam detidos na Grã-Bretanha, Alemanha Federal e Itália.

MOBÍLIAS VENDEM-SE

Salas de jantar e quartos estilos Inglês, Império, Barroco, Luís XV e XVI, Renascença, D. José, D. João V, louceiros, estantes, armários de vidrinhos, papeleiras, cómodas, camas de bilros e de latão, roupeiros, consolas e credências, jogos de maples em veludo e em pele, sofás-camas, lustres, candeeiros, relógios de mesa e caixa alta, bibelots, quadros a óleo, etc.

Av. da República, 12, r/c (Perto do Saldanha)

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2615, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Couço e concelho de Coruche, de uma linha aérea a 30 KV com 424 metros, do apoio n.º 8 da linha para o PT 684 — Couço ao PT n.º 1018 (Cemitério) Couço.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5855, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 30 KV n.º 3106/R-22 com 148 metros, do poste n.º 21 da linha n.º 3106 ao posto de transformação n.º 2018, sito no Carregado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2358, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Alferrarede, concelho de Abrantes, de uma linha aérea a 30 KV com 375 metros, do poste n.º 23, da linha Olho de Boi-Abrantes, ao posto de transformação n.º 869 de S. José.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5839, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha mista a 10 KV, n.º 1719, com 4876 metros, parte aérea com 1876 metros e parte subterrânea com 3000 metros, da S.E. n.º 4985 da Póvoa de Santa Iria ao PST n.º 4477 do Casal do Olival, em Vialonga, passando pelos PST n.ºs 936, 4482, 4483, 4480, 4481, 4478 e 4479.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5978, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Vila Nova da Rainha e concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 30 KV, n.º 109/R-49, com 1119 metros, do poste n.º 56 da linha n.º 108/109, ao posto de transformação n.º 4345, no Casal do Ouro, no Carregado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5861, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de um novo troço da linha aérea n.º 109/R 31 a 30 KV, com 521 metros, entre o PT n.º 362-C e o apoio n.º 4 da referida linha que alimenta o PT n.º 647-C, em Castanheira do Ribatejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ponte de Sor, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2120, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Montargil, no concelho de Ponte de Sor, de uma linha aérea a 30 KV com 5770 metros, do poste n.º 45 da linha para o PT n.º 709 de Montargil e a S.E de Montargil.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5978, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Vila Nova da Rainha e concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 30 KV, n.º 109/R-49, com 1119 metros, do poste n.º 56 da linha n.º 108/109, ao posto de transformação n.º 4345, no Casal do Ouro, no Carregado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Novas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2148, arquivo 95, para o estabelecimento no concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 60 KV, com 1606 metros, do poste n.º 71, da linha Entroncamento – Maceira II à S.E. provisória 60/30 KV do Almonda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2048, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Urra, concelho de Portalegre, de uma linha aérea a 30 KV com 4668 metros, do poste n.º 14 da linha para o P.T. n.º 177 (Cala) ao posto de transformação n.º 667 (Carvalhal Barbudo).

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Novas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2148, arquivo 95, para o estabelecimento no concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 60 KV, com 1606 metros, do poste n.º 71, da linha Entroncamento – Maceira II à S.E. provisória 60/30 KV do Almonda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Castelo Branco, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2171, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Alcains, e concelho de Castelo Branco, de uma linha aérea a 15 KV, com 722 metros, do poste n.º 42, da linha para o PT n.º 39 de Lardosa, ao posto de transformação da Agro-Pecuária, de Luís Amaro Lopes Adónis.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Castelo Branco, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2116, arquivo 95, para o estabelecimento no concelho de Castelo Branco, de uma modificação sem aumento de comprimento da linha mista a 30 KV para o P.T. de J. Rafael, Lda. entre o poste de derivação e o poste n.º 2, em Alcains.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

exclusivo

Em vez da guerra económica dos EUA

Cooperação vantajosa entre o Leste e o Oeste (2)

■ Panorama D.D.R

Yuri Andropov

Helmut Kohl

AS medidas inspiradas pelos EUA quanto a um embargo, boicote e outras sanções são tomadas num momento em que os países do CAME sublinham a sua disposição de continuar a desenvolver as relações económicas com países industriais ocidentais na base da igualdade de direitos e das vantagens recíprocas. Os países do CAME promovem estas relações tanto no interesse da política de coexistência pacífica e da estabilização das relações internacionais como em benefício do seu próprio desenvolvimento.

A via principal de participação na divisão internacional do trabalho constitui hoje como ontem, para os países do CAME, a integração económica socialista no âmbito desta comunidade, como base segura para o seu desenvolvimento isento das perturbações que seriam causadas por uma guerra económica e, ao mesmo tempo, como premissa para a cooperação económica entre o Leste e o Oeste.

A posição dos Estados do CAME não tem nada com isolamento ou separação do mercado internacional e da divisão internacional do trabalho. Pelo contrário, verifica-se na Declaração Política dos Estados participantes do Tratado de Varsóvia aprovada em Praga em Janeiro de 1983 que:

«Os Estados representados na sessão estão dispostos a desenvolver relações mutuamente vantajosa com todos os Estados da Europa e em particular a desenvolver amplamente a cooperação objectiva no comércio, no domínio industrial, agrícola e técnico-científico, sem qualquer discriminação e a lutar por medida que visam o fortalecimento da confiança nas relações económicas. É aí que se abre um campo verdadeiramente amplo para a cooperação na base da igualdade e do benefício mútuo.»

Também na situação internacional mais complexa ou perante o agravamento multifacetado da conjuntura internacional os países da CAME não tentam afastar-se das relações económicas internacionais mutuamente vantajosas. Estão firmemente decididos, como se diz no comunicado da XXXVI sessão do CAME em Junho de 1982, a desenvolver as relações com os Estados interessados para o fortalecimento da paz e da cooperação internacionais no espírito da Acata Final de Helsínquia.

O secretário-gral do Comité Central do PSUA e presidente do Conselho do Estado da RDA, Erich Honecker, frisou com respeito à RDA:

«Estamos muito longe de reduzir as nossas relações comerciais com os países ocidentais porque as valorizamos altamente com base na vantagem mútua para a coexistência pacífica entre Estados de diferentes sistemas sociais.»

NOVA FASE DE TENTATIVAS DE PERTURBAÇÃO PROVENIENTES DE ALÉM-MAR.

É sabido que na história das Relações mútuas houve uma série de tentativas de círculos ocidentais no sentido de actuar contra os países socialistas com meios e métodos da guerra económica. A nova qualidade assumido por tais factores perturbadores nas relações económicas Leste/Oeste no início dos anos 80 exprime-se sobretudo nas seguintes características:

1. A ESCALADA DA POLÍTICA ECONÓMICA RESTRITIVA PENETRA HOJE EM TODOS OS SECTORES DAS RELAÇÕES ECONÓMICAS LESTE/OESTE.

Medidas da restrição abrangem não só as importações e exportações de países ocidentais no âmbito do seu comércio Leste/Oeste como também as várias formas de cooperação económica, a cooperação dos países na prospecção, exploração e transporte de matérias-primas e de fontes energéticas, as relações técnico-científicas, o comércio com cereais, relações de crédito e finanças e outros.

2. A UTILIZAÇÃO DE RELAÇÕES ECONÓMICAS COMO ARMA PARA ALCANÇAR OBJECTIVOS NA POLÍTICA EXTERNA REALIZA-SE SOBRETUDO COM APOIO EM MÉTODOS DE EXERCÍCIO DE PRESSÃO, DE AMEAÇAS, CHANTAGEM E OUTROS MEIOS.

Nisto se integram métodos de embargo, boicote e proteccionismo discriminatórios. Variantes particularmente repressivas da política dos EUA são a expansão extraterritorial do direito interno dos EUA para outros países capitalistas e a ameaça com sanções contra todos os países sobretudo na Europa Ocidental que não estejam dispostos a seguir as ideias norte-americanas.

3. PARA COORDENAR AS RLEAÇÕES ECONÓMICAS LESTE/OESTE DOS PAÍSES OCIDENTAIS COM O OBJECTIVO DE AMPLIAR A CONCEPÇÃO DA GUERRA ECONÓMICA PASSA-SE A UMA CADA VEZ MAIS FORTE UTILIZAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES E INSTITUIÇÕES NO MUNDO OCIDENTAL BEM COMO AO ABUSO DE ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS COMO POR EXEMPLO A ECE.
4. AS TENTATIVAS DE PERTURBAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO REAGAN E DOUTROS CÍRCULOS DA NATO INIMIGOS DO DESANUVIAMENTO, DIRIGIDAS CONTRA AS RELAÇÕES ECONÓMICAS LESTE/OESTE E CONTRA AS RELAÇÕES ECONÓMICAS INTERNACIONAIS NO SEU CONJUNTO DOS PAÍSES SOCIAISTAS TORNARAM-SE UMA POLÍTICA PERMANENTE E JÁ NÃO TÊM CARÁCTER ESPORÁDICO COMO NOS ANOS 60 E 70. CONSTITUEM A COMPONENTE ECONÓMICA DUM AMPLO RUMO DE CONFRONTAÇÃO QUE ABRANGE AO MESMO TEMPO O REARMAMENTO, TENSÕES POLÍTICAS E A GUERRA IDEOLÓGICA.

Os EUA conferiram à NATO a função da «Central de comando» na guerra económica! Tarefas importantes cabem ao COCOM (Coordinating Committe for East-West-Trade Policy). Também a OCDE, as instituições da Comunidade Europeia e mesmo estabelecimentos como a Agência Internacional de Energia (IEA) devem ser utilizados para dirigir e coordenar essas actividades.

Entretanto a escalada da guerra económica contra o socialismo e a cooperação Leste/Oeste tornou-se um tema permanente lançado pelo EUA a nível de cimeiras da NATO e das chamdas cimeiras económicas dos principais países imperialistas. Estudos iniciados pelos EUA apresentam vias através das quais a OCDE poderá tornar-se um centro de informação e coordenação da estratégia imperialista contra o comércio Leste/Oeste, para, a partir de ideias dos EUA, influenciar mais favoravelmente todos os países industriais capitalistas no seu comércio Leste/Oeste. O que se pretende sobretudo é subordinar às asprirações hegemonistas da política norte-americana na política externa e na economia externa os interesses económicos euro-ocidentais.

Sectores da guerra económica

A guerra económica realizada pela actual administração dos EUA contra os países do CAME abrange sobretudo os seguintes sectores:

Tentativas para limitar os fornecimentos de tecnologia

Particularmente afectados pela política de embargo são os elementos dinâmicos e progressivos das relações económicas internacionais tal como o intercâmbio internacional de tecnologia. São estas relações que exigem a conclusão de acordos e compromissos complexos e a longo prazo e que têm relações a entrelaçamentos económicos muito profundos. O intercâmbio internacional de tecnologia cuja importância como meio de intensificação das relações económicas internacionais cresce objectivamente só se pode desenvolver numa atmosfera de confiança e do desanuaviamento e promove, por outro lado, o prosseguimento e reforço do processo de desanuviamento.

Por isso, não é por acaso que a administração dos EUA utiliza cada vez mais na sua política vários meios para impedir o intercâmbio internacional de tecnologia, sobretudo em caso de grandes projectos — uma política que tenta provocar danos tanto nos países do CAME como na região económica da Europa Ocidental ou nas relações entre ambos.

— Os EUA tratam por exemplo de criar dificuldades no aprofundamento do intercâmbio internacional de tecnologia e na elaboração, para este fim, de princípios e condições democráticos, em várias instâncias, como a comissão da ONU para comércio e desenvolvimento (UNCTAD), a comissão económica das Nações Unidas para a Europa (ECE) e a organização de Paris (PVU) para a protecção da propriedade do sector das artes e ofícios.

— Na legislação nacional dos EUA aparecem tendências no sentido de fazer depender a entrega da tecnologia dos EUA a parceiros estrangeiros, e sobretudo a parceiros da Europa Ocidental, da boa vontade de política destes, ou então no sentido de pressão económica e política através do intercâmbio de tecnologia.

Este objectivo dos EUA refere-se sobretudo **ao impedimento e à proibição das exportação de tecnologia moderna, de licenças aos países socialistas.** Nesta concepção da administração dos EUA desempenharam papel decisivo a NATO e o Coordinating Committee for East-West-Trade Policy (COCOM) que tem a sua sede em Paris.

Em Novembro de 1949 fundou-se por sugestão dos EUA o COCOM para controlar as exportações das chamadas mercadorias estratégicas à URSS e aos países da Europa Oriental. Neste momento pertencem ao COCOM 14 países da NATO (todos com excepção da Islândia e da Espanha) e o Japão.

As tarefas principais do COCOM consistem em preparar listas de mercadorias que não podem ser exportadas para os países socialistas, em visar como «caso excepcional» para uma mercadoria as solicitações de exportação e em realizar consultas sobre o cumprimento das restrições.

Há três listas de mercadorias que devem ser controladas: bens de armamento, equipamentos para a energia nuclear e equipamentos industriais. As exportações de bens fixados nas duas primeiras listas são totalmente proibidas. A terceira lista abrange mercadorias que podem ser utilizadas tanto para fins civis como para fins militares. Estas só podem ser exportadas em «casos excepcionais». Fazem parte destas mercadorias equipamentos e aparelhos para indústrias metalomecânica, química, indústria petrolífera, energética e transportes, produtos da construção de máquinas gerais, metais, minerais e seus derivados, substâncias químicas e metalóides.

Washington dedica grande atenção à revisão e ampliação permanentes das chamadas listas do COCOM para envolver os aliados da NATO na sua política de economia externa contra os países socialistas. Os EUA querem com isso excluir sobretudo os concorrentes da Europa Ocidental dos fornecimentos de mercadorias fixadas nas «Commodity Control Lists» americanas, bem como impedir as reexportações de mercadorias americanas e licenças sancionadas por outros países ocidentais.

Com as negociações do COCOM reiniciados em Setembro de 1982 os EUA querem alcançar cinco objectivos — **exigências máximas** — o que significa uma ingerência iminente nos assuntos económicos dos países participantes:

1. Ampliação das listas de embargo dos chamados «bens estratégicos» (sobretudo peças electrónicas, equipamentos, instalações, máquinas-ferramentas, matérias-primas importantes, tecnologias de produção);
2. Controlos mais rigorosos e suspensão do procedimento nacional de autorização através da fixação de tais bens na lista geral;
3. Fixação de licenças e patentes que poderão ser de interesse para os países do CAME;
4. Criação dum chamado crédito COCOM para limitar e controlar ainda mais os créditos;
5. Ampliação do COCOM como centro permanente de coordenação da «política do comércio com o Leste» de todos os países ocidentais.

Há tentativas de submeter às estipulações do COCOM também países não membros do COCOM. Por exemplo, o Pentágono exigiu já em finais de Novembro de 1982 que a Áustria **«pudesse dar um contributo decisivo para a sua segurança e para a segurança do Ocidente através da limitação das exportações de tecnologia ocidental à União Soviética». É como se a Áustria tivesse compromissos com a NATO: «A política comercial da Áustria neutral difere notavelmente da comunidade ocidental »**

(citado de: Os EUA atacam a neutralidade da Áustria, em: Horizont, Berlim, 3/1983) ■

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2481, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Sobreira Formosa, concelho de Proença-a-Nova, de uma linha aérea a 30 KV com 15 metros, do poste n.º 5 da linha para o PT n.º 187 de Sobreira Formosa, ao posto de transformação de Ripanço e Cesmos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 25 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5854, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma linha aérea n.º 3106/R-17 a 30 Kv com 216 metros, do poste n.º 20 da linha n.º 3106 ao poste de transformação n.º 462-C, da Sociedade Luso-Holandesa de Rações, Lda. no Carregado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5173 1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha aérea a 10 KV, n.º 1124/R-20, com 807 metros, do poste n.º 5 da linha n.º 1124/R-6 ao PT n.º 5173.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Benavente, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2702, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 KV com 687 metros, do poste n.º 3 da linha para o P.T. de ATLAS TRADYNG, ao posto de transformação de SABAMAR — Sociedade Industrial de Peixe, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 4 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Amadora e Loures, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5870, arquivo 9, para o estabelecimento nos concelhos de Amadora e Loures, de uma linha mista a 10 KV, n.º 1832 com 2714 metros, parte aérea, com 1514 metros, parte subterrânea com 1200 metros, do poste n.º 68 da linha n.º 129 ao P.S.T. n.º 5706 passando pelos P.S.T. n.ºs 5708 e 5707, no Casal do Rato.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2391, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Santo André das Tojeiras e concelho de Castelo Branco, de uma linha aérea a 30 KV com 516 metros, do poste n.º 7, da linha para o P.T. de Vale Coelheiro, ao posto de transformação de Fonte Longa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5891, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma modificação da linha aérea a 30 KV, n.º 3106/R-6 para o PST n.º 1085, no Carregado, com a montagem de um troço aéreo, com 132 metros, entre o novo poste de derivação (apoio n.º 17 da linha n.º 3106) e o poste n.º 1.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5861, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma modificação da linha aérea a 30 KV, n.º 3106 com a montagem de um troço aéreo, com 801 metros, entre o poste n.º 174 e o poste n.º 179 (antigo n.º 180) em Abrigada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Benavente, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2380, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente, de uma linha aérea a 30 KV, com 2578 metros, do poste n.º 17, da linha para o PT da Mata do Duque ao PT da Redovias do Ribatejo, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 6 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Castelo Branco, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2398, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Freixial do Campo e concelho de Castelo Branco, de uma linha aérea a 15 KV, com 2026 metros, do poste n.º 14, da linha para o PT de Rochas de Baixo, ao posto de transformação de Barbaido.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Julho de 1983.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

Crónicas do veraneio europeu

Alastra por toda a França prostituição de menores

Pigalle, 23 horas: Michel, de 17 anos, enfiado nos seus «jeans» baratos faz o seu giro. Os anúncios acendem e apagam, os carros de turistas deixam frente aos «sex-shops» e cabarés de anúncios tentadores a sua carga de visitantes nocturnos.

Michel, falsamente descontraída, senta-se num banco usado. Um homem aproxima-se, anda pelos sessenta. O desconhecido, de roupas tristes e clássicas parece apressado. Troca algumas palavras com Michel. O adolescente começa a andar para uma pequena rua de hóteis duvidosos. O homem segue-o.

À mesma hora, em Marselha, no Bairro da Ópera ou em Lyon no cais, o mesmo cenário reproduz-se: os pequenos «tambores» começam a sua noite. Como Michel são milhares em França, na sua grande maioria rapazes, que vendem o corpo por umas notas de cem francos, um fim-de-semana no mar ou roupas «à la mode».

Em França, onde a prostituição de menores foi apresentada durante muito tempo como um fenómeno marginal que só existiria em Banguecoque, Manilla ou nos Estados Unidos, o nível de alerta foi atingido. Embora nenhuma estatística concreta tenha sido oficialmente estabelecida, as estimativas, entre elas a da associação «Crianças sós» referem 5000 rapazes e 3000 raparigas com menos de 18 anos que se prostituem ocasionalmente.

Face a esta situação inquietante, acaba se der criado um grupo de trabalho na Secretaria de Estado da Família, onde se reconhece que o problema é «difícil de resolver».

Michel, o «rapaz de passe» da Praça Pigalle entrou no mundo da prostituição há três anos, em Lille. Criança abandonada, desenraizada, navegou entre os lares e as «famílias» que o foram acolhendo sucessivamente. «Um dia aproveitei a ausência dos educadores para folhear o meu 'dossier' e coonhecer o nome do meu pai ou da minha mãe. Descobri que não tinha nome, que era uma criança abandonada».

Aos 14 anos, um amigo com quem tem relações homossexuais propõe-lhe que «trabalhem» juntos. Os seus primeiros «passes» fá-los-á num parque de estacionamento dos arredores de Lille. Depois é a fuga com o mesmo amigo: Canes, depois Paris, onde tentam nomeadamente a sua hipótese no Bairro de Saint-Germain des Prés, antes de se fixarem nas estações de comboios e, por último, em Pigalle. Michel e o seu pequeno amigo eram muito «marcados» para agradar aos clientes dos bairros chiques da capital.

Em Pigalle, Michel encontrou educadores de rua. Vão tentar fazer um contrato com ele: trabalho e alguns dias de guarida num lar em troca da promessa de deixar a prostituição.

Mas os educadores confessam-se desarmados perante a extensão da prostituição de menores: «não somos suficientemente sedutores como os patifes que os levam para a beira-mar», constata Pierre, educador há três anos. «Vamos ao seu encontro e pouco a pouco tentamos fazer-lhes compreender que podem fazer outra coisa. Mas neste bairro a tentação é tal que a nossa acção acaba por ser mais preventiva. É-nos mais fácil recuperar um jovem em perigo de prostituição que reinserir um adolescente já prostituído que, com muita frequência, terá já experimentado a droga e a pequena delinquência».

Os jovens rapazes e raparigas que aterram em Piagalle completamente sem dinheiro, frequentemente em rotura com as famílias, deixam-se facilmente levar quando estão sem dinheiro e sem alojamento.

A solidão afectiva parece, segundo os educadores, ser o ponto em comum entre os «pequenos tambores», quer se trate dos jovens efebos elegantemente vestidos dos bairros ricos ou de rapazes e raparigas, na sua maioria de origem maghrezbina que se prostituem nos bairros quentes.

Marie-France Osenda (AFP)

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

A «paz» refinada rodeada de «guerra» (Françoise Ariel em «Um S Marginal»)

"Um S Marginal"

de José de Sá Caetano

Milhares de trabalhadores estão com salários atrasados. Ângelo Correia compra uma casa em Albufeira. Um jovem é anavalhado em Lagos. O tempo não acerta: vento e granizo no Nordeste. O Governo toma decisões obscuras. Um comando terrorista ocupa uma embaixada; horas depois vai pelos ares, ninguém sabe bem porquê. Os tribunais julgam: quando se trata de prender pessoas as decisões funcionam, quando se trata de devolver terras aos trabalhadores da Reforma Agrária ou anular despedimentos ninguém liga. Fala-se em fusão ibérica, mísseis em Portugal. A esquerda ganhou as eleições, ninguém diria.

Nada disto está em **Um S marginal** de Sá Caetano. Pois não. Mas tudo o que lá está, desespero expectante e apocalíptico, medo, perturbação, tudo o que lá está, está aqui em Portugal. Noutras formas para um mesmo conteúdo.

É preciso perceber isto para nos darmos conta que Sá Caetano, ao rarefazer histórias e ao inflacionar factos que se sucedem sem unívoco sentido, não está a praticar escrita automática ou a estagnar em vanguardismos. Está a fazer, com o cinema, aquilo que é fundamental que toda a forma de arte faça: sintonizar com algo de fundo, de essencial e, depois, semear pistas para seguir.

O cerne de **Um S marginal** é a progressiva inquietação de olhar o real parcelarmente e fazer esse pequeno bocadinho inundar tudo, como um insecto que se tornasse monstruoso e nem sequer violento, apenas expectante, previsivelmente aniquilador. Esses barcos, essas hélices, esses fumos, esses semáforos, esses animais que não se sabe de onde vêm, esses jovens vingadores que actuam na noite, tudo são apenas pequenas coisas, indícios, imagens e sons belíssimos, obscuros, perturbantes, porque, de súbito, não há nada senão coisas que conhecemos mas não reconhecemos nem articulamos. Um mundo familiar onde há uma lógica que nos escapa.

A propósito de **Um S marginal** podia-se falar da perícia da montagem e da sua vertigem, das dissonâncias da fotografia (tão depressa límpida como enevoada, aceradamente colorida), podia-se falar da espantosa música de Rui Cardoso (essas vozes em vogais abertas sobre sintetizador), podia-se falar de técnica e de linguagem, para aplaudir. Mas creio que isso seria sair lateralmente do edifício concentracionário do filme. Do espanto violento e da dilacerada solidão.

Não é obrigatório gostar deste filme. Creio mesmo que não haverá multidões para a disponibilidade que **Um S marginal** exige. Mas, poucos que sejam, o que importa é que este filme vai possuir por dentro os sentidos do espectador, atravessar a sua razão como uma bola de fogo enigmática e lindíssima, fazer com que, durante hora e meia, uma realidade fantástica seja toda a realidade, absorvente. Não sei que outra coisa seja o cinema. E, pelo menos no que me diz respeito, **Um S marginal** já não está só.

FICHA:

Realização e argumento: José de Sá Caetano (Portugal – 1980).

Fotografia: Moedas Miguel, Mário de Carvalho.

Cenários e figurinos: Jasmim.

Música: Rui Cardoso.

Montagem: Manuel Tomás, Teresa Prista.

Interpretação: Sinde Filipe, Diogo Dória, Françoise Ariel, Joaquim Leitão, João Lagarto, Rui Morrison, Arthur Schmidt, Eurico da Fonseca, etc.

Produção: Filmform.

Produtor executivo: José Fonseca e Costa.

Distribuição em Portugal: Filmefilmes.

Cinema: Quarteto.

Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

Duração: 91 minutos.

Desenhos animados soviéticos nos Estados Unidos

A Walt Disney Productions assinou um contrato para distribuição de desenhos animados soviéticos nas cadeias de Televisão norte-americanas, noticiou a Tass.

A excepção aberta neste caso pela empresa norte-americana que, regra geral, não compra filmes de animação estrangeiros, ficou a dever-se, segundo o director da sociedade importadora norte-americana Five Star International, Robert Estes, ao facto de os filmes soviéticos serem «muito apreciados pelos telespectadores norte-americanos».

Robert Estes, que assistiu em Moscovo ao Décimo Segundo Festival Internacional de Cinema comprou este ano mais de 200 longasmetragens, documentários e filmes de divulgação científica na União Soviética.

Embora reconhecendo ser «fácil projectar um filme soviético nos Estados Unidos», o empresário crê ser «necessário tentar ultrapassar a atitude negativa dos distribuidores e directores das companhias de Televisão norte-americanas em relação a tudo o que vem da União Soviética».

«Sem conhecerem o cinema da União Soviética – acrescentou Estes – os distribuidores e directores de Televisão norte-americanos consideram-no, «a priori», propagandista e, quando vêem um bom trabalho de um cineasta soviético, admiram-se que tenha sido realizado na URSS».

DESPORTO

Atletismo : mundiais em Helsinquia

Aurora Cunha na final de 3000

Lopes e Mamede : hoje nos dez mil

Prossegue o brilhante comportamento dos portugueses nos Campeonatos Mundiais, de Atletismo, que decorrem em Helsínquia: ontem Aurora Cunha qualificou-se para a final dos 3000 metros, a disputar amanhã, ao classificar-se na 6.ª posição da 1.ª eliminatória com 8.51,66 minutos (novo recorde de Portugal). A atleta portuguesa obteve o 13.º tempo das eliminatórias.

Desfecho da eliminatória: 1.ª Svetlna Ulmassova (URSS), 8.46.65; 2.ª Agnesse Possami (Itália), 8.46.68; 3.ª Brigite Kraus (RFA), 8.47.25; 4.ª Wendy Sly (Grã-Bretanha), 8.47.39; 5.ª Christine Benning (Grã-Bretanha), 8.49.71; 6.ª Aurora Cun (Portugal), 8.51.66.

Marlies Gohr (RDA) conquistou a medalha de ouro dos 100 metros femininos com 10,97 segundos. Marita Koch (RDA) obteve a medalha de prata e a norte-americana Williams a de bronze. Tempos: respectivamente de 11,02 e 11,06. A recordista mundial Evelyn Ashford (EUA) desistiu a meio da prova por lesão, quando seguia na 1.ª posição.

O norte-americano Carl Lewis conquistou medalha de ouro dos 100 metros com o tempo de 10,07 segundos. Os seus compatriotas Calvin Smith (recordista mundial) e E. King obtiveram as medalhas de prata e bronze, respectivamente. Tempos: 10,21 e 10,24.

O polaco Ziecslaw Hoffman venceu a prova do triplo salto, estabelecendo um novo recorde do seu país, com 17,42 metros, no 6.º ensaio.

Hoffman chegou à série final colocado na 6.ª posição (com 17.00 m) mas realizou depois três saltos excelentes (17,18; 17,35 e 17,42).

O norte-americano Willie Banks (que se fez notar pelo pedido de aplausos ao público para o ajudar a marcar a cadência das suas corridas) obteve a medalha de prata (17,18) perdendo a hipótese de discutir o título ao realizar dois saltos nulos nos últimos dois ensaios. O nigeriano A. Agbebaku (que este ano conquistou a medalha de ouro nas Universíadas) obteve a medalha de bronze (também com 17,18) mas perdeu no desempate com Banks, que tinha como 2.ª melhor marca 17,08. Os seis primeiros classificados obtiveram marcas acima dos 17 metros e a prova foi bastante disputada pelos três primeiros e também pelo norte-americano Mar Conley, 4.º classificado (17,13). A seguir ficaram 5.º Marinec (Checoslováquia) 17,13; 6.º Gado (Checoslováquia) 17,06; 7.º Bakosi (Hungria) 16,83; 8.º Joyner (EUA) 16,76.

Qualificados para a final do lançamento do martelo, a disputar hoje: Serguei Litvinov (URSS) 78,50 m; Zdzislaw Kwasmi (Polónia) 75,78; Youri Sedykh (URSS) 75,52; Juha Tiainen (Finlândia) 75,02; Gunther Rodehau (RDA) 74,86; Emanouil Dyoulgerov (Bulgária) 74,74; Karl Hans Riehm (RFA) 74,56; Klaus Ploghaus (RFA) 74 46; Harri Huhtala (Finlândia) 74,28; Igor Nikulin (URSS) 74,06; Roland Steuk (RDA) 73,68. Repescado para completar os 12 finalistas: Cristoph Sahner (RFA) 73,44.

Finalistas dos 400 metros barreiras masculinos: Harald Schmidt (RFA); Lee (EUA); Szparak (Polónia); Nylander (Suécia), Moses (EUA); Phillips (EUA) Amadou (Senegal) e Karlov (URSS)

A atenção dos portugueses concentra-se hoje na final dos 10 mil metros, quando Carlos Lopes e Fernando Mamede estiverem na pista. Lembremos (entretanto) as provas que ocorrem durante o dia: Disco – Qualificação (S); Heptatlo – Comprimento; 4x100 m – Eliminat. (S); Disco – Qualificação (S); 4x100 m. – Eliminat. (H); Dardo – Qualificação (S); 15.00 – 400 m. barreiras – Meias-finais (S).

15.20 – 400 M. Barreiras – Final (H)
15.30 – Comprimento – Qualificação (H)
15.35 – 400 M – Meias-finais (S)
15.50 – 400M – Meias-finais (H)
16.10 – 800M – Final (S)
16.15 – Heptatlo – Dardo
16.20 – 800 M – Final (H)
16.35 – 3000 M obstáculos – Eliminatórias
16.40 – Altura – Final (S)
17.35 – 10 000 M – Final (H)
18.30 – Martelo – Final (H)
18.45 – Heptatlo 800 m – Última prova.

«Ganhei, sim senhor!»

Futebol mexe

Continuam os encontros de preparação de turmas de futebol. Ontem, o Vitória de Setúbal venceu o Barreirense por 2-0, em jogo disputado no Barreiro. Os golos dos sadinos foram apontados por Rui Lopes e Freire.

Brasil

Santos, Corintians, São Paulo e Palmeiras encabeçam as respectivos grupos, após a disputa da última jornada da 1.ª volta do campeonato paulista de futebol. Resultados: Juventus-Santo André, 0-1; Botafogo-Portuguesa de Desportos, 1-1; Ponte Preta-Comercial, 0-1; Internacional-XV de Jau, 5-1; Taquaritinga-Taubaté, 2-0; América-São José, 1-0; Marília-São Bento, 0-1; Corintians-Guarani, 3-1 e Ferroviária-São Paulo, 1-1.

Espanha

Os brasileiros do América (Rio) ganharam o torneio de futebol da «Costa Dourada» que foi disputado em Tarragona (Espanha) ao baterem o Dundee United, por 2-1. Para a 3.ª posição, o Valência empatou com o Espanhol (1-1).

Por outro lado, o Málaga ganhou o troféu da «Vila de Marbella», ao bater na final o Atlético de Madrid, por 2-1.

Ainda em Espanha: por grandes penalidades, o Elvas foi vencido em Puebla (perto de Badajoz).

Ténis por cá

Nuno Marques, obrigado a participar na prova de qualificação do torneio que se iniciou no Clube de Ténis do Porto, tem obtido resultados que lhe permitem pensar na passagem ao quadro principal. Pedro Cordeiro, José Manuel Cordeiro e Manuel de Sousa, estão ausentes na disputa do quadro principal que se inicia amanhã, o que retira grande competitividade a esta prova com prémios pecuniários muito baixos. Resultados dos jogos de qualificação já realizados: Rui Alegre – Eduardo Barbosa, 1/6, 7/6, 6/1; Cipriano Alegre – José Acácio Marques 6/2, 6/7, 6/0; Luís Reis – Sobral Dias, 6/2, 6/1; José Luís Kendall – Nuno Barbosa, 6/3, 6/1; Nuno Marques – Ferreira da Silva, 6/0, 6/0; Sérgio Monteiro – Abílio Moreira, 7/5, 6/3; Manuel Magalhães – Manuel Silvestre, 6/0, 6/1 António Saraiva JR – Paulo Coelho 6/1, 6/2 Paulo Spratley – Luís Reis, 1/6, 6/3, 6/4, Miguel Corte Real – Cipriano Alegre, 6/1 6/3; Nuno Marques – Luís Paiva Bradão, W.O. e João Saraiva – Rui Alegre, 6/2, 6/4. A prova de qualificação termina amanhã quando principia o quadro principal de singulares femininos, com os seguintes jogos: Fátima Santiago – Sandra Marques, Graça Cardoso – Suzana Carvalho da Silva, Luísa Martins - Suzana Marques e Isabel Costa - Marta Varanda.

Grande Prémio

O francês Yannick Noah continua no comando do Grande Premio de Ténis após a realização dos torneios de Washington e Kitzbuhel. A classificação é agora a seguinte: 1.º Yannick Noah, (França) 1528 pontos (8 torneios); 2.º Mats Wilander, (Suécia) 1[illegible] 3.º Ivan Lendl (Checoslováquia) 1241 (8), 4.º John McEnroe, (EUA), 1220 (5); 5.º José Higueras (Espanha), 1[illegible] 6.º Jimmy Connors (EUA) [illegible] 7.º José Luis Clerc (Argentina) 780 (8), 8.º Gene Mayer (EUA) 730 (6), 9.º Kevin Curren (EUA) 625 [illegible]

Xadrez : conflito presiste

O «grande mestre» mexicano Carlos Enchinas lamenta o conflito surgido com a realização das meias-finais do torneio de candidatos ao título de campeão do mundo de xadrez. Enchinas considera existir uma tradição segundo a qual a desistência do local para as partidas deve ter em conta o desejo dos participantes. O xadrezista mexicano afirmou que a intervenção do presidente da Federação Internacional de Xadrez, o filipino Francisco Campomanes) ao marcar as meias-finais para o Abou Dabi e Pasadena, **prejudicou a causa comum.**

Classificação

Etapa entre o Autódromo do Estoril e Cadaval (Serra do Montejunto) na distância de 120 quilómetros:

	H M S
1.º, José Henriques (Tavira/Sylber)	3.03.02
2.º, Venceslau Fernandes (Rodovil/Ajacto)	3.08.21
3.º, António Alves (Porto/UBP)	MT
4.º, José Marques (Tavira/Sylber)	3.08.38
5.º, Paulo Ferreira (Lousa/Trinaranjus)	3.08.43
6.º, Luís Vargues (Porto/UBP)	MT
7.º, Adelino Teixeira (Lousa/Trinaranjus)	MT
8.º, Manuel Cunha (Porto/UBP)	MT
9.º, Alberto Leal (Ovar/Alf. Agrícolas)	MT
10.º, José Xavier (Lousa/Trinaranjus)	MT
11.º, Belmiro Silva (Porto/UBP)	3.08.51
12.º, Fernando Fernandes (Porto/UBP)	MT
13.º, Marco Chagas (Mako Jeans)	MT
14.º, António Pinto (Rodovil/Ajacto)	MT
15.º, Luís Domingos (Lousa/Trinaranjus)	MT
16.º, Manuel Zeferino (Mako Jeans)	3.08.58
17.º, Luís Teixeira (Coelima/Friminho)	MT
18.º, António Fernandes (Porto/UBP)	MT
19.º, José Poeira (Lousa/Trinaranjus)	MT
20.º, Eduardo Correia (Mako Jeans)	MT
...	
74.º, José Pereira (Siderurgia)	3.15.09

Média do vencedor: 39,337 km/h.

Equipas

	H M S
1.ª, Tavira/Sylber	9.21.15
2.ª, Porto/UBP	9.25.47
3.ª, Lousa/Trinaranjus	9.26.19
4.ª, Rodovil/Ajacto	9.26.37
5.ª, Mako Jeans	9.26.47
6.ª, Ovarense/Alf. Agrícolas	9.28.28
7.ª, Coelima/Friminho	9.28.37
8.ª, Vigaminho	9.29.05
9.ª, Coimbrões/Fagor	9.29.45

Classificação geral individual

	H M S
1.º, José Henriques (Tavira/Sylber)	3.10.33
2.º, Venceslau Fernandes (Rodovil/Ajacto)	3.15.28
3.º, António Alves (Porto/UBP)	3.15.30
4.º, José Xavier (Lousa/Trinaranjus)	3.15.52
5.º, Adelino Teixeira (Lousa/Trinaranjus)	3.15.55
6.º, Luís Vargues (Porto/UBP)	3.15.56
7.º, Manuel Cunha (Porto/UBP)	3.15.58
8.º, Marco Chagas (Mako Jeans)	3.15.59
9.º, Eduardo Correia (Mako Jeans)	3.16.06
10.º, Paulo Ferreira (Lousa/Trinaranjus)	3.16.06
11.º, Belmiro Silva (Porto/UBP)	3.16.07
12.º, António O. Pinto (Rodovil/Ajacto)	3.16.10
13.º, Alberto Leal (Ovar./Alf. Agrícolas)	3.16.10
14.º Luis Domingues (Lousa/Trinaranjus)	3 16 13
15.º Manuel Zeferino (Mako Jeans)	3 16 16
16.º Luis Teixeira (Coelima/Friminho)	3 16 16
17.º José Poeira (Lousa/Trinaranjus)	3 16 17
18.º Fernando Fernandes (Porto/UBP)	3 16 19
19.º Jose Marques (Tavira/Sylber)	3 16 20
20.º Antonio Fernandes (Porto/UBP)	3 16 25
21.º Alexandre Ruas (Porto/UBP)	3 16 31
22.º Jacinto Paulinho (Mako Jeans)	3 16 34
23.º Firmino Bernardino (Ovarense/Alf. Agrícolas)	3 16 42
24.º Joaquim Carvalho (Lousa/Trinaranjus)	3 16 46
25.º José Sousa Santos (Rodovil/Ajacto)	[illegible]
26.º Manuel Vilar (Rodovil/Ajacto)	3 16 55
27.º Raul Terebentino (Coelima/Friminho)	3 16 56
28.º Elias Campos (Tavira/Sylber)	3 16 58
29.º Benjamim Carvalho (Lousa/Trinaranjus)	3 17 00
30.º José Amaro (Mako Jeans)	3 17 00
31.º Bernardo Sousa (Coimbrões/Fagor)	3 17 03
32.º Isidro Miranda (Mako Jeans)	3 17 07
33.º José Martins (Vigaminho)	3 17 08
34.º Carlos Ferreira (Tavira/Sylber)	3 17 14
35.º Diamantino Vaz (Vigaminho)	3 17 20
36.º Carlos Marta (Lousa/Trinaranjus)	3 17 30
37.º Fernando Maia (Rodovil/Ajacto)	3 17 35
38.º Vítor Paula (Rodovil/Ajacto)	3 17 35
39.º Manuel Neves (Rodovil/Ajacto)	3 17 35
40.º Manuel Martins (Vigaminho)	3 17 35
41.º Joaquim Andrade (Ovarense/Alf. Agrícolas)	3 17 38
42.º Carlos Santos (Porto/UBP)	3 17 38
43.º Norberto Medeiros (Coelima/Friminho)	3 17 40
44.º Manuel A. Gomes (Mako Jeans)	3 17 46
45.º Armindo Terebentino (Coelima/Friminho)	3 17 52
46.º José Passos (Coimbrões/Fagor)	3 17 53
47.º Joaquim Fonseca (Coelima/Friminho)	3 17 55
48.º Abel Coelho (Tavira/Sylber)	3 18 02
49.º João Santos (Lousa/Trinaranjus)	3 18 03
50.º José Silva (Coimbrões/Fagor)	3 18 03
51.º Belmiro Ribeiro (Vigaminho)	3 18 07
52.º José Camilo (Coelima/Friminho)	3 18 18
53.º Fernando Carvalho (Rodovil/Ajacto)	3 18 21
54.º Luís Moyano (Mako Jeans)	3 18 32
55.º Manuel Alves (Coimbrões/Fagor)	3 18 34
56.º João Paulo (Ovarense/Alf. Agrícolas)	3 18 39
57.º Raul Fachadas (Tavira/Sylber)	3 18 42
58.º Gaspar Gonçalves (Ovarense/Alf. Agrícolas)	3 18 43
59.º Aníbal Silva (Vigaminho)	3 18 47
60.º Luís Gregório (Vigaminho)	3 18 52
61.º Benedito Ferreira (Porto/UBP)	3 18 54
62.º Eugénio Passos (Coimbrões/Fagor)	3 19 06
63.º Rui Henriques (Ovarense/Alf. Agrícolas)	3 19 08
64.º José C. Oliveira (Rodovil/Ajacto)	3 19 10
65.º José Pereira (Coelima/Friminho)	3 19 50
66.º José Monteiro (Alfena)	3 20 01
67.º António Mira (Coimbrões/Fagor)	3 20 06
68.º José Reis (Coelima/Friminho)	3 20 19
69.º Adriano Pedro (Ovarense/Alf. Agrícolas)	3 20 22
70.º António Pinto (Mako Jeans)	3 20 25
71.º Manuel Correia (C.C. Loulé)	3 20 42
72.º António Castro (Coimbrões/Fagor)	3 20 51
73.º Fernando Costa (Vigaminho)	3 21 57
74.º José Pereira (Siderurgia)	3 23 04

Geral por equipas

	H M S
1.ª Tavira/Sylber	9 43 33
2.ª FC Porto/UBP	9 47 24
3.ª Lousa/Trinaranjus	9 47 27
4.ª Rodovil/Ajacto	9 48 13
5.ª Mako Jeans	9 48 19
6.ª Ovarense/Alf. Agrícolas	9 50 30
7.ª Coelima/Friminho	9 50 44
8.ª Vigaminho	9 51 55
9.ª Coimbrões/Fagor	9 52 [illegible]

DESPORTO

Henriques : o conquistador

A chuva caía que só visto: encharcado (mas sorridente como um girassol) o rapaz deu a última pedalada. Atingia o topo da serra de Montejunto com sete minutos de avanço sobre o horário previsto: tinha os braços da mãe à sua espera e o irmão pequenito, meio atónito, pasmado com a cintura da multidão em torno do Zé.

É isso: escrevia-se história nesta «Volta» graças à determinação com que José Henriques (camisola do Centro Ciclista de Tavira) abalou ainda com o Estoril bem perto mas o cheiro de dois prémios particulares (instituídos pelos irmãos Polido) que rendiam cinco Donas Marias. O Zé foi à vida: e, em três horas e três minutos, limpou perto de 35 contos e tornou-se o comandante distanciado de todas as classificações do nosso «tour».

Neves de Sousa nosso enviado especial

45.ª VOLTA A PORTUGAL

José Henriques nasceu há 22 anos em Santana da Carnota, pertinho do Cadaval. Tinha quatro anos quando foi morar para Negrais: aprendeu as primeiras letras ao mesmo tempo que começou a empoleirar-se na bicicleta. Ela seria o seu instrumento de trabalho, o ganha-pão a partir do instante em que foi correr pelo Lousa e, pela mão do dr. Artur Lopes, brilhou numa famosa etapa do Grande Prémio de Torres Vedras, **limpando** 14 metas particulares: um verdadeiro máximo na área da velocipedia lusa.

— O meu filho sempre gostou da máquina. Tanto que não lhe conheci outra namorada.

Dona Maria Odete Piedade Henriques abraça o Zé. O mais miudo (Ricardo) quer é o bonezinho do irmão. Os colegas da fotografia não largam o heroizinho. Por um dia (ao menos) ele fica no olhar:

— Não vou poder defender muito a camisola amarela, porque a nossa equipa vem apenas para ganhar algumas etapas. Não podemos ter aspirações iguais às do Porto, da Mako ou do Lousa.

O director desportivo dos tavirenses (Brito da Mana) está abraçado ao condutor do carro que acompanhou José Henriques na fuga vitoriosa: o antigo ciclista Manuel Luís, o algarvio que se tornou **rei do acordeão** nas romarias de província. E diz:

— Era hoje que ele tinha de tentar. Pelo menos, uma etapa já cá canta...

Abalada

Foi um autêntico duelo com o cronómetro: em Terrugem e em Odrinhas, os envelopes eram tentadores e disso se deu conta o corredor 72. Tinham acontecido umas escaramuçazitas (Manuel Alves, José Amaro, Elias Campos) assim a modos que o apalpar de pulso ao pelotão. Mas a grande corrida estaria reservada para José Henriques: impecável, sempre a mesma cadência, foi progressivamente ampliando o avanço, a escapada ao conformismo. Quando atingiu o alto da serra tinha cinco minutos e 19 segundos no bornal, tempo que pode dar para entrar na pista do seu patrão ainda com a amarelinha no peito, coisa que não acontece a algarvios de há muito tempo a esta parte.

— É só isso que quero. Não posso sonhar demasiado.

José Henriques é um homem com rosto de menino. Traquina no pelotão, irrequieto quando o tocam: mas sisudo quando a vida tem de ser ganha.

— Estava combinado: o dinheiro é para dividir com a minha malta. Trabalhamos todos para o saco.

Pensar

Verdade que o Benjamim «furou», que o Firmino andou pelo pó da estrada, que o Adelino parecia mais deliciado em admirar a paisagem sua conhecida que em dar perseguição ao moço. Porém, vistas as coisas pelo prisma do correcto, quem era capaz de acompanhar aquele furacãozinho que chegou a descer a 80 à hora?

E a gente ia pensando: a falta que faz a correcção de Domingos Claudino, o homem que poderia ter evitado aquela triste cena de quase ciúmes vivida (e olhada) na meta, com o tema de Lara dividido pela paciência de Mário Ferreira. Por outras palavras: o secretário-geral da organização sem poder ocultar, um instante sequer, que raramente acerta as agulhas com o presidente federativo.

E a falta que faz o Idalino de Freitas, a quem não foi dedicada, nesta «Volta», uma só palavra de saudade: a ele, que foi um dos mosqueteiros que se bateu pelo ciclismo que vamos ainda tendo. É exacto: muito tens, muito vales. Se morreres, uma pá de terra e já está.

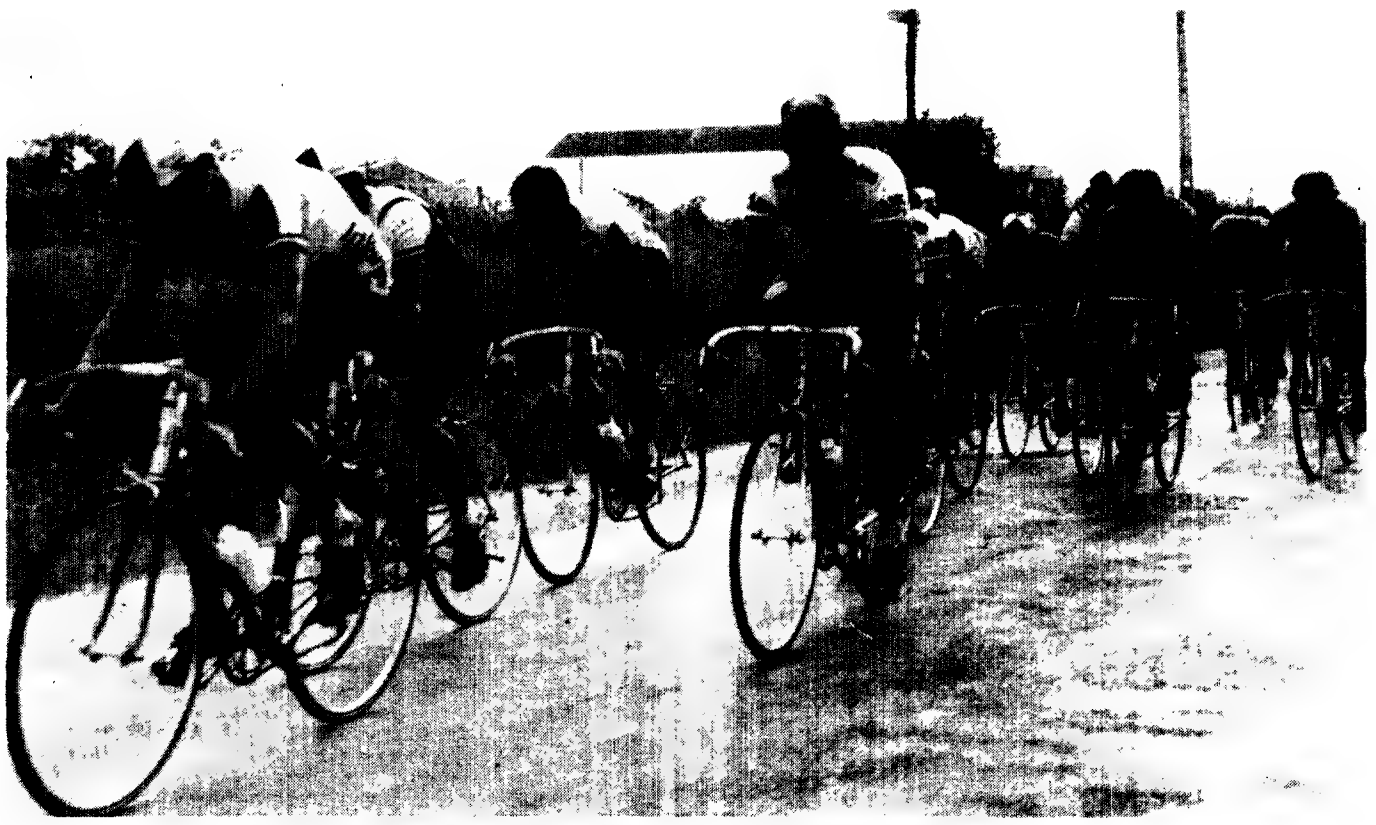
•

Falando de vivinhos: a esposa de Ruas sempre prestável, água e toalha à espera do bom Alexandre. Aliás, os mais constantes aplausos vêm sempre das mulheres dos ciclistas, que formam um bloco permanente na berma da estrada mais difícil de vencer ou junto a cada meta onde o repouso espera os guerreiros.

Assim ia acontecendo, desde Ribamar até Escaravilheira. Então, surgiu Benfica, depois de Gibraltar, tudo terrinhas antes de Ponte de Rol, às portas de Torres Vedras que veio para a rua vibrar com a fuga do rapazote. Depois, seria a trepadela. Dois não comodistas (Belmiro Ribeiro e Adriano Pedro) chegariam a estar na peugada do Zé Henriques: sol de pouco dura, porque a chuva ajudou o grande cortejo a engolir os pequeno-aventureiros.

Enfim: vai a procissão no adro e já há quem tenha 13 minutos de atraso. Claro: é José Pereira, o operário da Siderurgia Nacional que veio da Maia (pertinho do Porto) para experimentar andar cinco dias ao lado dos cavalões, ele que é de outra história, que nada tem a ver com os contos de réis que se pagam mensalmente aos cavaleiros do pedal. Tampouco tem em mira, como o Zé Henriques, andar de amarelo e embolsar uns bons patacos, para logo regressar a Negrais, fazendo caretas a quem o mandou embora do Lousa.

Eduardo Correia: a «Mako» controla a corrida



Todos juntinhos antes da selecção na serra

Quem está na corrida

Mako Jeans

1 – Marco Chagas
2 – António Pinto
3 – Eduardo Correia
4 – Isidro Miranda
5 – Jacinto Paulinho
6 – José Amaro
7 – Luís Moyano
8 – Manuel A. Gomes
9 – Manuel Zeferino

Coelima/Friminho

10 – Luís Teixeira
11 – Joaquim Fonseca
12 – Armindo Terebentino
13 – José Camilo
14 – José Pereira
15 – José Reis
16 – Norberto Medeiros
17 – Raul Terebentino

Ovarense/Alfaias Agrícolas

20 – Adriano Pedro
21 – Alberto Leal
22 – Firmino Bernardino
23 – Gaspar Gonçalves
24 – João Paulo
25 – Joaquim Andrade
26 – Rui Henriques
27 – José Monteiro (Alfena)

Vigaminho

30 – Aníbal Silva
31 – Belmiro Ribeiro
32 – Diamantino Vaz
33 – Fernando Costa
34 – José Martins
35 – Luís Gregório
36 – Manuel Martins

FC Porto/UBP

40 – Alexandre Ruas
41 – António Fernandes
42 – António Alves
43 – Belmiro Silva
44 – Benedito Ferreira
45 – Carlos Santos
46 – Fernando Fernandes
47 – Luís Vargues
48 – Manuel Cunha

Coimbrões/Fagor

50 – António Castro
51 – António Mira
52 – Bernardo de Sousa
53 – Eugénio Passos
54 – José Pereira (Casa do Pessoal da Siderurgia Nacional, da Maia)
55 – José Passos
56 – Manuel Alves
57 – José Silva

Lousa/ Trinaranjus

60 – Adelino Teixeira
61 – Benjamim Carvalho
62 – Joaquim Carvalho
63 – José Xavier
64 – Luís Domingos
65 – João Santos
66 – José Poeira
67 – Paulo Ferreira
68 – Carlos Marta

Tavira/Sylber

70 – Elias Campos
71 – Abel Coelho
72 – José Henriques
73 – Raul Fachadas
74 – Carlos Ferreira
75 – José Marques
78 – Manuel Correia (Centro Ciclista de Loulé)

Rodovil- Ajacto

80 – Venceslau Fernandes
81 – José Sousa Santos
82 – Manuel Neves
83 – Vítor Paula
84 – Manuel Vilar
85 – José C. Oliveira
86 – António O. Pinto
87 – Fernando Maia
88 – Fernando Carvalho

Hoje e amanhã

Esta tarde (16 horas) disputa-se a ligação Cadaval-Loures na distância de 94 quilómetros. Amanhã, tem lugar a 3.ª etapa de estrada : Loures Santo André (cidade nova). São 192 quilómetros com abalada pelas 13 horas e chegada prevista para as 18 e 12.

BEDFORD

VEÍCULOS COMERCIAIS BEDFORD
Um produto General Motors

GM

Crítica de Teatro

Carlos Porto

A sorte le Merimée

«A MORTE DE ABJER – O GARANHÃO», sobre um texto de Prosper Merimée. Encenação: F MXora Ramos. Cenografia: José Carlos Faria. Interpretação: Alberto Serra, Maria José, Gomes Vidal, João Gil, José Lobato, José Pedro, Manuel Ferreira. Ciompanhia de Teatro de Santarém. VIII Festival de Teatro de Setúbal.Claustros do Convento de Bom Jesus. 7-1983.

Não deixa de ser curioso o aparecimento de dois textos de um escritor francês que entre nós é sobretudo conhecido (se o é) por ser autor de uma «Carmen» de onde nasceu a ópera célebre. Tanto este Merimée de Santarém como o de Coimbra saíram da escola de Évora (assim poderemos chamar ao C. C. E.), de onde, aliás, saiu também um outro texto daquele escritor aqui recentemente comentado, «O Céu e o Inferno».

De Merimée escreveu um crítico: «Contemporâneo dos grandes românticos franceses, Merimée não deixou nunc de se distinguir deles. Sem dúvida a influência de Stendhal, vinte anos mais velho do que ele e o seu melhor amigo, explica o ceptismo, a desevoltura que o marcaram e que não sendo da cor da época, ligaram ambos ao racionalismo do seculo XVIII.». Não terá sido por acaso que Merimée usou um anel que tinha inscrita esta divisa. «Não te esqueças de desconfiar.». Neste espectáculo, essa desromantização da visão do mundo proposta por Merimée surge antes através do sarcasmo do teatro de relações situadas a níveis diversos. Tenha-se em conta que o texto do escritor francês, como se diz no programa, não é mais do que parte do material que o dramaturgista-encenador inteligentemente utilizou para construir uma farsa que é ao mesmo tempo paródia de um certo cinema e de um certo teatro (dir-se-ia que o «Sheik Branco» de Fellini, embora relacionado com a fotonovela, não terá sido alheio a este trabalho) mas também paródia do carácter colonialista do relacionameto de civilizações diferentes.

Espectáculo cujo humor passa pelo jogo cénico, pelo comportamento dos corpos dos intérpretes, pela ficção do teatro captado pelo cinema, este «Garanhão» é suficientemente ferino para a sua graça não se ficar pelo nível culinário a que este tipo de teatro muitas vezes se reduz.

Surpresa mais do que agradável, esta produção da Companhia de Teatro de Santarém vive também de um conjunto de actores que conseguem exprimir os vários planos em que o espectáculo se situa.

Acrescentemos o trabalho do cenógrafo que visualizou excelentemente o cómico das situações, e teremos assinalado os elementos que ajudaram uma boa dramaturgia e uma boa encenação a encontrar o ponto certo.

munoz & sampayo — 12

Black Sher em Carvalho e Manolo

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Um concurso desejadinho

Notava-se na televisão portuguesa a falta de um concurso, algo com cheirinho a competição, a vivacidade, a controvérsia. Nada semelhante àqueles a que Artur Agostinho nos habituou, tão cheios de coisa nenhuma que bem depressa morriam. Alguma coisa assim como a **Cornélia,** a **Prata da Casa,** o **Retrato de Família**, o **Écran Mágico**. Alguma coisa, enfim, que não sendo cultural, na velha e falsa acepção de demonstrar o que se aprendeu, fosse verdadeiramente cultural, no sentido de demonstrar o enriquecimento pessoal ao nível dos dons artísticos.

Tal concurso tornou-se mais que desejado: tornou-se **desejadinho.** E tanto que, entre vagas sucessivas de nevoeiro, surgiu «Vamos Caçar Mentiras», à sombra da **Décima Sétima**. Foi ontem a sessão experimental.

Não é possível avaliar, em globo, as potencialidades de um concurso tendo em conta a sessão de lançamento. Actores como os que ontem foram caçar mentiras (com particular evidência para Júlio César cujas palhaçadas, para utilizar o vocabulário infeliz de um elemento do júri, devem sempre ser entendidas entre aspas) não consentem, com facilidades, ritmos semelhantes.

Deverá, antes de mais nada, admitir-se (quer dizer: eu peço que se admita) a vontade do crítico no êxito do concurso. Infelizmente, tenho as minhas dúvidas — para além de ter as minhas reservas.

Durante muito tempo considerou-se a História como um rol de nomes, datas, vitórias e derrotas — mais vitórias, claro. Na História que aprendemos, povo era coisa que não existia. Isto de uma História sem povo, sem lutas no interior da sociedade que fazem andar o carro para a frente, é um absurdo que importa eliminar. Ora o caminho que este concurso leva, longe de combater esse absurdo, mais o acentua. Não tem uma estrutura cultural.

Por outro lado, para caçar mentiras é preciso lançá-las. Alguém poderá fiscalizar os efeitos de uma mentira, ainda que tal mentira venha a sofrer rectificação?

O professor Vieira de Almeida (como é que depois do 25 de Abril, este nome tão valioso para a nossa cultura e para a nossa consciência democrática, pôde ficar tão esquecido? Onde estão os seus alunos, os seus amigos, os seus companheiros de luta?) foi comigo testemunha de defesa de José Magro, julgado em Tribunal Plenário. Ele só preenchia as longas horas de espera, senhor como era de uma cultura e de uma memória prodigiosas.

Contava que, no liceu onde andara, havia um professor que explicava as razões porque nunca seria legítimo escrever gramátika, em vez de gramática. Deu-se o caso, a partir daí, de alguns alunos que, sem querer, escreviam gramátika...

O concurso não tem, pois, estrutura didáctica.

Por outro lado, obriga a uma severa especialização. Com as alterações que, no ensino actual, sofreu a disciplina de História pouquíssimos jovens (haverá algum?...) ficarão minimamente atraídos. Logo, de duas uma: ou as **barracas** dos caçadores gananciosos de prémios vão envenerar o concurso, ou este vai ser assaltado por «eternos» concorrentes. Além de que os espectadores das grandes cidades e dos pequenos meios, não possuem idênticas facilidades no domínio da informação e da investigação.

Sucede ainda que se entende mal a presença ali do júri. Já nem me refiro à sua actuação ontem, verdadeiramente desastrosa a vários níveis, mas que reflecte a possibilidade de próximas atitudes igualmente desastrosas.

Parece que a sua função principal é julgar da qualidade de leitura dos textos. A concluir pelo que ontem se passou (e Walenstein já percebeu os perigos) a tarefa pode complicar-se e embaraçar-se. Quanto à avaliação dos textos vivos da criatividade dos concorrentes (limitados anão mais de dois ou três minutos!) aí, enfim, nada a fazer. Como se diz no futebol, o árbitro é soberano.

O que pode acontecer é que a RTP, acudindo ao exemplo do concurso, venha a criar um curso e um júri para avaliar e classificar a arte de bem falar de seus locutores e locutoras.

Imaginem que ontem, no fecho da emissão, uma locutora de continuidade referia «o campeonato mundial de atletismo a decorrer como sabe, provavelmente em Helsínquia».

Meus Deus, que nabas! Mas as tropelias na linguagem falada da televisão portuguesa não se ficam (nem ontem se ficaram) por aí. São frequentes. São a todas as horas. Tudo porque o conhecimento profundo da língua não é, na RTP considerado prioritário na admissão do pessoal.

Voltando ao concurso: oxalá me engane. Oxalá o Fialho e os mestres de História consigam aguentar o barco. Oxalá, por intermédio do concurso fiquemos a saber alguma coisa mais sobre nós próprios, mesmo pouco, enfim, mais vale pouco que. Oxalá,

Quanto ao resto, bom, quanto, ao resto, o diabo é que Júlio César não volta lá. Um alvitre: comercialize a camisola do «Desejadinho». Um achado!

Hoje

RTP 1

15.00 **No reino de Neptuno** (6° episódio)
16.30 **Vale a pena ver de novo** (A Duquesa da Rua do Duque (13° episódio)
17.50 **Sumário**
18.00 **Tempo dos mais novos**
18.20 **Curso de línguas** – Francês «En Avion – 11ª lição»
18.55 **Indústria, hoje e amanhã** (plásticos e moldes)
19.30 Telejornal
20.30 Telenovela «Origens»
21.00 **Avenida Paulista** (2° episódio)
21.40 **A nossa floresta**
21.55 **Grande Reportagem** (Terrorismo e Violência)
22.45 **Último jornal** (inclui suplemento dedicado à etapa da Volta a Portugal)

Ava Gardner e Stewart Granger o par romântico no «Cineclube/2» de hoje

RTP 2

14.15 **Eurovisão** «1° Campeonato Mundial de Atletismo»
19.30 Património
20.00 **Cineclube/2** **«Encruzilhada de Destinos»** com Ava Gardner e Stewart Granger
22.00 Jornal da Noite
22.20 **Erros Judiciais** (7° episódio)

Amanhã

RTP 1

15.10: Matinée das 3 1/2 «Lassie regressa a casa»; **16.50:** Do Paleolítico ao Romano; **17.10:** «O bosque das aventuras»; **18.00:** Tempo dos mais novos; **18.25:** Curso de Línguas; **18.50:** Europa dos 10; **19.30:** Telejornal; **20.30:** Origens; **21.05:** Noite de cinema «Chá e simpatia»; **22.50:** Último jornal; fim a emissão

RTP 2

14.45: Eurovisão; **19.30:** Animais do mundo; 20.00: Mordomo ideal; **20.30:** Pare escute e olhe; **21.00:** Contos fantásticos «A princezinha das rosas»; **22.00:** Jornal da tarde; **22.20:** Erros judiciais; encerramento da emissão.

«A FAMILIAR»
Sociedade Cooperativa de pão, de Crédito e Consumo de Responsabilidade Limitada

CONVOCAÇÃO

Nos termos do Art.º 21.º, a) dos Estatutos, convoco os associados, para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 26 de Agosto de 1983, pelas 21.00 horas, nas instalações da Cooperativa (Rua Bartolomeu Dias, n.º 172, 1.º andar), com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto único — Deliberar sobre a nomeação de dois elementos dos Corpos Gerentes para efeitos de ser assinada a escritura de alteração dos Estatutos para enquadramento destes no Código Cooperativo, nos termos da Lei.

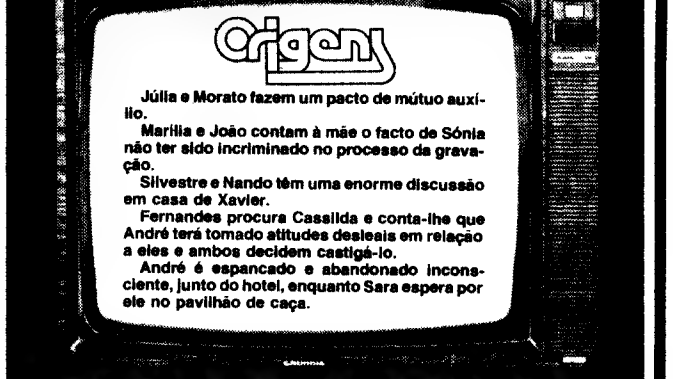
Se à hora marcada a Assembleia não satisfizer o preceituado na 1.ª parte do Art.º 16 dos Estatutos, reunirá no dia 10 de Setembro no mesmo local e à mesma hora, com qualquer número de sócios, com a mesma ordem de trabalhos.

Lisboa, 5 de Agosto de 1983.

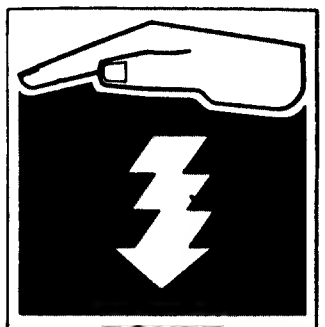
O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral
Manuel Chitas de Brito

materna SALDOS CASCAIS LISBOA
-Continuam com novos artigos novos preços

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871


POUPE ELECTRICIDADE
Direcção Geral de Energia
Campanha de poupança de energia

DECORAÇÃO
SALDAMOS
RENDAS • CHANTUNES BORDADOS • TERYLENES
DRALONS • VELUDOS • CRETONES

textilar

AVENIDA DE ROMA, 24-C — LISBOA • TELEFONES 893025-894789

EVITE
locais pouco frequentados

roteiro cultural

Música

Maria Rosa Calvo-Manzano, uma das maiores harpistas mundiais, apresenta-se hoje, às 21.15, no Palácio de Sintra, em concerto integrado no Festival de Música que ali está a decorrer. No programa: obras de Cabezon, Pescetti, Soler, Albeniz, Seixas, Clementi, Sphor, Glinka, Pierné e Gombeau («Apunte Bético»), em primeira audição em Portugal.

Artesanato

A Feira Nacional de Artesanato que reúne em Vila Nova de Cerveira (Viana do Castelo) representações do continente e das regiões autónomas foi inaugurada no passado domingo. Durante o certame, que decorrerá até dia 29, o público poderá presenciar artesãos de vários ramos em laboração e ainda exibições de grupos de teatro folclóricos e bandas de música das várias regiões representadas na Feira. O certame é organizado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.

Livros

A sétima edição da Feira do Livro de Faro foi inaugurada sábado, com a presença do delegado da Secretaria de Estado da Cultura, Tomás Ribas. Instalada no Jardim Manuel de Bivar, de Faro, a presente edição da Feira do Livro, que estará patente ao público até dia 21, reúne, 13 editores e livreiros desta cidade algarvia. A Feira é uma organização do Sporting Clube Farense, que para a sua realização este ano teve apoios da Câmara Municipal, governo civil e Assembleia Distrital de Faro e da Secretaria de Estado da Cultura.

Festas

Em Pataias, vai decorrer nos próximos dias 11, 12, 13 e 14 de Agosto a 3.ª Grande Festa da União das Colectividades do Concelho de Alcobaça (UCCA), com teatro, bandas filarmónicas, ranchos folclóricos, teatro de fantoches, conjunto típico, orquestras típicas, marjoretes, dança-jazz, conjuntos musicais, tardes infantis, exposições infantis, exposição das colectividades do concelho, atletismo, ciclismo, jogos populares, quermesse e leilões.

No dia 15 de Agosto em Pataias, também, realiza-se a festa de Nossa Senhora da Vitória. Haverá círio, missa, procissão, banda filarmónica, fanfarra, conjunto musical, quermesse e leilões, além de uma exposição sobre a indústria, o comércio e as potencialidades da freguesia.

Maria Rosa Calvo-Manzano, uma das maiores harpistas mundiais, toca hoje em Sintra

Exposições

O artista moçambicano Inácio Matsinhe inaugurou na Feira Popular de Lisboa uma exposição de azulejos e batiques (tecidos pintados).

Jorge Martins e Noronha da Costa expõem na Gulbenkian. O primeiro apresenta excelentes desenhos e o segundo uma retrospectiva da sua obra, de importância decisiva nos rumos modernos da arte portuguesa.

José Pires expõe em Leiria, na Galeria do Turismo, esculturas em cerâmica. A exposição integra 39 obras e encerra no próximo dia 15.

Escultura e arquitectura do século XV são os temas de duas exposições que continuam abertas ao público no Museu do Mosteiro da Batalha, sob os auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. A exposição sobre escultura encerra em Outubro e a exposição sobre arquitectura em Novembro.

Cinema

O roteiro tem gostos um tanto estranhos em matéria de cinema. Com a resalva deste honesto aviso, recomenda-lhe que veja em Lisboa, se ainda estiverem no cartaz («Viva México» e «Ladrões de Bibicletas» foi um ar que lhes deu) as seguintes fitas: «Chinatown», de Polanski, no Apolo 70; «O Leopardo», de Visconti, no Castil; «O Rei da Comédia», de Scorcese, no Londres; «Roma, cidade aberta», de Rosselini, e «O Soldado das Sombras», de Godard, no Quarteto.

ANÍBAL LOPES INÊS

Maria Paula de Sousa Lopes Inês Pereira da Silva, Guilherme Manuel Scarpa Lopes Inês, Aldina Lopes Inês, Carlos Álvaro Inês Soares e seus familiares participam o falecimento de seu pai, irmão, tio e parente, ocorrido esta madrugada.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 15 horas, da Igreja de Fátima para o Cemitério do Lumiar, antecedido de missa de corpo presente, pelas 10 horas.

O falecido, Aníbal Lopes Inês, viúvo de 82 anos de idade, era tio do jornalista Manuel Inês Soares, presentemente ao serviço do vespertino «A TARDE».

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	87$65	93$65
ALEMANHA FED (marco)	45$20	46$30
ÁUSTRIA (xelim)	6$35	6$55
BÉLGICA (franco)	2$068	2$268
BRASIL (cruzeiro)	$050	$150
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	98$60	100$60
(notas de 5 a 1000)	99$10	101$10
DINAMARCA (coroa)	12$55	12$95
ESPANHA (peseta)	$763	$883
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	122$00	124$00
(notas de 5 a 1000)	122$50	124$50
FINLÂNDIA (marka)	21$25	21$85
FRANÇA (franco)	15$00	15$70
HOLANDA (florim)	40$40	41$40
INGLATERRA (libra)	181$55	185$55
IRLANDA (libra)	143$35	147$35
ITÁLIA (lira)	$069	$079
JAPÃO (iene)	$470	$505
NORUEGA (coroa)	16$20	16$70
SUÉCIA (coroa)	15$45	16$05
SUIÇA (franco)	55$85	56$95
VENEZUELA (bolivar)	6$10	7$10

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

«ANTENA UM»

18.30 – Informativo de trânsito; **19.00** – «Informação e Música» (Dir. Informação) « «O Espaço é seu» – Maria Emília Michel; **21.00** – «A Voz da Solidariedade» (programa da Embaixada de Cabo Verde); **21.30** – «Viva a Noite» – Martins Costa; **22.00** – «Diário da Volta»; **22.30** – «Madrugada e Maresia»; **23.00** – Títulos do último Jornal; **23.30** – Último Jornal; Noticiários intercalares às 18.00, 21.00 e 22.00

PROGRAMA 2:

16.03 – Intérpretes Portugueses; **18.05** – Culturando, diário de actualidade cultural; **19.30** – Música em Diálogo c/a Orquestra Sinfónica do Porto; **20.10** – Missa em Dó Maior Op. 86, de Beethoven; **21.00** – Ciclos de História – O Olhar sobre as sociedades «Primitivas»; **21.40** – Música Sinfónica; **22.30** – O Gosto pela Música; **23.00** – Música do Século XX; **01.00** – Noticiário; Hino Nacional – Fecho.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (263,290 e 397 m)

14.00 – Matinée; **17.00** – Rápido das cinco; **19.00** – Musical; **20.00** – Conta-corrente; **20.30** – Quando o telefone toca (3 edições); **22.00** – Portugal e a CEE; **22.15** – Programas religiosos; **22.30** – Tempo de Desporto; **23.00** – 24.ª horas; **01.00** – O Passageiro da Noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4Mhz)

15.00 – O vapor; **16.00** – O som da frente; **18.00** – Círculo em FM; **19.00** – Em órbita; **20.00** – Cinco Esytrelas; **21.00** – Jazzolone; **22.00** – Café Concerto; **00.00** – Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

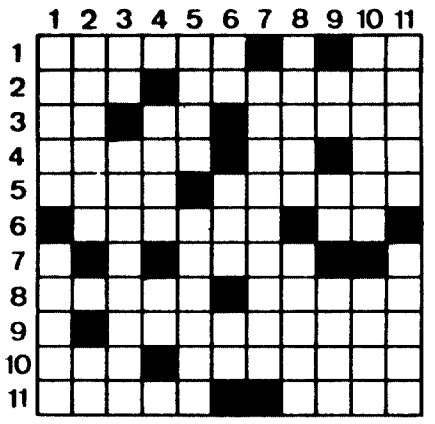
15.00 – Equipa da Tarde; **18.00** – Jornal das regiões; **18.30** – Transmissão do Terço; **19.00** – Programa L.A.R.; **19.30** – Jornal de Síntese com Nota de Abertura e Revista de Imprensa; **20.00** – Horizonte; **21.00** – Hora de Música; **22.00** – Ouvir e PEnsar; **22.30** – Máquinas ao vivo; **23.00** – Última Hora; **23.55** – Meditando. Noticiários de hora a hora.

Rede Sul de FM
15.00 Duas vezes seis; **21.30** – Quando o telefone toca; **22.00** – Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 804



HORIZONTAIS,

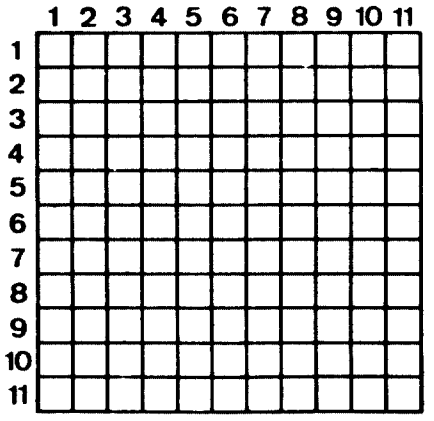
1 Desejar. Tempo do verbo ser. Actínio (s.q).
2 O mesmo que berne (larva) (Bras). Arremessada com força.
3 Espera resposta (abrev). O mesmo que oh! (Bras). Gorgulhos tropicais.
4 Homem elegante, que se traja com apuro. Miriare. Letra grega.
5 Nome de diversas ilhas dos Estados do Amazonas e de Mato Grosso. Encostas.
6 Atrair. Cidade da antiga Caldeia.
7 Escarneçam.
8 Delimitai. Versejas.
9 Distinções.
10 Nome de mulher. Amplia.
11 Nome de flores. Tritures.

VERTICAIS:

1 Um dos estados da Federação da Malásia. Autoridade
2 Infanta de Portugal. Verso.
3 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Dentes de Javali.
4 Rancor. Preposição e artigo.
5 Prendi com elos. Pêlo longo, áspero e sedoso.
6 Batráquio. Tomba. Ruténio (s. q).
7 Seduziram.
8 Retumbas. Espreitem.
9 Clima. Pronome pessoal. Corroo lentamente.
10 Render culto a. Canoa de casco de árvore com a proa e a popa achatadas.
11 Factos. Queimas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9656



HORIZONTAIS:

1 Ruim. Rosto Caminha para cá.
2 Divides em toros. Centiare.
3 Casta.Enrubescer.
4 Preveniriam.
5 Apre! Prefixo de privação.
6 Solitário. Frestas.
7 Prendes. Chiste.
8 Untas. Vi.
9 Consentir. Cobertor.
10 Ratava. Nome de astro. Brisa.
11 Arsénio (s. q). Dar marradas.

VERTICAIS:

1 Corcundas. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
2 Fruto da ateira. De Roma.
3 Escavar. Nome de homem.
4 Engastarias pedrarias.
5 Autores. Prender.
6 Reis. Remedeias. Senhor.
7 Centiare. Pertences. Maior.
8 Canto de muitas vozes reunidas. Peta.
9 Vareiras.
10 Autores. Pula.
11 Chapa. Ligara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 803

HORIZONTAIS:

1 QUEM. Cristo.
2 Um. Ivo. Ases.
3 Arel. MT.
4 Manhas. Pi.
5 Cortem. Deá.
6 Ser. Olas.
7 Dás. La. Ti.
8 Miar. Campas.
9 Encarara. Dá.
10 Idades. Soer.
11 Aarau. USA.

VERTICAIS:

1 Quiá. SEMEIA.
2 Um. Ce. Inda.
3 Amordaçar.
4 Mirar. Arada.
5 VENTOS.Réu.
6 COLHE. Cás.
7 Arnolar.
8 Ia. Lamas.
9 SS. Dá. Ou.
10 TEMPESTADES.
11 Óstia. Isara.

Provérbio: QUEM SEMEIA VENTOS COLHE TEMPESTADES.

SOLUCAO DO PROBLEMA N.º 9655

HORIZONTAIS:

1 Paredes.
2 Ro. Calaram.
3 Afá. Sita. Ia.
4 Gera. Ao. Rol.
5 Anacos. Au.
6 Si. Ársis.
7 Pá. Siaras.
8 Assentarias.
9 Ocai. Ais.
10 Aulas. Ba.
11 Suar. Cara.

VERTICAIS:

1 Braga. Pagas.
2 Ofensas. Uu.
3 Arai. Sola.
4 Ac. Ac. Secar.
5 Ras. Opinas.
6 Elias. Ati.
7 Dato. Ará. Ba.
8 Era. Arar. Ar.
9 Sá. Rússia.
10 Mio. Ais.
11 Alisassem.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
TIM-TIM E O LAGO DOS TUBARÕES
3.ª semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00
N. ac. men. 18 anos
CHINATOWN
Um filme de Roman Polanski
4.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
EMMANUELLE, A ANTIVIRGEM
10.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a men. 13 anos
A CONTAGEM FINAL
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
4.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O LEOPARDO
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.30, 18.00 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A MULHER DO LADO
Às 24
OS COMANDOS DA FORÇA Z

CITY CINE 49999

R. Tomás Ribeiro, 34

15.00, 18.00, 21.00
Maiores 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Às 23.45
UM HOMEM CERCADO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
AS MULHERES DE PRAZAR DOS CAMPOS NAZIS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30, 21.30
OS MALUCOS NO SUPERMERCADO
Para todos

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
SETE NOIVAS PARA SETE IRMÃOS
c/Jane Powell - Howard Keel

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
FIRST BLOOD
(A FÚRIA DO HERÓI)

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
ÀS 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
55.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30
N. ac. men. 18 anos
10 PARA A MEIA-NOITE

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 18.15 e 21.15
Grupo D
O PADRINHO – I
c/ Marlon Brando, Al Pacino e James Gaan

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O REI DA COMÉDIA
com Robert de Niro e Jerry Lewis

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
AS AVENTURAS AMOROSAS DE SCARAMOUCH
Matinés de semana 50% desconto para 3.ª idade, estudantes e militares

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Para Todos
UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Avila, 92-A

Inaugura no dia 12
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
LA BOUM 2

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
VAMOS A ISTO RAPAZES

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
O TERROR DO FAR-WEST

PATHE 821933

R Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CHAMAVAM-LHE CALIFÓRNIA

«O Soldado das Sombras» de **Jean-Luc Godard**
Um filme que trata da mesma maneira a espionagem e o amor! Em exibição no **Quarteto**

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20, 21.45 e 23.15
– M. 12 a.
UM S MARGINAL
Às 23.30
BEM-VINDO MR. CHANCE

SALA 2
Às 14, 16, 18, 20, 22 e 23.30
– M. 18 a.
AMERICAN POP
Às 23.45
O UIVO

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23
– M. 13 a.
ROMA CIDADE ABERTA
Às 23.30
UM HOMEM

SALA 4
Às 14, 16, 18, 20, 21.45 e 23.15
– M. 18 a.
O SOLDADO NAS SOMBRAS
Às 23.30
ROMA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 15.30, 18.30, 21.30
M. 18 anos
10 PARA A MEIA-NOITE
4.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
ZOMBIE, A MALDIÇÃO DOS MORTOS-VIVOS

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21.15
–M. 12 a.
HEAT & DUST
(VERÃO INDIANO)

SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
26.ª Semana

SALA 3
Às 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A MELHOR CASA DE PRAZER DO TEXAS
3.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
Maiores 12 anos
HEAP AND DUST
(Verão Indiano)
c/ Julie Christie

STAR 54210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18, 21 e 23.30
– M. 12 a.
TENTAÇÕES IRRESISTÍVEIS
3.ª Semana

TERMINAL 57[illegible]73

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
7.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CAÇADA IMPLACÁVEL

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
2.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 — «A Classe de 1984», às 21,30 e 24 (18 anos)
ALFA-2 — «Os Três Dias do Condor», às 21,30 (13 anos)
ALFA-3 — «A Melhor Casa de Prazer do Texas», às 21,45 (13 anos)
RESTELO – «Serpico», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Jogos de Mulheres», (18 anos)
ZODIACO – «1941 Ano Louco em Hollywood», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «A Grande Orgia», às 21 e 23 (18 anos)
CINESTÚDIO ACS – «Trinitá, Cowboy Insolente», às 21.30 (13 anos)
QUINTETO – «O Homem que veio do Espaço» 21.30 (18 anos)
ROYAL – «A Casa do Cemitério» as 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Os Malditos», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «O Último Herói do Apocalipse», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras Cine – «O Bar da Última Esperança», às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Loucos sobre Rodas», às 21.30 (18 anos)
S. JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Os Executores», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Gelado de Limão», às 21.30 (12 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine Plaza – «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Desafio das Águias», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Eu e Catanna que Maravilha», às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine Estúdio Flores – «Escândalos Nocturnos», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Crónica da mais Velha Profissão do Mundo», às 21.30 (18 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «E.T. O Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «A Herdeira», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Mad Max 2 – Guerreiros da Estrada», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Rumores de Guerra», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Bananas», à 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

Porto

TERÇO – «A Torre do Inferno», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL — «O Caçador» às 21.30 (18 anos)

FOCO – «A Corrida mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT – «Loucamente Apaixonado» às 21.30 (6 anos)

PEDRO CEM — «Cassandra Grossing», às 21,30 (18 anos)

COLISEU – «Dez para a Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)

S. JOÃO – «História D'Ó» às 21.30 (18 anos

BATALHA – «Las Vegas, Cidade Implacável», às 21.30 (13 anos)

OLIMPIA – «A História de Bruce Lee», à 21.30 (13 anos)

TRINDADE – «Tootsie», às 21.30 (13 anos)

RAIONE – «Blade Runner», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Uma Ilha no Tecto do Mundo», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Duelo dos Grandes Lutadores», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «O Homem, o Orgulho e a Vingança», às 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS – «Holocausto Canibal», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE -A – «A esquadrilha heróica» 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE L – «A Primeira noite» 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO SANTO AMARO: Teles, Rua João de Barros 2 Frente (Tel. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja 9 D (Tel. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Ir.& Veiga**, Rua da Misericórdia 24 (Tel. 323540); **BENFICA – CEMITÉRIO: Simões**, Cç do Tojal 102 A (Tel. 749649); **CAMPO OURIQUE – PRAZERES; Ourique**, Rua Freitas Gazul 32 B (Tel. 671667); **CAMPOLIDE – SETE RIOS: Nova**, Rua de Campolide 297 C (Tel. 687475); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, Rua Pascal de Melo 90 (Tel. 544438); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Alm. Linhas Torres 254 B (Tel. 798063); **MAR POMBAL – METRO PICOAS: Correia de Almeida**, Av. Fontes Per. Melo 21 BC (TEL. 547385); **OLIVAIS SUL; Marta**, Rua Cidade Nampula – Ed. Paris Lt. 534; **PICHELEIRA: Mariuz**, Cç da Picheleira 140 BC e Rua Prof. Mira Fernandes MAF (Tel. 880703); **SAPADORES: Zema**, Rua Gen. Justiniano Padrel 21 A (Tel. 832580); **ALTO DE ALGÉS: H. Amaral**, Rua X Lote 146 A (Tel. ;**ODIVELAS: Monserrate**, Rua Guil. Gomes Fernandes 31A (Tmel. (Tel. 911139); **PONTINHA: Pimentel**, Az. Bezouros Lote R 8 (Tel. 991328);

REFORÇO

JERÓNIMOS: Remisio, R. dos Jerónimos 14-C (Tel. 631699); **ALM. GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. Est. Unidos América 16 B (Tel. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês Tomar 20-22 (Tel. 544495); **ANJOS – R. MARIA ANDRADE: Renascença** Rua Damasceno Monteiro 104 AB (Tel. 831504); **ENCARNAÇÃO: Zira**, Pç das Casas Novas Lt. 66 (Tel. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, Rua Luciano Cordeiro 2 A (Tel. 572076); **JANELAS VERDES: SAE Silva Filhos**, Rua João da Mata 72-72 (Tel. 661010); **MERCADO DO CHILE: Alcália**, Rua Carvalho Araújo 46 B (Tel. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, Rua Conde de Monsarraz 17 B (Tel. 842533); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral 1 (Tel. 684281); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, Est. DE Benfica 373 B (Tel. 780548); **BRANDOA: Brito**, Rua do Colégio Lt. 32 B (Tel. 993351); **BURACA: Vaz Martins**, Rua António Ferro 6 A (Tel. 970661); **OLIVAL BASTO: Nova**, Rua Açores 11 A (Tel. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, Tv. Prioras (Tel. 2519939).

teatros

Lisboa

CASA DA COMÉDIA – «Ziguezague», às 22.00 (13 anos)

ABC – «Todos tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

VARIEDADES – «Há mas São Verdes», às 20 30 e 23.00 (18 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – Selva Trupe – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
MODESTOS – «A Professora Margarida», às 21.45 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Magalhães – R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE – Cerqueira** – L. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254). Permanente; **LARANJEIRO – Feijó** – R. Borges Rego, 7 – Feijó (Tel. 2290911) Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA – Carlos** – Av. do Mar, 34-A – Quinta de St.º António (Tel. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA – Lopes** – R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO – Central** – Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel 2073207) Permanente; **AMORA – Nobre Guerreiro** – R. Dr G. Mendes 314 (Tel 2212923) Até às 22 horas; **SEIXAL – Godinho** – L. da Igreja, 38 (Tel. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO – Higiene** – R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** – Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137); **SETÚBAL – Lisboa** – R. Dr. Paulo Borba. Permanente; **Cunha Pinheiro** – Est. Canarinha, 32. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A-r/c (Tel. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.ª, 40-B (Tel. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – R. D. Firmino Reb. (Tel. 2421015). Até às 22 h; **CARCAVELOS – Vilar** – Av. M.ª Conceição, Lote 8 (Tel. 2470777). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039). Permanente; **OEIRAS – Central** – R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058). Até às 22 horas; **PAREDE – Mendes Junqueiro** – R. de Luanda, Lote 5 (Tel. 2477838). Permanente; **MURTAL – Primavera** – R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS – Amaral Sembiano** – Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA – Madeira** – Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria – Carlos Anj. (Tel. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Ostende** – R. de Espinho, 1 (Tel 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS – A. Costa** – R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA – Solis – Loja D, 65. Permanente; **Nunes** – Est. Serra da Mira, Lote 134. Até às 22 horas; **DAMAIA – D. João V** – Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ – Serra & Pinto** – Av D. António C. Sá, 50-GE (Tel. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE – Mendonça** – Apelação – Até às 19 horas; **CACÉM – Araújo e Sá** – Est. de Paço de Arcos 1-B (Tel. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Est. de Mem Martins, 173 (Tel 9214103) Permanente;; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 horas; **RIO DE MOURO – RioMouro** – Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (Tel. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA – Gomes da Silva** – L. D. Afonso, 3-A (Tel. 9232747). Permanente; **MOSCAVIDE – Império** – R 1.º de Maio, 48-A (Tel. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM – Soares** – R José I. Morais, 15-A (Tel. 2518025). Permanente; **LOURES – Saraiva – Av. da República, 86 (Tel. 2530027). Permanente.**

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 AS 22 HORAS

LIDADOR, R. do Lidador, 265; **DINIZ**, R. Matias de Albuquerque, 247; **SILVA PEREIRA**, R. de Costa Cabral, 293; **BOAVISTA**, R. da Boavista, 601, à Carvalhosa; **SOUSA SOARES**, R. de Santa Catarina, 141.

DE DIA E TODA A NOITE

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS, R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO**, Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**, P. Mouzinho de Albuquerque, 78; **DA PRELADA**, R.Central de Francos, 316

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

ROCHA, R do Brasil, defronte de São Teotónio (T 71526); **SÃO JOSÉ**, Arcos do Jardim (T. 24697)

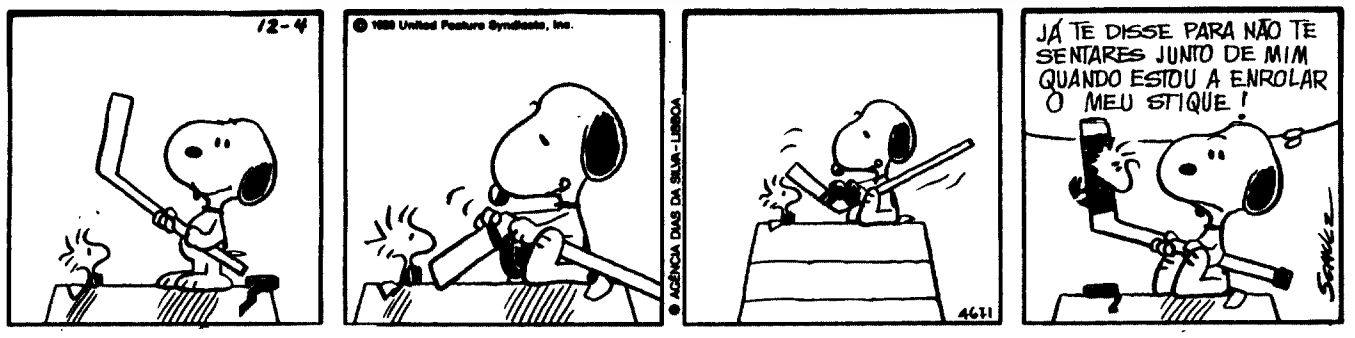
DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração. Redacção. Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12383 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.20	4,0 m	9.53	0,7 m
16.37	4,3 m	22.26	0,5 m

DIA 10

5.07	4,1 m	10.39	0,7 m
17.23	4,4 m	23.12	0,5 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VILA REAL	13º
PORTO	15º
COIMBRA	16º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	16º
ÉVORA	16º
BEJA	16º
FARO	16º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	21º

últimas

Madrid – fim-de-semana

Vasco da Gama

Ferandes

1. Mesmo com 38º à sombra — livra! — vale sempre a pena.

Não foi impunemente que na minha mocidade ali aportei em plena República, em 1931.

Já contei isto muitas vezes, mas não desisto.

O Madrid desse tempo tinha 60 mil habitantes e hoje somente 4 milhões de almas, incluindo um ou outro arredor! Mas o centro de Madrid continua a ser o mesmo. O mesmo quer dizer que há mais de 50 anos a capital de Espanha já era uma grande cidade da Europa. O edifício da Telefónica desafiava então o Guadarrama e o movimento impetuoso, sobretudo a partir do fim da tarde, na Gran Via, em Alcalá; na Sybelles e na Puertas del Sol, o rodopio, fora é claro a multidão dos carros — tudo isso se mantém com mais lojas e com mais estabelecimentos de todas as categorias, mas o mesmo Madrid, barulhento com mulheres em que as feias são bonitas e às vezes as bonitonas não valem nenhum.

Claro que o Madrid de 1930 era uma República de trabalhadores, segundo a Constituição da República, mas logo governada, em postos de comando, pelos «cavernícolas» de Gasset, esquecidos os republicanos de que o perigo já os espreitava. Hoje é uma República socialista, mercê da vitória espectacular do PSOE.

E aqui é que está o «busílis». Felipe Gonzalez prometeu 800 mil postos de trabalho e, talvez porque a Espanha é um país de contradições, não sei onde param os 800 mil, pois que o desemprego atinge dois milhões e picos e já começam a chegar a Madrid as romagens da Andaluzia, á procura de melhores dias.

Quem anda neste mundo como andam os carros eléctricos dirá para os seus botões: isto vai mal, expressão vulgaríssima em Espanha mesmo quando tudo vai bem.

O espanhol tem muita pressa e tem razões que o coração compreende, mas a inteligência não colabora.

Continuo eu a ser um optimista «profissional» e daí dizer que não está bem, mas que, certamente, vai ser melhor, face às potencialidades das riquezas reveladas ou em potencial (há três dias atravessaram as fronteiras 1 milhão de turistas!), que vão deparar com um país que não cansa de ser belo, mas onde uma «tortilha» custa 700 escudos. Não está bem.

É preciso muito cuidado com as promessas e os meus camaradas socialistas esqueceram-se, mas ainda estão muito a tempo de se lembrar.

Aliás, este vício das promessas temo-las aqui em Portugal com os 100 dias de salvação já reduzidos a 50 e estando tudo pior que no começo.

Talvez que o nosso ministro das Finanças acolitado pelas indústrias da pasta está a pensar seguramente de que isto vai tudo mudar. É há quem acredite, menos eu, graças a Deus, pois tenho em vista o contador da electricidade, o pãozinho de cada dia, lombo de vaca e as petingas da Ribeira. Paciência, amigos, porque o que não nos roubam com certeza é o lindo sol e as praias poluídas. Valha-nos isso!

Mas a Espanha é governada por homens isentos, limpos de mão e consciência que seriam incapazes de exonerar Garcia dos Santos ou transferir o Pedro Cid. Pequenas porcarias a pedir autoclismo. Mas adiante.

2. O trabalho do governo socialista pode não ser uma das maravilhas do mundo, com todo o seu «salero», mas pelo menos há uma certa dose de vergonha e a Espanha já foi dotada de orçamentos prometedores, asseguradas as liberdades públicas, reformadas as leis do ensino.

E para exemplo de que não se perdeu a vergonha, a quadrilha de Rumasa foi posta à luz do dia e os ministros intervêm em todas as comissões e plenos com uma assistência no hemiciclo de confortáveis maiorias de deputados interessados e operosos e, no caso particular do PSOE, batem o recorde das presenças e se não comparecem pagam multas. Uma hipótese a considerar para Portugal quando a gente sabe que há dezenas de cadeiras vazias, alguns atentos e outros a passar pelo sono com uma leitura intervalada dos jornais...

Coisa curiosa: o presidente da Câmara de seu nome Peces-Barba apela pela assistência de jovens às sessões parlamentares e, semanalmente, grupos de escolares visitam o Congresso.

Como se vê nem tudo está perdido, e se é difícil a vida duma Espanha em trânsito para a CEE, e se é dramática a sede de água, é nossa convicção de que melhores tempos virão porque uma coisa é certa: A Espanha não volta para trás e os responsáveis pela política, mesmo os mais reaccionários, (muitos deles melhores que alguns **progressistas lusitanos**) porfiam em recuperar a economia, diminuir as importações, expandir os produtos para além fronteiras, nas relações fraternais com a América de raiz Castelhana, a África, os países arabes e algumas porções distantes do Oriente.

O tempo que estive em Madrid, com os tais 38.º à sombra, não me permitiu muitos contactos, mas no entanto, os suficientes para creditar nas qualidades e nas virtudes do Povo Espanhol.

Nada de desânimos. Que venha a água do céu que tanto falta faz e o resto virá por acréscimo.

Por outro lado está a subir para a vida uma nova geração com os pés fincados na terra, que não será jamais a terra dos «labriegos» de que nos fala a poesia amargurada de Frederico Garcia Lorca, uma das mais crúeis vítimas da anti-Espanha a que alude Ramos Y Cajal.

3. E cá estou às voltas com um tema obsidiante. E para acabar.

As relações entre Portugal e Espanha continuam num impasse. Dizia-me um Espanhol amigo que os dois países são irmãos mas de «espaldas» o que em bom português quer significar de costas voltadas. Que me desculpem os que têm mau Espanhol.

Certamente que a Espanha é um país atlântico mas fundamentalmente mediterrâneo. Procuram os seus mercados no «Mare Nostrum» não falando já das relações apertadas com a América Espanhola e com o resto da Europa.

No que toca a Portugal começa-se por não se vender um livro português em Espanha com rarissímas excepções sucedendo igual ao livro espanhol.

O intercâmbio cultural mantem-se vivo nas faladas repúblicas de raiz espanhola mas é quase nulo no que se refere ao livro português no Brasil, embora muitos escritores modernos brasileiros tenham audiência entre nós. Já sei: há as telenovelas e algumas de boa qualidade com um aceno de saudade para a nossa Vila Faia.

Claro que há uma grande diversificação económica e algumas rivalidades. Queremos acreditar que as nossas relações exteriores com Espanha, de igual modo com o Brasil, se mantêm a nível de grandes discursos e promessas recíprocas.

Estamos agora com o problema grave das pescas e outros suceder-se-ão se não houver uma rectificação na escolha diplomática já que certos países não podem continuar a viver sob o signo de diplomacia burocrática.

Muito há a fazer ainda no capítulo do turismo Ibérico, algumas vezes complementar mas persistimos no erro de considerar Europa a situada além dos Pirinéus quando a competência e a imaginação, postas ao serviço do bom senso, poderiam modificar esta deplorável situação.

Sem dúvida que não esquecemos a desvalorização do nosso escudo (há bancos em Espanha que não o descontam) e daí os preços por vezes astronómicos da comida e dos hoteis espanhóis, acrescidos da impossibilidade das compras que faziam, outrora, as delícias das nossas mulheres.

Mas será uma crise passageira e impõe-se como regra salutar o intercâmbio Luso-Espanhol, sem recurso ao contrabando.

Seja como for vale sempre a pena ouvir o Espanhol e sentir a sua fraternidade e ninguém do lado de lá pensa nessa obscenidade do iberismo com que se divertem meia dúzia de idiotas dos nossos indígenas.

Abandono Madrid sempre com emoção. Lembro-me da minha juventude de exilado e ao ouvir à noite na Plaza Mayor a fala de Lorca, senti que, na verdade, somos um Povo da mesma raiz, grande na aventura e agarrados aos pedaços da terra que são os nossos.

Adeus Madrid. «Hasta siempre».

PANDEMÓNIO E DESTRUIÇÃO NO HOSPITAL DA PÓVOA DE VARZIM, onde um indivíduo, cuja identificação a PSP não forneceu, destruiu a murro e a pontapé, a mesa operatória, macas, marquises e ainda uma imagem valiosa do Menino Jesus. O vândalo (ou psicopata), sabe-se que emigrante em França e natural de Guimarães, apareceu no Banco do Hospital e após ter exigido ao médico de serviço que lhe aplicasse uma injecção «para acalmar», acabou por iniciar os distúrbios dado um pontapé no balcão de atendimento. Os prejuízos foram avaliados em quatro mil contos.

A CRÓNICA DIÁRIA que o jornalista Pedro Cid tem estado a escrever para o «DL» desde que a RDP decidiu suspender o seu trabalho não se publica hoje. A RDP está em greve, e Pedro Cid está solidário com essa greve, pelo que nos pediu que não contássemos, hoje, com a sua colaboração.

O AUTOR DE UMA TENTATIVA DE HOMICÍDIO, ocorrida no princípio do ano em Cambres (Lamego), acaba de ser detido em Valadares. José Ferreira, já internado na cadeia de Custoias, foi reconhecido pelo agente da Polícia Judiciária do Porto, Jose Machado. O detido é acusado de haver desferido vários golpes de navalha num vizinho, deixando-o às portas da morte.

UM MORTO E SETE FERIDOS é o resultado de uma questão de partilhas que envolveu uma família do lugar de Celas, Vinhais. A família dividida em dois grupos envolveu-se em desordem, usando sacholas e armas, entre as quais uma caçadeira, tendo sido atingido mortalmente um dos intervenientes na contenda, Aurísia da Graça Fernandes, de 54 anos, casada. Segundo testemunhas oculares, terá sido Vitorino Xavier Fernandes, de 57 anos, quem disparou contra a irmã. Entre os sete feridos, dois deles, Eduardo Fernandes Nunes, de treze anos, filho da vítima mortal, e o genro desta, Armando dos Anjos Servo, de 50 anos, recolheram em estado grave ao Hospital de Santo António, no Porto.

GRÉCIA E TURQUIA
VISITANDO ATENAS E ISTAMBUL
PARTIDA 20 AGOSTO
VIAGEM GARANTIDA
ULTIMAS INSCRIÇÕES CONFIRMAÇÃO IMEDIATA
DELEGADO PORTUGUÊS PERMANENTE
informações e reservas
Europia
AGÊNCIA TURÍSTICA
LISBOA - Av. da Liberdade 233 - Tel 53 61 21
LISBOA - Av. de Roma, 35 A - Tel 76 08 15
PORTO - Rua da Fabrica, 56 - Tel 38 40 94
PORTIMÃO - Av. Tomaz Cabreira s/nº
Praia da Rocha - Tel 2 33 77
membro IATA em Portugal - OPERADOR Alvará nº 23

Assaltantes apoderaram-se de 2800 contos

Receita do Casino Estoril roubada a funcionário bancário

Continuam por localizar os quatro indivíduos que, cerca das 16 e 30 de ontem, assaltaram no Estoril um funcionário do Banco Totta & Açores, no momento em que este transportava a receita do fim-de-semana do Casino. Segundo afirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz da PSP de Cascais, os assaltantes, que actuaram de cara descoberta e armados de pistola, apoderaram-se de 1800 contos em dinheiro e de mil contos em cheques, verba que já não era propriedade do casino mas do banco, uma vez que a transferência já fora efectivada.

Na altura em que foi abordado, o funcionário bancário acabara de sair do casino e preparava-se para entrar na sua carrinha «Renault 4-L» estacionada frente à porta do casino. Três dos assaltantes obrigaram-no a entregar a pasta com o dinheiro (proveniente das receitas das salas de jogo, «boîte», restaurante e tabacaria), enquanto um quarto elemento do grupo permaneceu no interior de um Toyota Corolla, de cor verde. O veículo, que já está na sede da Polícia Judiciária de Lisboa para exames periciais, foi encontrado mais tarde abandonado junto a um hotel do Estoril, na Avenida da República.

Mais vasta a maré negra do "Castillo de Bellever"

O efeito conjugado da corrente de Bengala e de ventos sudeste impeliu ontem suavemente para o mar alto o lençol negro de cerca de 1000 km² de petróleo bruto, derramado do petroleiro «Castillo de Bellever», no sábado, ao largo do litoral ocidental da península do Cabo.

O lençol de petróleo, que mede aproximadamente 18 por 54 km, flutua a uns quarenta quilómetros da costa mais próxima, a baía de Saldanha, e afasta-se do continente à velocidade de aproximadamente 1,5 km/h, segundo indicaram responsáveis das operações antipoluição.

Estes, salientaram porém que, embora o perigo imediato pareça estar afastado, relativamente às praias, a verdade é que o vento pode mudar rapidamente e impelir de facto o líquido viscoso para as costas.

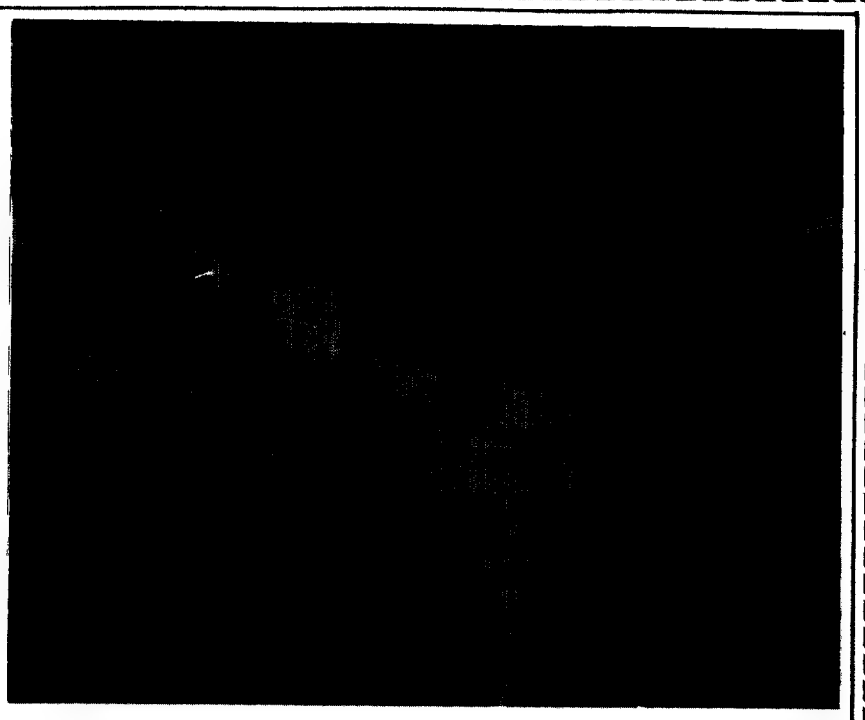
Tentando afastar o perigo de maré negra, um rebocador da cidade do Cabo, o «John Ross», conseguiu amarrar ontem à tarde um cabo à parte da frente do petroleiro, que se ergue na vertical no Atlântico, e começou a rebocar essa metade do petroleiro à velocidade de cerca de 1,5 km/h para o mar alto.

O supertanque de 271 540 toneladas, construído há apenas cinco anos, partiu-se em dois após ter estado a arder durante uma dezena de horas, no sábado, a cerca de 90 km das costas.

férias na praia
PARTIDAS TODAS AS 2ªs FEIRAS DE 11 JUL. A 19 SET.
Palma de Maiorca
Ibiza * Las Palmas
Tenerife * Lanzarote
8 OU 15 DIAS
PREÇOS EXCEPCIONAIS
VOOS DIRECTOS DIURNOS
AIR PORTUGAL
PEÇA O PROGRAMA SOL Y SOMBRERO
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
ALMADA Rua de Olivença, 9 C Tel 2756272
PORTO · BRAGA · COIMBRA · FARO · PORTIMÃO · FUNCHAL

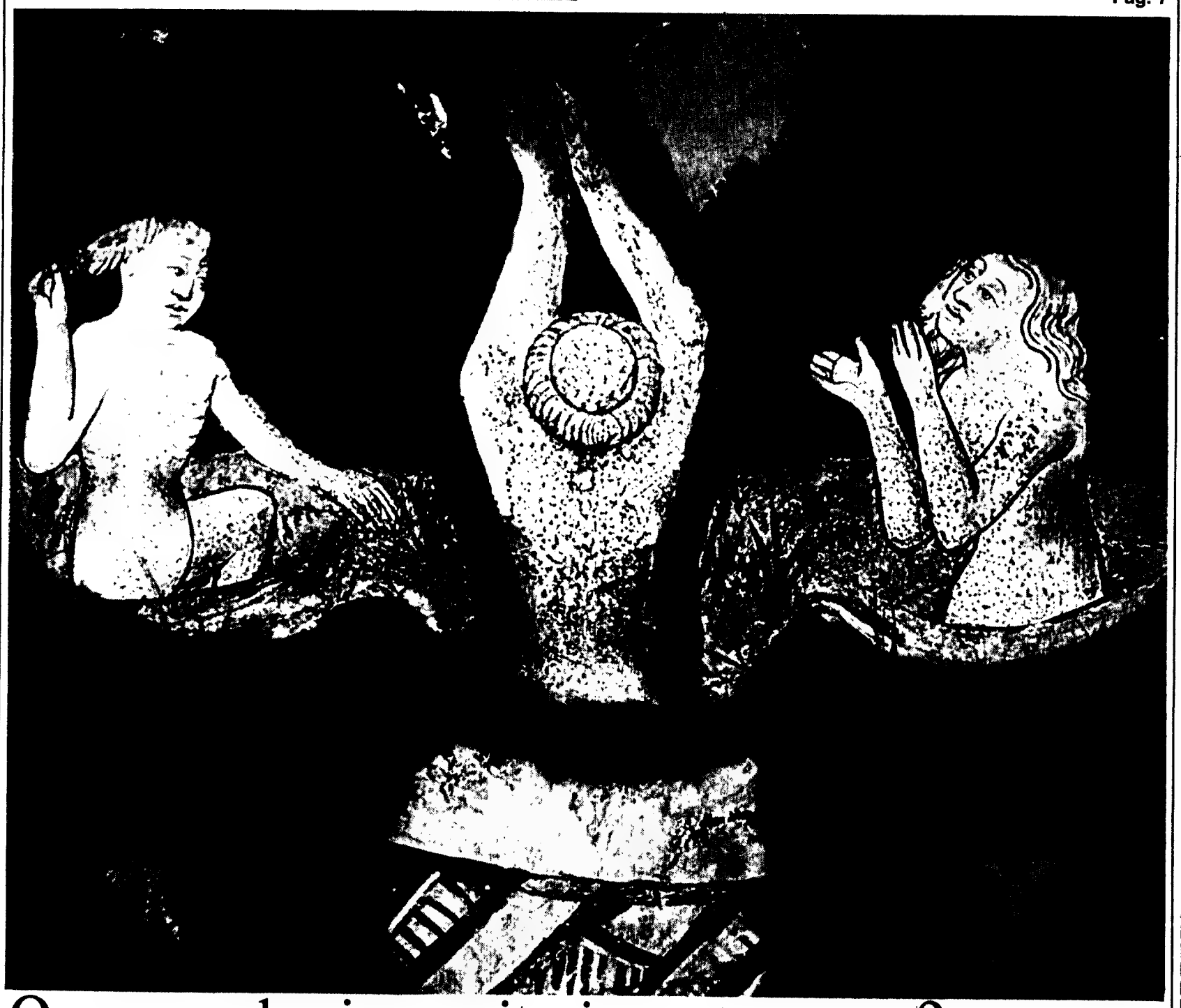
ROMÉNIA
4 Programas
7 DIAS DE VIAGEM COM PENSÃO COMPLETA
PRAIAS DO MAR NEGRO
ROMÉNIA E BULGÁRIA
TRATAMENTO GERIÁTRICO 14 DIAS
Partidas: 5, 12, 19 e 26 JUL · 2, 9, 16, 23 e 30 AGO · 6, 13, 20 e 27 SET · 4, 11, 18 e 25 OUT
TRÊS CAPITAIS
BUCARESTE · BUDAPESTE · BELGRADO
14 DIAS · Partidas 19 JUL · 16 AGO · 13 SET
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO
DESDE 1840 abreu
LISBOA · Avenida da Liberdade, 160 Tel 371341
LISBOA · Avenida de Roma, 66 · B Tel. 803609
ALMADA Rua de Olivença, 9 C Tel. 2756272
PORTO · BRAGA · COIMBRA · FARO · PORTIMÃO · FUNCHAL
Alvará 35 · OPERADOR TURÍSTICO

Sete Ponto Sete



Um demónio do surrealismo?

Pág. 7



Quem conhecia os vitrais portugueses?

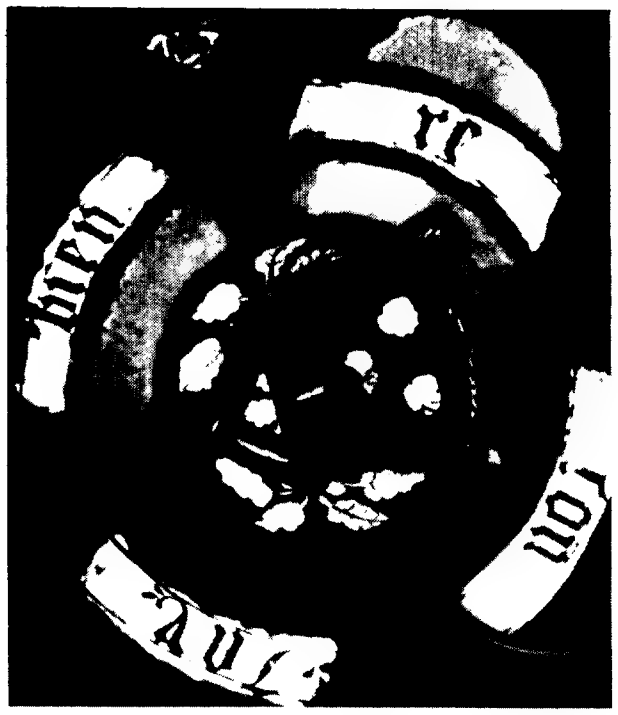
Pág. 2

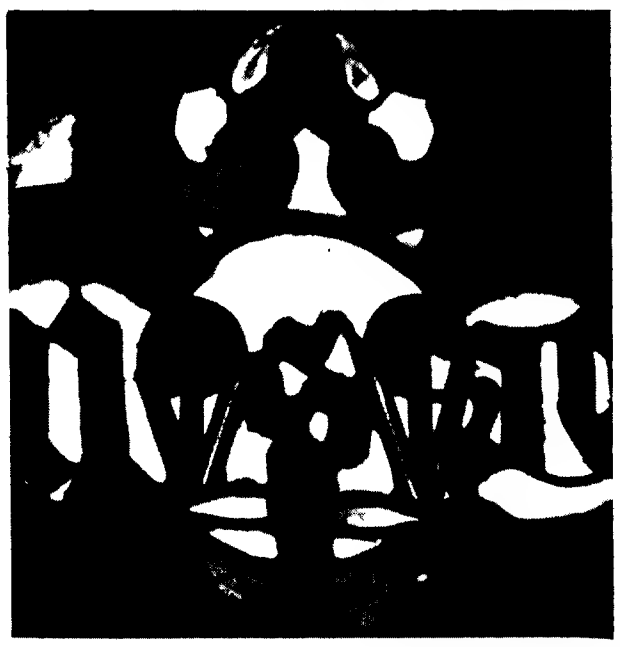
Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Ideias

O vitral em Portugal nos séculos XV e XVI

—um importante trabalho de Carlos da Silva Barros





O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa patrocinou a publicação de «O Vitral em Portugal», de Carlos da Silva Barros, um estudo que merece o qualificativo de **inaugural,** visto tratar-se do primeiro trabalho sobre a matéria feito entre nós.

Trata-se de uma luxuosa edição bilingue (português-/inglês), que além da investigação histórica propriamente dita inclui um precioso levantamento fotográfico – e não terá sido especialmente através da fotografia que a maioria dos contemporâneos conheceu os vitrais de França ou da Alemanha? – e um valioso apêndice documental. Todos estes materiais constituem uma importante introdução ao vitral português. Depois da sua recolha e edição, que é feita no quadro da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, será mais fácil a novos investigadores, nacionais e estrangeiros, procurarem a sua via num domínio onde, até agora, nenhuma obra de referência podia ser indicada como bibliografia de base.

O estudo abrange a produção dos séculos XV e XVI, uma apresentação de Pedro Canavarro, Comissário-Geral da Exposição, situa-0 no âmbito dos trabalhos de divulgação do «Portugal das Descobertas» que acompanham, este ano, a grande iniciativa levada a cabo sob os auspícios do Concelho da Europa.

Cremos que, para além desta função de divulgação do Portugal de «Quinhentos», o trabalho de Carlos da Silva Barros ocupa já um lugar considerável nas bibliografias de História de Arte, pela atenção que dedica ao labor artesanal dos vários mestres do vitral e pela riqueza das comparações que oferece, quer do ponto de vista das temáticas desta arte tão desconhecida entre nós, quer do ponto de vista do estilo dos seus autores.

Porque sou muçulmano

Roger Garaudy

A OS vinte anos escolhi ser cristão e aderir ao partido comunista francês. Era em 1933. Um momento trágico do século: o do aparecimento da grande crise económica na Europa; ao da chegada de Hitler ao poder.

Esta dupla escolha não me parecia de modo algum contraditória, mas necessária e complementar: num mundo do absurdo e do horror, encontrar um sentido para a minha vida e para a história ligando-me à fé abraânica, à mensagem cristã. E ao mesmo tempo, na ausência de uma verdadeira doutrina social cristã e de uma política cristã que permitisse lutar còntra o caos, procurar, no marxismo, uma metodologia da iniciativa histórica para um projecto capaz de ultrapassar as mortais contradições do sistema. O partido comunista era então o adversário mais ousado do capitalismo e do nazismo.

De modo algum lamento esta dupla escolha e não sinto vergonha perante ninguém. Nos grandes problemas do século ele colocou-me, no essencial, do lado dos que lutam pelo futuro e pela esperança. Contra Munique, pelos republicanos, na guerra de Espanha; na luta contra Hitler, a qual, preso em Setembro de 1940, me valeu três anos de prisões e de campos; no esforço pelo renascimento francês, depois da guerra, e na oposição às guerras coloniais.

Outros contentavam-se em reflectir o caos do século e concluir que a vida não tem sentido: **A vida é uma paixão inútil,** dizia Sartre, que acrescentava: **O Inferno são os outros**. «Cristão, nunca considerei inutil essa **paixão**; comunista, os outros não era para mim **o inferno**. Ao extrapolar a toda a vida uma hipótese que se revelara fecunda a nível biológico, Monod queria reduzir a epopeia humana à **necessidade** e ao **acaso**. Ao contrário dele e de Marx e de Teilhard de Chardin, sempre afirmámos que a vida e a história eram um desígnio voluntário, que tinham um sentido.

Lutámos por este desígnio e por este sentido. Camus fazia-se o profeta dessa ausência de sentido, do «absurdo», propondo-nos a perspectiva irrisória de conceber **Sisifo feliz**. Preferimos Don Quixote a Sisifo, e prosseguimos, contra tudo e contra todos, o diálogo entre cristãos e marxistas, com a certeza de que não há socialismo nem verdadeira comunidade humana, se se abstrair a dimensão transcendente do homem, e, se a fé abandonar a César a política, não se consegue destinar fins humanos ao poder maravilhoso e terrível das nossas ciências e das nossas técnicas.

Se nunca acreditei, como Althusser, que **o homem é uma marionette posta em cena pelas estruturas**, nem como Vahanian que **Deus estava morto**, também nunca concordei com a concepção do homem de Foucault.

Mesmo quando se revelou, do vigésimo congresso do partido soviético até à invasão de Praga, que a URSS não era o socialismo; mesmo quando se revelou, depois do concílio, que a Igreja não realizava a grande esperança de aggiornamento do profético Papa João XXIII, não deixámos de manter, com todas as nossas forças, as duas pontas da corrente, com o meu irmão dom Herder Camara, com punhados de cristãos e de militantes, sobre tudo do Terceiro Mundo.

1968, mesmo sob uma forma utópica e apocalíptica, fez-nos tomar consciência de que o modelo ocidental de crescimento económico era ainda mais perigoso pelos seus êxitos do que que pelos seus fracassos: ele pervertia a política em «equilíbrio do terror», e a cultura em tecnocracia, por ausência de objectivos humanos.

Um diálogo que se tornou provinciano

Pareceu-me então evidente que o diálogo cristão-marxista, de que há muito era o animador, por mais rico de esperança que fosse, se tornava «provinciano», somente ocidental. Lancei em 1974 outro encontro das culturas que não contradizia o primeiro mas que se estendia à escala mundial: o diálogo das civilizações. Os nossos problemas são planetários. Eles só podem ser resolvidos à escala planetária. Interrogando as sabedorias de três mundos, durante muito tempo colonizados e ocidentalizados, a fim de conceber e viver outras relações do homem, com Deus, com os outros homens com a natureza.

Foi então que tomei consciência, no estudo das culturas não ocidentais, das potencialidades particulares do Islão. Não por uma descoberta súbita, porque escrevi o meu primeiro ensaio entusiasta sobre a civilização arabo-islâmica em 1946, depois de um encontro decisivo com o xeque Ibrahimi. Agora, porém, o Islão surgia-me como dando resposta às interrogações da minha vida.

Em três pontos capitais, no respeitante à consciência crítica deste século.

1) O profeta Mohammed nunca pretendeu criar uma nova religião, mas lembrar-nos da fé fundamental de Abraão. No Corão, Moisés e Jesus são profetas do Islão. O mundo em si pode reencontrar a dimensão transcendente na unidade da grande tradição judia, cristã e muçulmana.

2) O Islão não separa a ciência da sabedoria, nem a sabedoria da revelação.

No seu apogeu, na Universidade de Cordova, a ciência muçulmana não separava a investigação das causas da investigação dos fins, o que impede a ciência de degenerar em cientismo, a técnica em tecnocracia, a política em maquiavelismo, obrigando-os a colocar não só a questão do «como», mas também a do «porquê». Ciência e técnica podem assim ser postos ao serviço do desenvolvimento do homem e não da sua destruição pelo exaspero dos seus desejos e a vontade de poder dos grupos e das nações. Quanto à revelação, ela não se opõe à ciência nem à sabedoria, mas ajuda-as a tomar consciência dos seus limites e dos seus postulados. A fé é uma razão sem fronteiras.

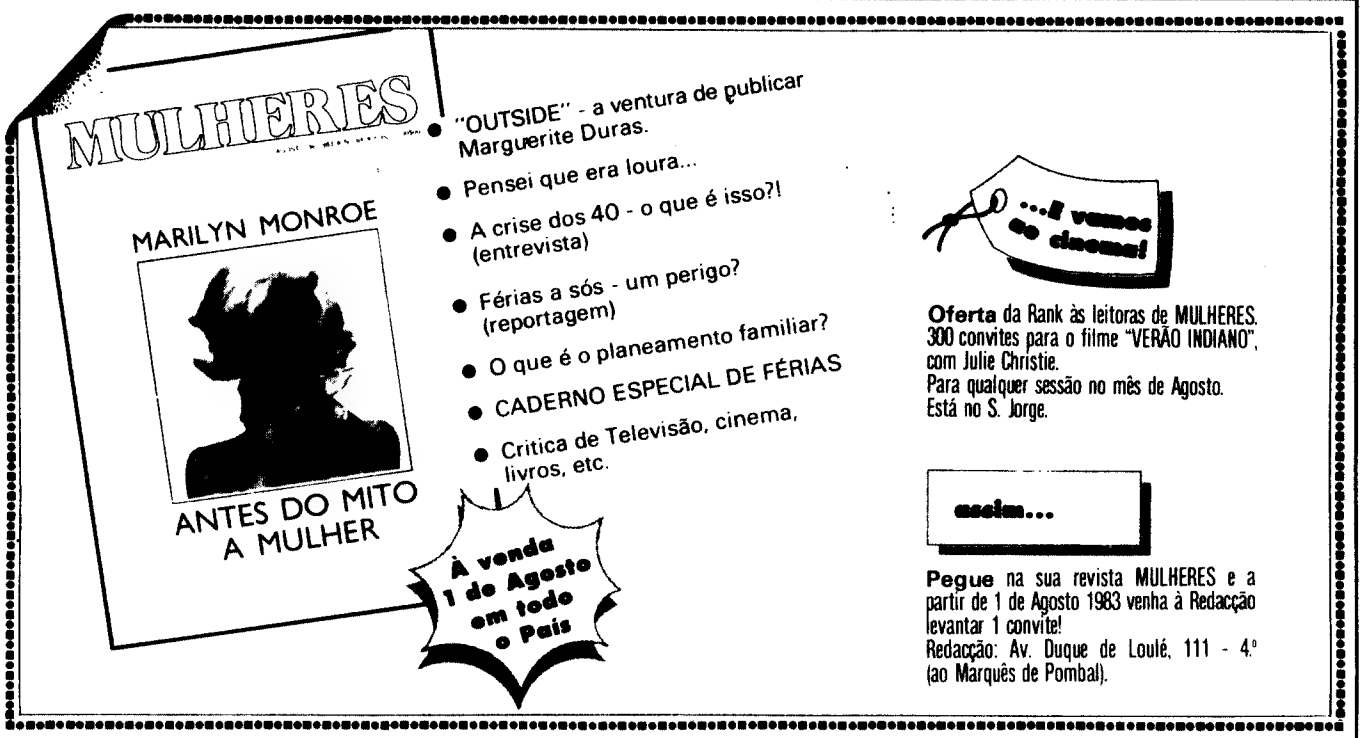
3) O Islão permite pôr o problema das relações entre a fé e a política (relações entre as duas dimensões do homem), não as confundindo com o das relações entre a Igreja e o Estado (relações entre duas instituições) como muitas vezes aconteceu na Europa e sobretudo em França.

Onde existe, perguntar-me-ão, esse Islão que idealizo?

Em parte nenhuma, é certo. Só num livro e no coração dos homens. Assim como não existe nem nunca existiu uma sociedade cristã. Assim como não existem países socialistas. Mas isso impedirá que o cristianismo ou o socialismo continuem a ser o fermento das nossas vidas pessoais para sair do nosso pequeno «eu» e dos princípios reguladores do horizonte sempre fugidio da história, para criar um futuro de rosto humano?

É este o sentido desta escolha da religião da unidade (tawhid), que é ao mesmo tempo uma ética da acção, porque o Islão não significa submissão no sentido de passividade, de fatalismo, de resignação (seria então «isitlam»), mas a resposta ao chamamento de Deus, resposta activa, livre, responsável.

Chegar ao Islão não é para mim renegar Jesus nem Marx, mas encontrar este ponto que sempre procurei, em que o acto de criação artística, a acção política e a fé são um todo, e, para além dos sarcasmos e das ameaças, atingir, como já escrevi, a maior alegria: a de ter ficado, quase aos setenta anos, fiel ao meu sonho dos vinte. ■



Infernos

O conflito saariano: ponto morto entre Rabat e a Polisário

AS negociações entre Rabat e a Polisário estão em ponto morto. O papel da Argélia será determinante para favorecer a paz ou para reacender a guerra.

É evidente que Hassan II e Chadli Bendjedid querem acabar com o conflito sariano. É também evidente que eles têm dificuldades em encontrar uma solução. Como Rabat proclamou a marroquinidade das **provincias sarianas** invadidas pelas FAR (Forças Armadas Reais) em Novembro de 1975, e a Argélia reconheceu a República Árabe Saraui Democrática proclamada em 28 de Fevereiro de 1976, o sucessor de Boumediene e o seu real vizinho não podem mudar de opinião de um dia para o outro. E podem-no tanto menos quanto as suas posições de partida são muito afastadas e obrigam-nos a usar da manha com os seus «ultras».

É assim que Hassan II, em choque com os partidos políticos, recusou que os seus ministros se encontrassem outra vez com os dirigentes sarauís, com risco de bloquear o processo imaginado pela OUA no passado mês de Junho. Com efeito, a organização adoptou uma resolução que **exorta os partes em conflito** — o Reino de Marrocos e a Frente Polisário — **a empreender negociações directas** com o objectivo de conseguir um cessar-fogo e um referendo de autodeterminação antes do fim do ano. Encarregou, para mais, um comité de velar pela aplicação corrrecta deste texto. O comité, que tem plenos poderes, devia ter reunido no dia 20 de Julho, mas não pôde fazê-lo devido ao abandono dos marroquinos.

Para mais, Argel e Rabat devem contar com os interesses e com as ambições dos seus vizinhos e aliados que interferem no jogo. Antes de mais a Frente Polisário, que não quer de modo algum ser sacrificada no altar do Grande Maghreb e menos ainda ser metida a pique. Depois, a Mauritânia. Frágil elo da região, não quer, segunda uma expressão atribuída a Hassan II, **que Marrocos e a Argélia comam, nas suas costas, o carneiro assado da reconciliação.**

Solidário dos sarauís — mouros como a etnia dominante na Mauritânia — o presidente Khouna Ould Haidalla prefere que um Estado independente se instale nas fronteiras da antiga colónia espanhola, por preocupação de equidade, mas também por realismo: ele receia os apetites dos guerreiros da Polisário, que seriam privados da sua terra e prefere que a RASD sirva de **zona tampão** em face do poderoso vizinho do Norte. Ele suspeita, com efeito, de Rabat não se ter libertado dos seus **domónios expansionistas e** de não ter definitivamente renunciado ao sonho de integrar Nouakchott no **Grande Marrocos,** tão caro ao falecido Allal El Bassi.

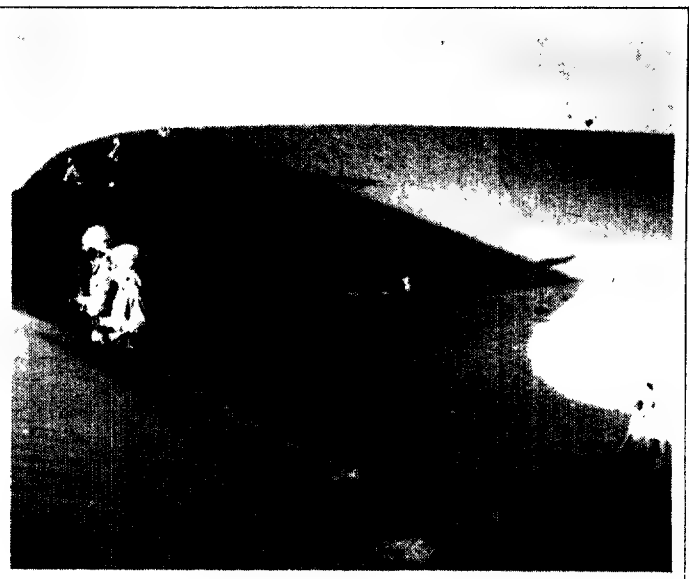
Amigo de Marrtocos, o presidente do Senegal, Abou Diouf, afirma-se cada vez mais como um grande chefe de Estado, mas vai ter de adoptar medidas impopulares a fim de jugular uma das mais graves crises económicas que o seu país conheceu. Assim, prefere agir num ambiente pacificado. Menos empenhado ao lado de Hassan II que o seu predecessor, Leopoldo Sedar Senghor, não procura, ao contrário deste último, levantar os negro-africanos do Sul da Mauritânia contra os Mouros, com risco de fazer rebentar o país. Para mais, também quer preservar a OUA e fazer prevalecer uma solução negociada no conflito sariano.

Não foi pois por acaso que se atreveu a desagradar a Rabat ao receber em Addis-Adeba o presidente da RASD, Mohamed Abdelziz, e redigiu com os seus colegas mauritano e etíope a resolução adoptada pela cimeira da OUA.

A Tunísia, que beneficia em todos os plano da sua reconciliação com a Argélia, sente-se agora mais segura perante os desígnios unitários ou subversivos da Líbia, e mais inclinada para incitar Marrocos a aceitar um compromisso com a Frente Polisário, a fim de favorecer o nascimento do Grande Maghreb, o que sempre desejou.

Também não se pode ignorar o coronel Kadhafi, que está disposto a semear a discórdia a fim de pagar as suas contas. Assim, não perdoou ao presidente Haidalla o não ter ratificado a união mauritano-líbia prometida em Tripoli no início de 1982 pelo seu primeiro-ministo, Bneijara, hoje preso. Afirma-se em Nouakchott que o «guia da revolução líbia» tentou por duas vezes presuadir o antigo presidente Ould Daddah — **que recusou**, sublinha-se — a retomar o poder com a ajuda de Tripoli. É para combater tais intrigas e para manter à testa do governo sarauí dirigentes que lhe sejam fiéis que a Argélia contrariou as ambições sarianas e até africanas do seu aliado líbio.

Ao ir recentemente a Rabat — aonde não fora desde 1969 — o coronel Kadhafi desejava inquietar a Frente Polisário, que não o apoiou até ao fim na sua querela para obter a presidência da OUA. Ele queria assim mostrar a Argel que conserva trunfos no jogo maghrebino e que também pode, para defender os seus interesses, embaraçar aliados considerados «desconsoladores», e até praticar políticas aparentemente contraditórias, mas todas elas postas ao serviço do seu sonho dos **Estados Unidos do Sara**: discutir com Hassan II, incitar os sarauís e mostrar-se intransigente numa negociação ou ainda levá-los a unir-se à Mauritânia ou mesmo a tomar o poder em Noukchott.



Paul Balta

O papel de Argel

Nesta partida de uma rara complexidade, onde todos os fios se encadeiam e onde são frequentes os golpes baixos, o papel da Argélia continua, no entanto, determinante: mais do que qualquer outro Estado ela tanto pode favorecer a paz como reacender a guerra: ela acaba de o provar dando luz verde, pelo menos implícita, ao ataque de Lemsiyed pela Frente Polisário, após uma acalmia de mais de dezoito meses. Na fase actual — nada nos afirma que seja a última — Marrocos pode ser apanhado na ratoeira da paz, visto a resolução da OUA reduzir a sua margem de manobra.

Para se encontrar com Hassan II no dia 26 de Fevereiro passado, o presidente Chadli pôs sempre como condição que o soberano reconhecesse de uma maneira ou de outra a Polisário. É por isso que, pouco depois desde encontro, que parecia ter-se desenrolado sem condições prévias, argelinos e sarauís se mostraram interessados em fazer com que se soubesse que houvera um *encontro secreto* em Argel entre os dirigentes da Frente e uma delegação marroquina composta por Boucetta, ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros e chefe do Istiqlal — partidário do Grande Marrocos, Driss Basri, ministro do Interior, e Reda Guedira, conselheiro do rei.

Assim, ao obter essa satisfação de princípio e ao proclamar que nenhum conflito se opunha a Marrocos, com o qual normalizava as suas relações, a Argélia deixava frente a frente marroquinos e saarauís como únicos beligerantes, situação esta ratificada pela OUA. Como toda a negociação implica concessões recíprocas, que deu ela em troca? Num primeiro tempo pode ter valorizado o facto de, desde a queda de Guelta-Zemmour, a sul do Saara ocidental, em Outubro de 1981, ter persuadido a Frente Polisário a não levar a efeito nenhum ataque de envergadura. Destinada a favorecer um acordo negociado, essa acalmia também tinha por objectivo acalmar os Estados Unidos e limitar a ajuda maciça que eles deram a Marrocos, depois da utilização de tanques e de foguetões soviéticos de origem líbia, em Guelta-Zammour.

Sem dúvida também obteve da RASD que ela se abstivesse de participar na cimeira da OUA, em troca do reconhecimento oficial da Frente Polisário como interlocutor. Enfim, sempre disse que se entreporia entre os dois negociadores, a fim de favorecer um compromisso, dando a entender que persuadiria os saarauís a mostrar-se mais realistas. Mas sob pena de trair os princípios que defendem, e de perder toda a credibilidade no Terceiro Mundo, os argelinos devem salvar as aparências e não podem *apunhalar a Polisário pelas costas*. Têm, no entanto, meios de pressão, um dos quais consiste em recordar os erros cometidos pelos seus dirigentes, por instigação da Líbia.

No centro dessas críticas figura a proclamação da República saaruí como Estado. Ela incomodou muito a diplomacia argelina nos últimos sete anos. Com efeito, esta obtivera do Comité de Libertação da OUA, reunido em Maputo, que ele recomendasse por unanimidade o reconhecimento da Frente Polisário como movimento de libertação. Essa recomendação seria ratificada por confortável maioria, pelo conselho dos ministros da organização presentes em Addis-Abeba de 26 a 28 de Fevereiro de 1976. Antes disso a Espanha tinha anunciado que se retiraria nessa data do Saara ocidental e que transmitiria a administração — e não a soberania — do território a Marrocos e à Mauritânia.

É para preencher o vazio jurídico decorrente deste ponto de partida que os dirigentes saarauís queriam proclamar a RASD. Boumedienne mandara então dois emissários (1) a fim de os pôr em guarda contra os inconvenientes de um «governo provisório» constituído prematuramente, e pedir-lhe, em todo o caso, que adiasse a sua decisão até que a Frente fosse reconhecida pela OUA. A proclamação da RASD bloqueara esse processo — para grande satisfação dos marroquinos que a receavam — e foi só a 22 de Fevereiro de 1982 que o «51.º Estado» foi admitido no seio da OUA, em circunstâncias muito controversas. Em privado, os dirigentes argelinos não deixam de constatar que Hassan II aproveitou esse lapso de tempo para melhorar a sua audiência internacional e consolidar a sua influência no «triângulo útil».

Em público, os argelinos defendem unanimemente uma posição baseada em princípios. Em todo o caso, em privado os responsáveis dividem-se em duas tendências. Os defensores da primeira acham que o rei não tem outra solução que não seja acabar com o conflito e favorecer a cooperação maghrebina para salvar o trono, restabelecendo uma situação económica e financeira que, com os anos, se tornou insuportável. Eles lembram que a Arábia Saudita, a principal provedora de capitais do reino, dispõe de menos liquidez e sublinham que persuadiram a Frente Polisário a consentir a Rabat vantagens apreciáveis no domínio dos fosfatos e da pesca.

Quanto à Argélia, poria no cestinho o gasoduto do Oeste. Em vez de o ligar directamente à Espanha, através do Mediterrâneo — solução dispendiosa que tem o favor da firma americana Bechtel, encarregada dos estudos outrora dirigidos pelo secretário de Estado americano Schultz, a conduta passaria por Marrocos, que beneficiaria com isso, tal como a Tunisia graças ao gasoduto do Leste, de rendas em divisas e de gás a um preço vantajoso. Os marroquinos também podiam ser associados à exploração do ferro de Gara Djebilet, no sul argelino e a outros projectos.

Os adeptos da segunda tendência acham, em todo o caso, que vantagens podem ser longínquas e que o rei precisa de resultados concretos imediatos. Como Hassan II declarou no dia 26 de Fevereiro: *«Deixem-me a bandeira e o selo e todo o resto é negociável»*, eles imaginam uma solução de tipo Sudão Sul, que permitiu aos Anya-Nya obter uma larga autonomia e conservar o seu próprio exército. Um acordo do mesmo tipo, acrescentam, poderia mesmo reconhecer aos saaravis *«o direito à secessão.»* Em todo o caso, no momento em que o presidente Nemeyri põe em causa as vantagens sucedidas aos Anya-Nya, dificilmente se vê os Saaravis a deixarem-se tentar por tal solução. Essa última suporia, para mais, negociações directas e Hassan II acaba de dizer que nãs as deseja. Podemos, enfim, perguntar a nós próprios que proveito real teria a Argélia num tal arranjo, a menos que se tratasse de uma manobra táctica destinada a engodar os marroquinos. No entanto, só o facto de os dirigentes argelinos terem podido imaginar um tal compromisso, já é em si, um elemento novo.

Também em Marrocos, para além da unanimidae da fachada, as posições são menos imóveis do que parece. Claro que os chefes dos partidos políticos continuam a defender vigorosamente a política de tudo ou nada. Mas a população está cansada de suportar a austeridade por *«alguns acres de areia»* e a maior parte dos homens de negócios deploram que os milhões *«enterrados neste deserto»* não tenham sido investidos *no Marrocos útil»*. *Enfim, alguns políticos que querem conservar o anonimato perguntam a si próprios se não é tempo (visto o rei ter referido a unanimidade à volta da sua pessoa) de melhorar uma situação sinuosa, a fim de segurar a perenidade do trono. Mas qual seria então a atitude do exército? Aceitaria ele, em ultima análise, uma partilha que conservasse a Marrocos o Triangulo útil* na exploração do qual podia associar-se uma R.A.S.D. instalada no resto do território?

Seis semanas depois da cimeira da O.U.A parece de novo imobilizada a a situação entre a Argélia e Marrocos, enquanto que a Frente Polisário toma a África como testemunha da sua boa vontade e das tergiversações de Rabate. *«Resta à O.U.A. tirar as conclusões que se impõem. Ou se resigna ou assume as suas responsabilidades e considera Marrocos rebelde às suas resoluções»*, declarou Ibrahim Hakim, «ministro» Saaravi dos negócios estrangeiros. De futuro, o desejo de sair do impasse repousa no comité que pode e deve *«tomar com a participação das Nações Unidas, todas as medidas necessárias a fim de assegurar a execução correcta»* da resolução votada em Adis-Abeba. O quebra-cabeças sariano está longe de ter acabado.

(1) Trata-se do coronel Slimane Hoffman e de Halj Yalla, actual ministro do interior.

(•) Fadel Ismail, representante da Frente Polisário em Paris, declarou num comunicadd que *«pela primeira vez, helicópteros Gazelle equipados de mísseis antitanques Hot e uma parte dos trezentos blindados VAB recentemente entregues pela França a Marrocos, apareceram durante os combates de Lemsiyed.»* Fadel Ismail admira-se que a França *«confronta o rei na sua intransigência... pondo generosamente à sua disposição peritos, arma e munições.* ■

Sete Pont

Ópticas fi

Júlio Resende, um pintor nocturno. Algum dia saberem

A arte é o sinal do homem...

Pintura, 1973 (160×200 cm)

Lourdes Féria

N

O seu atelier, onde a luz parece ter sido filtrada, medida com rigor, Júlio Resende fala-me. **Entra aqui a luz norte que é a mais constante. Para um pintor a incidência de luz tem importância, convém que seja uniforme.** Diz como se resumisse, assim, a nocturna sensibilidade que perpassa pela sua pintura. Homem do Norte (desse Porto sombrio, de luz velada, talhado a granito) embora tenha eleito como **segunda pátria** o Alentejo, terra que habitou durante dois anos. Prefere trabalhar de manhã **a parte do dia mais susceptível para se acreditar no quer que seja**. Esperança que vai morrendo à medida que o dia declina.

Levanta-se às cinco e meia, correspondendo ao apelo de um hábito antigo. Com 65 anos, a idade de Júlio Resende, dificilmente se muda. É, porém, dotado de uma genica, de uma vitalidade incrível. Força que o empurra para uma busca incessante: pesquisa de materiais, textura e cores. Insatisfação que o anima a prosseguir, a não parar — daí a sua modernidade. **Um homem deve pôr tudo em discussão. A arte não é definitiva. Nas minhas coisas, ainda que subsistam sinais estáveis, julgo ser perceptível uma evolução.**

Quando se pensa em Júlio Resende pensa-se no **óleo**, processo com que melhor se entende. **Ajusta-se à minha maneira de ser. É uma matéria que responde a um espírito emotivo, espontâneo como o meu. Permite, por outro lado, uma hipótese de tratamento: recebe os impulsos acusando-os.** Afirma com um ar acariciante que contradiz a pintura que faz. Essa: ressonante de aspereza e gravidade. Mário Dionísio escreveu: **Nunca o vi pintar. Mas juraria que tudo se passa num frenesim de claridade que se busca e nessa busca se arremessa contra avalanches de treva, de origens desvairadas, variadas, de tessituras desconhecidas, ferventes, ou de enganosa mornidão, duras como a pedra dura, coleantemente pastosas, pegajosas, em roucos brados de silêncio imposto por mordaças que talvez se ingnorem como tal.** Sintetiza, desta maneira belíssima, o que é a pintura de Resende. Na minha frente um quadro: cenário de mar e gente, um oceano escuro, sem vagas nem praias. Leio nele tristeza, acabrunhante vida de sargaceiras. **São mulheres que entram na água, tudo muito líquido, escorrendo algas... podem ser algas ou pessoas. Há uma simbiose muito grande entre a natureza e o homem.**

Natureza

Ele diz que raramente pinta paisagens e, todavia, a figura humana confunde-se com a natureza como se dissolvesse nela ou o contrário. **Resende raro é um paisagista; e quando o é (quase só nas aguarelas) a presença humana que se ergue da paisagem tem sempre o indizível do alarme e da sombra**. Eis as palavras de Vergílio Ferreira. Mas a natureza fascina o pintor, com o seu jogo de antíteses, as suas mudanças, vastíssima... e sem dono, embora se deixe domar pelo homem. **A paisagem já de si é um índice humano. O homem é de certa maneira um construtor da natureza...** Soa a voz de Júlio Resende, sussurrante, no atelier que me lembra uma catedral. Lá fora cantam os pássaros, brinca o neto do pintor (um miúdo de quatro anos), vêem-se flores. É uma casa espaçosa, a sua, metida num jardim, à beira do rio Douro que naquele troço do seu percurso é estreito, nem parece um rio (de verdade) que se precipita no Atlântico escassos quilómetros depois. Do atelier de Júlio Resende não se avista o rio. É um espaço muito dele, chão de tijoleira, janelas rasgadas, baixíssimas, quase ao nível do solo. Estruturas metálicas, cavaletes e quadros, discos (**gosto de música: um gosto que se estende de Mozart, Bach, Vivaldi... a Leo Ferré e Piaff**, livros de pintura, um retrato de Cezanne — um despojamento de adornos e uma certa desordem que indica ser aquele espaço habitado constantemente.

Esquecia-me de mencionar um desenho, a lápis, que retrata o neto.**Os riscos que surgem por cima do desenho foram feitos pelo meu neto. Ele quer ser pintor como eu... deixo-o fazer tudo. A minha filha, mãe do rapaz, também é pintora. Diferente de mim? Sim, claro... será um pouco surrealista. Ultimamente pinta pouco, sobretudo desde que casou na Alemanha.**

Entretanto entra no atelier a mulher de Júlio Resende, pedindo-nos desculpa pela interrupção. Vinha trazer-nos café. Conheceram-se na Escola de Belas-Artes do Porto, onde cursavam pintura, nos anos quarenta. *«Após o curso passei por uma fase que os críticos classificam de neo-realista e depois fui a Paris com uma bolsa da Gulbenkian. Na época do pós-guerra, tempo difícil, marcado por uma grande desolação. Recordo-me de ter encontrado, num trajecto que fiz de bicicleta na Bretanha com um pintor francês, cidades destruídas pelos bombardeamentos. Partimos de S. Michelle, confluência da Normandia com a Bretanha para Pont-Aven, sítio onde havia muitos pintores impressionistas. Foi um passeio maravilhoso... parávamos nas praias todas e comíamos com os pescadores.»*

Júlio Resende é do tipo que não se conforma com a monotomia. Revela-o a sua apetência pela viagem, a descoberta, o imprevisto, *«A pintura é isso. Ir procurar algo que não está definido à partida. Gosto de viajar de avião porque vejo as coisas de cima, numa outra escala. Só assim damos conta de como somos pequeninos e de que há um universo tão espelêndio. Porque teremos de nos zangar uns com os outros? Deveríamos, antes entendermo-nos todos.»* Diz com um sorriso tão desconcertante pelo que contém de humildade, tolerância e ternura. É um homem que não se impõe pela eloquência, pelo encanto envolvente. Entra-nos sem darmos por isso, deixando-nos uma recordação perene como o cheiro de um perfume suave mas de intensidade durável.

Homem

Deve ser um professor espantoso porque não tem nada de professor. Ensina na Escola de Belas-Artes do Porto, a que se refere com insistência, denunciando amor pelo que faz. *«Queria abandonar a Escola mas não consigo. Gosto de estar com os alunos e descobrir coisas através deles... Um orientador de uma actividade artística tem de se colocar no lugar do jovem à procura de uma expressão. Para mim, ser professor é como se tivesse a trabalhar no atelier à busca...»*

A um pedido meu para falar de si retrai-se e volta a falar da Escola. *«Gosto pouco de falar de mim. Tudo em que me tenho metido na vida foi um grupo. Na Escola criámos um serviço à comunidade que integra professores e alunos. Montámos exposições e abrimos um diálogo com as pessoas que se manifestam extremamente receptivas. Confessam as suas impressões de uma maneira natural, depoimentos que, depois, recolhemos em fita magnética e em video.»*

Qual a finalidade desse trabalho?

Pretendemos mostrar às pessoas que as manifestações artísticas são próprias do homem e que a arte é sempre um sinal de renovamento, de ascensão, de inconformismo. Um quadro não serve apenas para se pendurar na sala... é muito mais do que isso. Como vê sou um idealista, ainda acredito no homem. Já podia estar retirado, tranquilo mas preciso de dialogar com os outros.» O homem, o homem — a sua preocupação maior, o seu tema de sempre. É o que prevalece na sua pintura, o que o seu olhar agarra quando investiga a realidade.

Na política tem dificuldade em encontrar o *homem* (tal como o entende) e, por isso, encara-a com reserva. Porque restringe, limita o homem. Amortece-lhe os ímpetos, refreia-lhe os impulsos. *«O homem está na base da política mas depois é traído. Antes de tudo a política devia encaminhá-lo para a consciência do valor que ele é, a fim de que como indivíduo possa actuar no colectivo.»* Faz uma pausa e continua: *«... para um artista não há nada finito. Ainda que venha um cientista dizer: isto acaba aqui... o artista desconfia sempre um pouco.»*

Chama à nossa presença os pintores que corroboram na sua concepção de pintura. Um Picasso porque *«reformulou todos os dados»*; um Goya pelo que

mos porquê ?

Pintura, 1961 (34×46 cm)

tem de comum consigo — a estrutura geométrica que ambos desfazem para que não se perceba. *«É o construir e destruir. O instinto, por si só, não é nada, tem de haver uma estrutura a sustetá-lo. Sobre ele paira um sentimento que camufla toda essa estrutura. No pós-impressionismo perdeu-se a estrutura... depois veio outra vez o número, a necessidade de organização. Entre dois polos (o racionalismo e o instinto), situa-se a arte.»*

Alguém disse, concretamente Fernando Pernes, que os quadros de Júlio Resende *«cresceram por sendas da sabedoria onde a maturidade oficial desocultou exigências existenciais de catarse redentora»* Aluno de Othon Friez que foi companheiro de Durfy e Braque. Com ele aprendeu a disciplina do cubismo e talvez a sabedoria das cores. As horas, que demorou a copiar os mestres do Louvre facultaram-lhe um treino excepcional de mão. Contudo, se quisermos detectar referências, de outros artistas, na pintura de Júlio Resende teremos que nos deter em Permeke, um expressionista flamengo. *«Ainda que tivesse estado em Paris quando se vivia a euforia da arte asbracta mantive-me figurativo».*

Citando, de novo, Fernando Pernes: *«Resende retrata o povo sofrido que somos».* E o povo porquê? *«É no seu seio que deparamos com as pessoas mais transparentes»*, elucida o pintor. O sociológico e o poético entrelaçam-se na sua obra, qualquer deles sem excesso. Desvenda-nos um povo estranho, seja camponês no Alentejo, pescador do litoral nortenho, mendigo no Porto, sargaceiro na Póvoa, que nos incomoda, nos acusa.

A sua pintura tem uma feição verdadeiramente nacional. **Tento exprimir mais a alma do que aquilo que se vê...** Esclarece. Não obstante ser uma pintura europeia, por experiência e método, está impregnada de portuguesismo. Reflecte exactamente isso: a alma portuguesa. Teve uma oportunidade de mostrar, em pleno, esse aspecto que se malogrou por culpa do regime. Júlio Resende fora convidado para colaborar no projecto «Mar Novo» de Belém, dos arquitectos João Andersen e Barata Feio (cabendo-lhe a decoração da cripta do monumento) e já tinha todo o plano concebido. Do conjunto de figuras, com algo de charneca alentejana e de mar, irradiava um fulgor épico. Desse mundo de trevas sobressaía o fantasma do Infante de Sagres, com a auréola do mito.

Não sendo um pintor meridional (da claridade aberta, dos azuis luminosos, dos sóis ardentes), Júlio Resende, está amarrado por laços profundos ao Alentejo, onde viveu dois anos após a vinda de Paris. Foi professor em Viana do Alentejo, onde nem sequer havia luz eléctrica e água canalizada. **A minha fase do Alentejo foi condicionada porque eu estava metido num esquema. As cores cingiam-se a um compromisso de forma e, por isso, resultavam monocórdicas. Sinto, no entanto, uma enorme vontade de voltar ao Alentejo... de pintar o Alentejo. Faria um Alentejo diferente, com o homem talvez mais no interior, mais dentro da paisagem. Houve evolução social e política no Alentejo e pressinto que seria interessante, para mim, ir lá.... e pintar.**

Como define a gente alentejana?

Achei que era dotada de uma inteligência poética. Basta ver a maneira como canta, o corte de frases, a economia de meios, os utensílios que usa, a pose do corpo... Está ligada com a paisagem onde a vista alcança tudo. Até eu me ressenti de toda aquela rigidez. Só, no regresso ao Norte, ao contactar com o homem do mar, perdi a tendência para a linha recta. É então que a linha de curva começa a dominar o meu traço.

Júlio Resende é, deveras, filho do Norte. De um Porto, **cidade sem paralelo** que respira exaltação e, por isso **está vacinada contra os dogmatismos.** Descreve-a: **Sendo rude é feita de subtilezas como a mulher da Ribeira que esconde, atrás do palavreado mais grosseiro, qualquer coisa de muito delicado.**

Foi ao Brasil e voltou. Tornou a ir e gostou. Sobretudo do Nordeste que inundou de luz a sua pintura, lhe introduziu pássaros, a coloriu de tons fortes, num desafio à severidade anterior. **Os homens da Cachoeira, em vez de trazerem cães, trazem pássaros em gaiolas que levam para toda a parte... Pássaros lindíssimos.** Entusiasmou-se com o Nordeste, ali encontrou motivos de inspiração. **Homens que vivem numa extrema angústia, com temperamentos na aparência passivos. Vou lá sempre que posso: sou uma pessoa que necessita de mudança de ambiente para estar atento e alerta.**

Outra vez, a natureza, com quem o homem deve estar em sintonia. Senão é o inferno. **No Japão, onde estive com a companhia do Carlos Avilez, permanece ainda essa harmonia, apesar da evolução técnica.**

No nosso país vivemos momentos perigosos. Vai-nos custar caro este afastamento da natureza. Vejo, por exemplo, na Alemanha, tentativas de repor as coisas no seu devido lugar... o que não sucede aqui. Júlio Resende aprecia a cerâmica, ele mesmo a faz. **É uma expressão alegre... mas também gosto de tapeçaria onde gostaria de inovar qualquer coisa. Tenho tantos projectos que não sei se vou ter tempo de os realizar.**

Há musicalidade na sua voz, alegria no sorriso. Aparenta ser um homem feliz. Mas não é. Possue, como a garota de um desenho seu, **a desesperante e resignada melancolia, à portuguesa.** É ao quadro que vi no seu «atelier», com uma criança a pegar em flores ou ervas, **tanto faz,** que Eugénio de Andrade se reporta.

Algum dia saberemos porquê? pergunta o poeta, a propósito da melancolia à **portuguesa.** ■

enuidade não é uma virtude

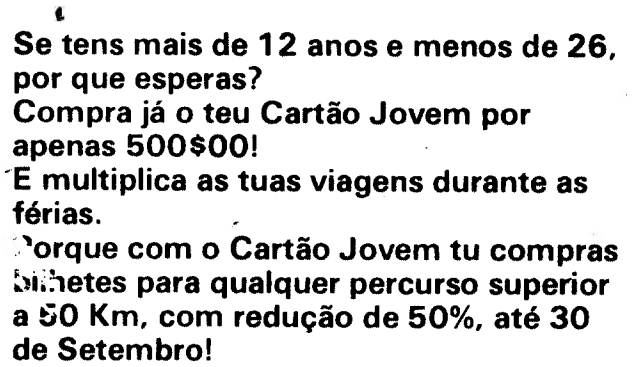
CARTÃO jovem

POR 500$00
MAIS DE 50 km
SÃO MENOS 50%

Se tens mais de 12 anos e menos de 26, por que esperas?
Compra já o teu Cartão Jovem por apenas 500$00!
E multiplica as tuas viagens durante as férias.
Porque com o Cartão Jovem tu compras bilhetes para qualquer percurso superior a 50 Km, com redução de 50%, até 30 de Setembro!
E viajas em qualquer comboio, à excepção dos rápidos, internacionais e tranvias.

APROVEITA AS TUAS FÉRIAS AO MÁXIMO.
APROVEITA AO MÁXIMO O TEU *CARTÃO JOVEM*

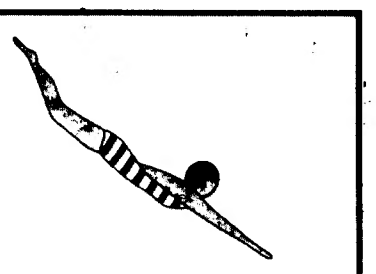
VÁLIDO ATÉ 30 DE SETEMBRO!
INFORMA-TE JÁ NA ESTAÇÃO MAIS PRÓXIMA



CP

Comboio, a opção inteligente

CP/Design



NÃO dê saltos em locais que desconhece

Sociedade

Alone

Ou como andar mal acompanhado sem ser cineasta americano

Manuel Carvalheiro

SEMPRE PREFERIA QUE O Óscar para o melhor cartaz secundário fosse dado a Judite Cília do que ter uma assinatura consular do cineasta Paulo Rocha. Poderia continuar com asserções deste género, como aquelas que produzi nos precedentes artigos desta série, que com este agora encerro, como sejam os artigos *«Take it easy» ou o que me ensinou o cinema americano* e *«Get away» ou o que não me ensinou o cinema americano*. Mas não. Opto antes por um clímax menos pirotecnicamente verbal, sob pena de perder mais alguns simpáticos adversários. Isto é: quem não entendeu a tese francesa, para só entender a antítese americana, não entenderá a síntese portuguesa.

É mais estúpido ter-se um estilo de vida antiamericano, para se ser americanista na ideologia dos filmes a fabricar em Portugal, do que ser-se antiamericano na ideologia e partilhar-se do estilo de vida estado-unidense.

Marx gostava de Balzac, tinha pó a Zola e, praticamente, desconhecia Stendhal. No entanto, só as marquesas choravam pela «Mulher de trinta anos», os operários admiravam «Germinal» e os burgueses perseguiam «A vida de Napoleão». Lenine detestava Maiakovsky, mas suportava David Wark Griffith. E Estaline remontava os filmes de Eisentein, sendo admirador das comédias de Frank Capra. O cinema português no mundo é ter-se em vinte e cinco anos três filmes em competição no Festival de Cannes: «Rapsódia Portuguesa» de Mendes em 1958, «A Promessa» de Macedo em 1973 e «Ilha dos Amores» de Rocha em 1982. Moral da história: a luz antes de ser reconhecida como tal sempre passou por confusão. Os partidários da vela de estearina combateram a luz eléctrica por dar choque e assim se queimarem. Os amigos da electricidade lutam contra a energia atómica por contaminar e morrem à fome por não pagarem as contas. Um crítico de cinema com frio nos pés e neblina na cabeça sempre passa por anticonfusionista num país com sol todo o ano, mas esquece-se que as nossas salas de projecção no Inverno são das mais frias, precisamente por falta de aquecimento. Marx tinha razão quando para fugir a um russo maluco quis mudar a Internacional para Nova Iorque. Lá porque Eisenstein, o soviético com génio a mais e muita saudade da viagem que fizera aos Estados Unidos nos anos trinta, **detestasse** os guiões com os seus planos cinematográficos numerados, que ele comparava aos números nos pés dos cadáveres na morgue de Nova Iorque, não quer dizer que isso que ele dizia no final do cinema mudo continue hoje ainda válido, embora a maioria das questões cinedramatúrgicas por ele levantadas sejam de perfeita actualidade. A melhor escola para diálogos de filmes é até aquela de passar um ou dois anos a ler peças de Shakespeare, Tchecov, Ésquilo, Ibsen, etc. É bom evitar o mais possível que cada sequência com diálogos tenha mais do que seis tiradas para cada personagem. E que essa sequência tenha mais do que dois personagens importantes em conflito dramático. Outra fórmula, certamente, mas que nunca é vista bem aplicada no cinema português. Mas Buñuel, por exemplo, detestava os dialoguistas. Para ele o cinema devia utilizar o diálogo da seguinte maneira: uma prostituta vai a uma farmácia à procura de comprimidos; na vila, os mineiros estão em greve, pelo que entra nesse momento nela um destacamento de soldados; diz a prostituta para o farmacêutico: «Trinta comprimidos!». Tal utilização do diálogo mais não faz do que sublinhar uma declaração de Jean Cocteau, que eu vi ontem projectada em diapositivo durante um intervalo do cinema S. Jorge em Lisboa: «O cinema é a arte de escrever em imagens».

Em qualquer país do mundo onde haja, pequena ou grande, uma cinematografia desenvolvida, escreve-se um guião em cerca de mês e meio, em geral a dois, o cineasta-argumentista e o dialoguista, que trocam conversas diárias, por vezes até pelo telefone (daí o vício de Otto Preminger, que era conhecido por passar horas ao telefone), onde discutem contradições entre os personagens, ideias visuais — a que os americanos chamam *gimmicks* — sobre situações para esses mesmos personagens (que entretanto tenham surgido durante uma noite de insónias), aspectos pretenciosos no diálogo, etc., etc. É habitual o guião, ou roteiro, ou planificação, ter entre cem e cento e vinte páginas e há quem os reescreva cinco vezes antes de passar à forma definitiva, sem contar, claro está, com as alterações e cortes durante as filmagens, na fase final da montagem e, por vezes, após a primeira semana de exibição da fita no circuito comercial. Também é bastante útil lerem-se guiões de filmes, entretanto realizados, mas nunca vistos. De resto, é uma forma de nos assenhorearmos da técnica Visualidade-/Diálogos, «vermos» o filme através do guião, agora muito em moda ser publicado, tal como uma peça que lemos sem termos visto a respectiva encenação. Um guião está mais ou menos dividido em setenta e cinco sequências para filme de cento e cinco minutos. Essas sequências podem ser filmadas em interiores ou em exteriores e de dia ou de noite. Assaltos ao Instituto Português de Cinema já têm ocorrido, conforme notícias distribuídas aos jornais pela Judiciária: INTERIOR/NOITE/I.P.C., seria o título a colocar por cima da sequência, tal como a cena 4 do 2.º acto de uma peça medíocre do Parque Mayer. Existe uma fórmula que, mesmo essa, apesar de primária, raramente é usada hoje no pouco cinema português de ficção que se faz, que é conservar os diálogos entre os personagens para as sequências em interiores e guardar a visualidade das cenas mudas para exteriores. Não cansar o espectador e guardar-lhe o élan até ao final do filme raramente é conseguido em qualquer filme português.

E, no entanto, a realidade que circunda o escritor de cinema nesta terra de Camões, Bocage e Pessoa é muitíssimo rica em achados visuais, a reter quando se quer construir uma história para um filme. Numa exposição do exército, recentemente, havia uma tanque de guerra enorme. Lá dentro, entre periscópios e metralhadoras, uma sequência poder-se-ia estabelecer. Noutro dia, pela serra de Sintra, um carrocel perdido, algures. Que melhor símbolo de uma sequência visualmente movimentada? É evidente que só depois veio à ideia de Lee Marvins fazer de parteira dentro de um tanque, num filme de Fuller, com preservativos nos dedos a substituir as luvas médicas necessárias ao parto. Claro que mais tarde se pode recordar aquela célebre cena do carrocel no filme que Hitchcock fez com Chandler em 1950. O cinema americano, lá por estar em todas, não nos deve atrapalhar.

Passemos ao lado sem complexos, porque mais grave é pensar nas sequências americanas e depois construir as nossas portuguesmente, o que dá uma barraca enorme de feira pobretana. Como cineasta nesta terra é necessária a ocupação de uma parte do tempo como escritor de cinema, para utilizar a fórmula feliz daquele funcionário da Cinemateca Portuguesa que trocou as correntes alternadas da engenharia electrotécnica pela química da conservação de cópias, neste país de miséria artística mascarada em arrogância burocrática. São poucos os cineastas portugueses que sabem construir uma história para um filme. Um filme nunca poderá ser, pelo menos, aceitável, se o guião não o for. Normalmente, o cineasta português apresenta uma sinopse entre três e cinco páginas ao Instituto Português de Cinema, para obter, quando obtém subsídio. E quando o obtém, é que vai escrever o quião. Escreve uns diálogos e depois chama um escritor vizinho no prédio, ou com quem toma habitualmente café, para continuar a tarefa. Em geral, esse escritor, por prestigiado que seja, nunca escreveu uma história para filme. Saem então uns diálogos rebuscados e a total incompreensão do que representa a visualidade no cinema, em que os actores mostram-se mais por aquilo que dizem do que pelo que fazem. Também tem outro esquema de levar um livro de sucesso para o júri de atribuição de subsídios, constituído com aquele sentido arbitrário dos júris dos festivais de canção mais cretinizantes, esquema que o cineasta antiaventureiro como é o lusitano, pese a fórmula contrária de Luís de Pina no seu livro, evocação do célebre títulos de um dos artigos mais famosos de Glauber Rocha, «O cinema novo e a aventura de criação», esquema esse que o cineasta português actualmente adopta por demasia.

O cinema português é tido como dos mais lentos do mundo. E também daqueles onde mais se fala. Falta-lhe, normalmente, visualidade e acção. A um cinema de anestesia típico da época salazarista, sucedeu uma cinema literário de dormir de pé. Procurar o estilo, desligando-se do público, é tão pedante como descer ao nível do espectador mais iletrado, sem estilo. Na fase actual, nove anos depois do derrube do fascismo, encontramo-nos na seguinte situação (aqui ponho um bocadinho de água do Luso no copo e bebo: arroto e poiso-o): por um lado, o sucesso de público interno para «Kilas, o mau da fita», de Fonseca e Costa, mas sem apoio da crítica e do público internacionais; por outro, «Francisca», de Manoel de Oliveira, com um sucesso de crítica internacional mas sem correspondente sucesso público. Não há portanto, ainda, um único cineasta com um único filme português que tenha tido simultaneamente um sucesso de crítica e de público tanto interna como externamente, se tivermos em conta que um filme como «O Cerco», de Cunha Telles, ou «Manhã Submersa», de Lauro António, ficaram a meio caminho. Por isso compreendo Manoel de Oliveira, que parece não ser um partidário nem da vela de estearina, nem da electricidade, nem da energia atómica, mas muito simplesmente do fogo provocado pela fricção de duas pedras lascadas. Coitada da energia solar, sem partidários neste país de sol. Pelo que me cabe, o petróleo é ainda uma grande arma. Como disse Francis Ford Coppola há dois anos em Madrid: «— Nunca vi nenhum filme português, mas gostava de ver». ■

Limbos

Ainda Luís Buñuel

Um demónio do surrealismo

Jacques Sicher

LUIS Buñuel morreu no dia 29 de Julho no hospital inglês da Cidade do México. Tinha oitenta e três anos. Hospitalizado uma semana antes por insuficiência hepática, renal e cardíaca, o cineasta sucumbiu a uma paragem do coração. Luis Buñuel, naturalizado americano em 1950, não trabalhava desde 1977 quando fez *Cet Obscur Objet du Désir*. Em 1981, o público parisiense redescobria com entusiasmo *l'Age d'Or*. Uma última mensagem surrealista chegaria até nós através do livro *Mon Dernier Soupir*, que escreveu com Claude Carrière.

No dia 3 de Dezembro de 1930, representantes da Liga dos Patriotas e da Liga Antijudia tomavam de assalto uma sala de cinema de Montmartre, o Studio 28, onde era projectado o filme de Luís Buñuel *l'Age d'or*. Destruiram telas de Dali, Miró e Max Ernst, expostas no «hall» de entrada; deitaram bombas de fumo na sala e tinta no «écran». A Imprensa de direita desencadeou-se depois contra o filme, que foi proibido no dia 11 de Dezembro. Todas as cópias de *l'Age d'or* foram então apreendidas.

Aos trinta anos, Luís Buñuel, espanhol radicado em Paris desde 1925 (1), entra na história do cinema através de um escândalo, e esse escândalo não tem um mero valor anedótico. Nessa época o cinema provocara muitas vezes manifestações anedótico. Nessa época o cinema provocava muitas vezes manifestações tempestuosas. Mas *l'Age d'Or* não tem nada a ver com as audácias estéticas da «vanguarda francesa» do fim do mudo, nem com *Le Sang d'un Poète* de Cocteau, que é seu contemporânio. *L'age d'Or* é um filme de agitação, um filme revolucionário tanto pela sua linguagem como pelo seu espírito de contestação social.

Depois de 1925, Buñuel ligou-se ao grupo surrealista. Ele fora assistente do realizador Jean Epstein. Em 1929 realizou, com argumento de Salvador Dali — outro jovem espanhol —, uma cruta metragem, *Un Chien Andalou*, aplicação ao cinema da escrita automática, tão cara aos surrealistas.

Associação de imagens tiradas do subconsciente: uma navalha de barba corta um olho em duas partes, um homem avança para uma mulher arrastando um rolha, um melão, dois frades das escolas cristãs e dois pianos de cauda sobre os quais se encontram dois burros mortos.

Un Chien Andalou não causou escândalo e Buñuel constatou na *Revolution Surrealiste: Que posso fazer contra os adeptos fervorosos de qualquer novidade, mesmo que essa novidade ultraje as suas convicções mais profundas, contra uma Imprensa vendida ou insincera, contra essa multidão imbecil, que achou belo e poético o que ao fim e ao cabo não passa de um acto desesperado, uma apaixonada incitação ao assassínio?*

Ora *Un Chien Andalou* era um esboço dessa *Age d'Or*, longa metragem depois realisada por Buñuel graças a um mecenas, o visconde de Noailles, que também foi o mecenas de ■ ☆ æ§ T'₇ æ π₉₃₅₃– Dali, que primeiro participara em **l'Age d'Or** afastar-se-ia durante as filmagens. E *l'Age d'Or* é o verdadeiro nascimento de Buñuel cineasta.

Encontram-se nele todos os seus temas: o amor louco, a revolta, o ateísmo, as forças opressivas, o exército, a religião, a política. Já com essa linguagem narrativa que associa, através do choque poético das imagens, objectos, personagens sempre realistas, concretos, mas aproximados como o guarda-chuva e a máquina de costura sobre a mesa de dissecação de que fala Lautréament.

L' Age d'Or começa por um documentário sobre os costumes dos escorpiões e termina com uma sequência inspirada nos *Cento e Vinte Dias de Sodoma* do marquês de Sade. Buñuel mostra um homem e uma mulher (Gaston Modot e Lya Lys) que tentam amar-se, unir-se contra as forças da ordem social. Ele axalta o amor, forma individual da contestação, destrói as mitologias burguesas através da ironia, o ridículo, a constatação de situações reveladoras.

Assim, os convidados de uma recepção burguesa não se impressonam quando rebenta um incêndio na copa, nem quando passa pela sala uma carroça puxada por cavalo e cheia de operários; começam a emocionar-se quando o guarda florestal mata o filho com um tiro de espingarda (mas a criança atentara contra autoridade paterna!); só reagem quando Gaston Modot esbofeteia uma velha ou quando o amor interdito se manifesta.

Ter-se-ia perdoado a Buñuel uma linguagem cinematográfica afastada da narração romanesca ou do teatro psicológico. Era a *novidade*. Não se lhe perdoa este ataque à ética burguesa que é a estrutura da sociedade.

Uma disciplina a seguir

O Buñuel todo inteiro saiu de **l'Ade d'or,** mas se os historiadores e os críticos já o sabem antes de 1981, quantos espectadores puderam ver esse filme interdito, ocultado, maldito? Filme genial e totalmente revolucionário que explica até mesmo o **Fantôme de la liberté,** a última obra de um homem que toda a sua vida se manteve fiel às suas ideias, às suas paixões, às suas lutas, à sua atitude de desafio surrealista.

Foi o surrealismo que me revelou que há na vida um senso moral que o homem não pode dispensar-se de tomar, dizia Buñuel a André Bazin em 1954. **Através dele descobri pela primeira vez que o homem não era livre. Acreditava na liberdade total do homem mas vi no surrealismo uma disciplina a seguir. Foi uma grande lição na minha vida e também um grande passo maravilhoso e poético.**

Em 1932 vai realizar em Espanha — uma Espanha onde a República tenta instalar-se, num clima de crises e de conflitos — uma curta metragem documental sobre a população particularmente deserdade da região dos Hurdos, isolada nas montanhas. **Os Hurdos «ensaio de geografia humana»**, é o processo-verbal de uma realidade de pesadelo, resultado de uma mecânica opressiva da sociedade. Miséria e decomposição de uma colectividade. O único luxo é o das igrejas.

De regresso a Paris Buñuel trabalha em dobragens durante dois anos. Depois volta a Espanha. Produtor de filmes coloca-se, durante a guerra civil, ao serviço do Governo republicano, que o envia em missão especial a Paris, e dpois em 1938, aos Estados Unidos. Limitar-se-á a ganhar aí a sua vida. Em 1946 vai ao México e encontra Denise Tual com a qual forma o projecto — sem dia seguinte — de uma adaptação cinematográfica da **Casa de Bernarda Alba,** de Federico Garcia Lorca. Faz depois, para o produtor Óscar Dancigers, e segundo as convenções do cinema comercial mexicano **Gran Casino** e **El gran calavera.** Um fracasso, um grande sucesso. Mas Buñuel vai tornar-se um cineasta de renome internacional com o terceiro filme produzido por Dancigers, **Los Olvidados,** que, apresentado no Festival de Cannes de 1951, lhe vale um regresso triunfal.

Há vinte anos que Buñuel se tornara uma legenda. A sua obra — **Un chein andalou, l'Age d'or, os Hurdos** — já fazia parte das histórias do cinema. Depois é outra geração que o descobre. Começa então uma carreira repartida entre o México, a França e a Espanha, uma carreira que não se pode cortar em fatias porque ela traduz, até ao fim, uma notável continuidade. Também não se pode falar de filmes «maiores» ou «menores», mesmo que, em mais de vinte anos, alguns filmes-farol tenham uma luz deslumbrante. Há o cinema de Buñuel, fora das modas, dos progressos técnicos, da noção de modernidade que muda de cinco em cinco anos.

Um cinema perfeitamente coerente. Até ao fim.

A partir de **Los Olvidados,**

filme sobre a infância abandonada e a delinquência juvenil das periferias urbanas (não uma tese social mas uma constatação violenta e terna), a celebridade deu a Buñuel a sua liberdade de criação. Claro que no México, como em qualquer outro país, havia que ter em conta as realidades do cinema comercial. A liberdade de criação de um cineasta é relativa em relação aos sistemas de produção, e só o mecenato tornou **l'Age d'or** possível. Mas, embora trabalhando entre 1950 e 1955 nas convenções romanescas e melodramáticas do cinema mexicano, Buñuel nunca faz batota. Não está, nunca estará, na sua maneira de ser. Buñuel nunca se exprime em «oblíquo». Durante uma narrativa, as imagens que correspondem às aus obcessões — às suas preocupações — pessoais, correm-lhe naturalmente. O humor também é nele um estado natural. E se utiliza o sonho como figura narrativa, não o faz para significar a realidade do inconsciente.

Pudemos divertir-nos a decifrar — filigrana do autor — imagens surrealistas em **Suzanna a perversa, a Subida ao céu, El Bruto, Robinson Crusoé, El, a Vida Criminosa de Arquibaldo de la Cruz.** Na verdade elas eram completamente claras. Opolas-íamos de boa vontade às investigações infinitamente elaboradas do cinema de fantasmas, que surgiu nos anos 70, depois das obras de Fellini. Em Buñuel o irracional, a poesia, são sempre sem artifícios.

Em 1955 Buñuel realiza em França **Cela s'appelle l'aurore,** segundo um romance de Emmanuel Roblès onde o amor louco de Georges Marchal e de Lúcia Bosé, iluminado por uma imensa ternura, vive por entre os constrangimentos de uma sociedade cujas estruturas não mudaram. Em 1956 é **la Mort dans ce jardin,** produção franco-mexicana, em que, a propósito de um passeio pela floresta que conduz à morte, se afirma a falência da fé cristã. Em 1958 é **Nazarin,** filme mexicano, bomba no Festival de Cannes de 1959, que dá lugar a uma verdadeiro delírio de interpretação. Buñuel conta em **Nazarin,** com humor negro, a história de um pobre padre do México que resolve viver o Evangelho pelas estradas e cujo ideal de caridade, amor e pobreza fracassa perante as realidades da existência. Parábola da vida de Cristo, «conversão» de Buñuel ascendendo enfim à espiritualidade...

Nazarin foi proposto para o prémio do **office catholique du cinema**. Mas Buñuel não pode ser recuperado tão facilmente e, dois anos mais tarde, **Viridiana** dissiparia todas as ilusões.

Depois de **La fièvre monte à el Pao, o seu filme mais directamente político, em que Gérard Philippe teve o seu último papel, depois de La Jeune Fille**, poema erótico e anti-racista, Buñuel vai realizar em 1961, **Viridiana**, em Espanha, onde nunca mais pusera os pés desde a guerra civil. Encontro explosivo e próprio para dissipar toda e qualquer ambiguidade. Buñuel não faz qualquer concessão à censura franquista. Irmã espanhola de **Nazarin**, o mexicano, a noviça **Viridiana** renuncia ao convento depois de ter sofrido uma tentativa de violação e dedica-se aos pobres que reúne na sua propriedade. Mas a miséria e o sofrimento respondem à caridade evangélica com permanentes agressões. Porque as boas intenções não podem reduzir, curar a injustiça social, e a moral religiosa mal compreendida só abafa a liberdade. **Viridiana** é um filme de fogo e de revolta, em que se jogam os jogos de um erotismo desviado do seu curso natural, em que a caridade idealista e o paternalismo social são comparados onde a coroa de espinhos é entregue às chamas, onde uma orgia de mendigos se transforma numa paródia atroz da Ceia. Apresentada no Festival de Canes de 1961, sob a bandeira espanhola, **Viridiana** ganha a Palma de Ouro e atrai a si as iras do «Osservatore romano», órgão oficial da Imprensa do Vaticano, da censura franquista, aterrorizada, e, através da censura diplomática, da censura francesa, que retarda a exibição do filme em Paris. Escândalo tão grande como o de **L' Age d'or** mas que não abafa a carreira dessa obra sombria, cruel, libertadora, em que se encontra do novo o Buñuel todo inteiro.

Depois de **Viridiana** Buñuel é aceite tal como é e será sempre, mais jovem do que nunca passados os sessenta anos, e mais do que nunca capaz de espantar visto o seu filme segunte, **O Anjo extreminador** (filmado no México) ainda levantar, numa fábula misteriosa, o debate sobre a liberdade do homem. Enigma sem solução, fábula sem moral, lógica da imaginação e do sonho que entra na realidade prosaica. Em Buñuel o surrealismo é sempre a força viva.

A velhice de Buñuel será pois a de um criador que já ninguém contesta, que se sabe que nunca será dominado, àcerca do qual as as exegeses deixarão, a pouco e pouco, de ser contraditórias. De um criador que nunca será recuperado nem pela direita nem pela esquerda. **O diário de uma criada de quarto** (França, 1963), **Simão do deserto** (México, 1965), **Belle de Jour** (França, 1966), **A Via Láctea** (França 1969) retomam, orquestram, as preocupações de um humanismo materialista fiel a si próprio. Se Buñuel já não causa escândalo, isso não acontece porque ele tenha, como um velho leão, perdido a força nas garras, mas sim porque a civilização moderna vive o escândalo como um estado permanente, e já não há sacudidelas suficientemente fortes para que ela se emocione.

Em 1970 Buñuel filma em Espanha, **Tristana**, o seu verdaeiro testamento ético e artístico. É o filme onde melhor transparece o carácter espanhol, a educação espanhola, a cultura espanhola deste cineasta, que, no entanto, pertence antes de mais ao cinema. As últimas obras «francesas»: **Le Charme discret de la Bourgeoisie** e **Le Fantôme de la Liberté**, são antologias como, de resto, desejaria fazê-las qualquer autopr de filmes terminando a vida em criação. Finalmente **Cet obscur objet du desir**, em 1977, o seu último trabalho, adapta **La femme et le pantin** de Pierre Louis. Em alguns aspectos o filme parece continuar a meditação de **Tristana**. Fernando Rey, que irterpreta o principal papel, concorre para essa ilusão. O cineasta abandona-se à sua subjectividade, faz «mezzo voce» a confissão do velho.

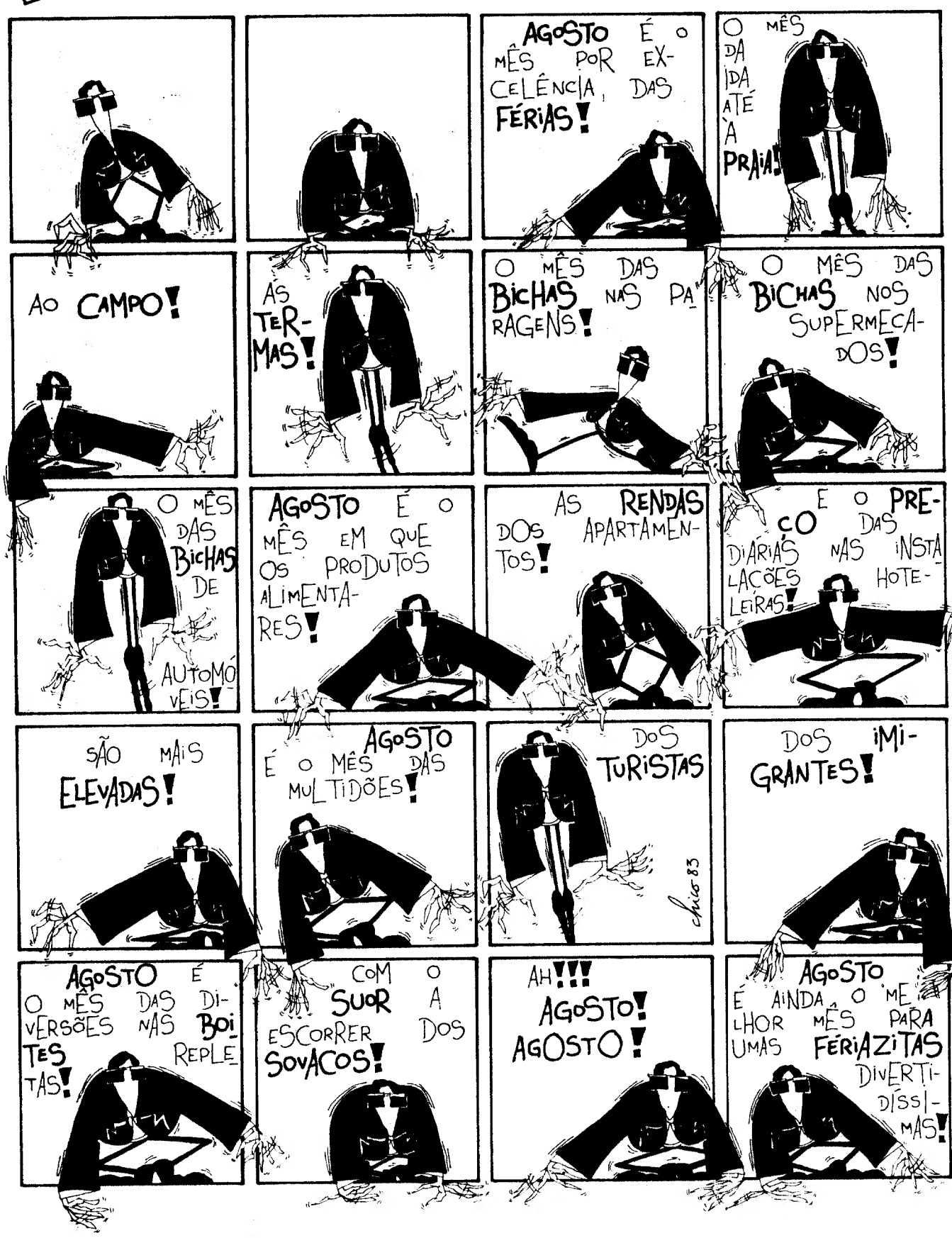
Não se pode classificar Buñuel. Ele é único e não é cómodo. Talvez nunca tenha havido no cinema mundial um cineasta que tenha manifestado uma tão poderosa unidade de inspiração, que nunca tenha traído, como ele, as suas convicções. A fidelidade ao espírito do surrealismo é sem dúvida uma explicação. Mas não a única, Buñuel viveu, como toda a gente, as crises, as angústias, as revoltas, as transformações da sua época. Fundamentalmente não mudou. Ele conservou até ao fim a sua concepção do homem, do amor e da liberdade. Prosseguiuafe ao fim a crítica radical dos valores e das estruturas da sociedade burguesa. Quanto muito o grito de **L'Age d'or** que ecoou até **Viridiana** deu lugar à ironia um pouco mais amarga que marca os «disparates» surrealistas do **Fantôme de la Liberté**.

Mas não era uma renúncia. Se Bunüel não fez estremecer o mundo burguês, a verdade é que desvelou, como ninguém, as grandes mistificações sociais, religiosas e filosóficas, reivindicando a liberdade e a verdade que, nele, não eram ideias abstractas.

(1) Tendo terminado, aos dezasseis anos, o curso do Liceu em Madrid, onde o pai queria que ele se tornasse engenheiro agrónomo, Buñuel fugiu em 1924 do regime de Primo de Rive... ■

Sete Ponto Sete

doces crónicas



Cancro do pulmão : menos mortes nas operações

A aplicação de fórmulas matemáticas e o emprego de computadores reduziram para metade as mortes por insuficiência cardiovascular nas operações ao cancro no pulmão.

Um cirurgião e um matemático da cidade alemã federal de Bremen descobriram uma fórmula que permite calcular matematicamente o risco destas operações que, em muitos casos, são a única esperança de cura para o cancro no pulmão, a espécie de cancro de que maior número de pessoas sofre na Alemanha Federal: 20 a 25 mil.

Desta forma, é possível evitar operações sem probabilidade de sobrevivência, operando apenas pessoas em condições de resistir.

O prognóstico de êxitos tem acertado em 99 por cento dos casos, desde que os especialistas de Bremen começaram a aplicar a fórmula: isto é, a média de mortes por insuficiência cardiopulmonar na sequência de intervenções passou de 50 para 1 por cento.

Na descoberta desta fórmula foram tidos em conta oito valores da função cardiopulmonar, nomeadamente a insuficiência cardíaca, tendo-se ultilizado os dados de 360 pacientes para determinar o factor de risco.

Esta descoberta permite aos médicos saber se o paciente corre riscos mortais no caso de ser necessário extirpar maior dose de tecido do que o inicialmente previsto, o que muitas vezes só se pode saber depois de começar a operação.

Na Europa Central, o número de pessoas que sofrem de cancro no pulmão aumentou cerca de 85 por cento■

Locutora de TV ganha processo anti-sexista

Uma locutora de televiaão obteve ontem 500 mil dólares (cerca de 60 mil contos de indemnização por perdas e danos do seu antigo patrão que lhe retirara o seu tempo de antena dizendo-lhe que era «demasiado velha, pouco sedutora e que não tinha bastante respeito pelos homens».

O director da emissora também lhe explicou, sem grandes modos, que em Kansas City apreciava-se «as coisinhas tenrinhas e calorosas».

Os jurados de Kansas City (Missouri), consideraram que a «KMBC-TV» a emissora dessa cidade, que empregava Christine Craft, de 38 anos, «vigarizou-a», ao afirmar, que apenas a tinha contratado pelas suas competências jornalísticas, ao passo que, na realidade, a sua aparência física também tinha importância.

A advogada da queixosa sublinhou durante o julgamento que a sua cliente não era efectivamente «uma rainha de beleza» mas que os directores da «KMBC» podiam ter-se dado conta disso nas entrevistas anteriores à sua contratação.

Os dirigentes da estação sempre negaram terem proferido essas palavras e explicaram que mudaram Christine Craft de trabalho por causa do desmoronamento dos índices de escuta às suas passagens na emissão■

Série sobre os Kennedy

Poder, paixão e sexo serão os principais ingredientes de uma série televisiva sobre a família Kennedy, que começou a ser filmada na Florida.

A série, que dura sete horas, intitula-se «Kennedy» e é produzida pela Televisão britânica, tendo já provocado alguma desconfiança por parte dos norte-americanos, mesmo antes de concluída.

Jim Goddard, o realizador britânico encarregado do trabalho, afirmou que o presidente norte-americano assassinado era uma figura mundial e isso «deu-lhe o direito de realizar aquele trabalho».

Esta série televisiva, que é uma mistura de tragédia shakespeariana e do melodrama «Dallas», tem «todos os ingredientes para vir a ser um êxito popular», dizem os seus autores.

«Kennedy» narra os mil dias que John passou na Casa Branca desde que foi eleito presidente dos Estados Unidos, em 1960 e será estreada a 22 de Novembro, data dos 20 anos da morte do presidente.

A série, que começa com a cena do assassinato em Dallas, explorará a inclinação do presidente assassinado pelas mulheres, contando a luta travada entre este e o director do FBI, Edgar Hoover, que dizia que, na Casa Branca, reinava a imoralidade■